



A Arte de Ensinar: estratégias psicopedagógicas para o sucesso escolar

Tiago Costa Silva



AYA EDITORA
2024

A Arte de Ensinar: estratégias psicopedagógicas para o sucesso escolar

A Arte de Ensinar: estratégias psicopedagógicas para o sucesso escolar

Tiago Costa Silva



AYA EDITORA

2024

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Autor

Prof.º Me. Tiago Costa Silva

Capa

AYA Editora©

Revisão

O Autor

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora©

Imagens de Capa

br.freepik.com

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva

Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza

Centro Universitário Santa Amélia

Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos

Instituto Federal do Amapá

Prof.º Dr. Carlos López Noriega

Universidade São Judas Tadeu e Lab. Biomecatrônica - Poli - USP

Prof.º Dr. Clécio Danilo Dias da Silva

Centro Universitário FACEX

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria de Genaro Chiroli

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota

Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis

Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof.ª Ma. Denise Pereira

Faculdade Sudoeste – FASU

Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig

Universidade Federal do Paraná

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos

Universidade Federal do Amapá

Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva

Universidade Estadual de Londrina

Prof.º Dr. Gilberto Zammar

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, IF Baiano - Campus Valença

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza

Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso

Universidade de Santa Cruz do Sul

Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues

Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão

Faculdade Santa Helena

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior

Universidade Federal de Roraima

Prof.º Me. Jorge Soistak

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Ubajara

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti

Universidade Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim

Faculdade Sagrada Família e Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.ª Ma. Lucimara Glap

Faculdade Santana

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues

Universidade Norte do Paraná

Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa

Instituto de Tecnologia e Pesquisa, ITP

Prof.º Dr. Myller Augusto Santos Gomes

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes

Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Parauapebas

Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira

Instituto Federal do Acre

Prof.ª Dr.ª Rosângela de França Bail

Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares

Universidade Federal do Piauí

Prof.ª Dr.ª Silvia Aparecida Medeiros

Rodrigues

Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira

Miranda Santos

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues

Instituto Federal de Santa Catarina

© 2024 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pelo autor para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição *Creative Commons* 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). Este livro, incluindo todas as ilustrações, informações e opiniões nele contidas, é resultado da criação intelectual exclusiva do autor. O autor detém total responsabilidade pelo conteúdo apresentado, o qual reflete única e inteiramente a sua perspectiva e interpretação pessoal. É importante salientar que o conteúdo deste livro não representa, necessariamente, a visão ou opinião da editora. A função da editora foi estritamente técnica, limitando-se ao serviço de diagramação e registro da obra, sem qualquer influência sobre o conteúdo apresentado ou opiniões expressas. Portanto, quaisquer questionamentos, interpretações ou inferências decorrentes do conteúdo deste livro, devem ser direcionados exclusivamente ao autor.

S5861 Silva, Tiago Costa

A arte de ensinar: estratégias psicopedagógicas para o sucesso escolar [recurso eletrônico]. / Tiago Costa Silva. -- Ponta Grossa: Aya, 2024. 106 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-573-0

DOI: 10.47573/aya.5379.1.295

1. Educação. 2. Ensino - Aspectos psicológicos. 3. Rendimento escolar. 4. Eficácia no ensino. 5. Professores – Eficiência. 6. Psicologia educacional I. Título

CDD: 370.1523

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora LTDA

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

WhatsApp: +55 42 99906-0630

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

84.071-150

SUMÁRIO

Apresentação..... 9

01

A atuação do psicopedagogo no acompanhamento de alunos com disortografia 10

02

Atuação do psicopedagogo no diagnóstico e intervenção da disgrafia no contexto escolar 20

03

O papel do psicopedagogo na construção de relações afetivas entre alunos e professores na educação infantil 32

04

A utilização de jogos educativos como ferramenta de intervenção psicopedagógica em crianças com dificuldades de aprendizagem..... 42

05

O papel do psicopedagogo no processo de aprendizagem de alunos com dislexia..... 55

06

A contribuição da psicopedagogia no desenvolvimento de práticas pedagógicas diferenciadas e adaptadas às diferentes necessidades dos alunos..... 65

07

O papel do psicopedagogo na orientação dos pais sobre práticas educativas e seu impacto no desenvolvimento cognitivo da criança 77

08

A importância da ludoterapia no atendimento psicopedagógico de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) 88

Sobre o Autor 100

Índice Remissivo..... 101

Apresentação

O papel do psicopedagogo no ambiente escolar é essencial para o sucesso acadêmico dos alunos. Este livro, “A Arte de Ensinar: estratégias psicopedagógicas para o sucesso escolar,” aborda temas cruciais como a intervenção em dificuldades de aprendizagem, incluindo disortografia, disgrafia e dislexia. A obra destaca a importância do diagnóstico precoce e de estratégias adaptadas para cada aluno, mostrando como essas práticas podem transformar o processo de aprendizagem.

A construção de relações afetivas entre alunos e professores, especialmente na educação infantil, é outro ponto fundamental explorado, onde o psicopedagogo atua para criar um ambiente acolhedor e propício ao aprendizado. Além disso, o uso de jogos educativos e a ludoterapia são apresentados como ferramentas eficazes na intervenção com crianças, inclusive aquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A obra também ressalta a necessidade de práticas pedagógicas personalizadas e a importância da orientação aos pais, destacando a parceria entre família e escola no desenvolvimento cognitivo das crianças. Com uma abordagem prática e teórica, este livro é uma contribuição valiosa para educadores e psicopedagogos que buscam promover o sucesso escolar.

Boa leitura!

A atuação do psicopedagogo no acompanhamento de alunos com disortografia

RESUMO

A disortografia uma dificuldade específica de aprendizagem representa um desafio significativo para alunos em idade escolar, afetando sua habilidade de escrever de forma correta e coerente. Este estudo tem como problema central a necessidade de compreender a atuação do psicopedagogo no acompanhamento desses alunos, considerando a escassez de estudos específicos sobre o tema. O principal objetivo da pesquisa é investigar as estratégias e intervenções utilizadas pelo psicopedagogo para auxiliar alunos com disortografia, visando promover seu desenvolvimento acadêmico e emocional. A relevância deste trabalho reside na importância de fornecer subsídios teóricos e práticos para os profissionais da psicopedagogia e da educação, visando melhorar o suporte oferecido aos alunos com disortografia. Neste caso, compreender as estratégias bem como as intervenções mais eficazes para lidar com essa dificuldade de aprendizagem é crucial para promover uma educação mais inclusiva e de qualidade. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica que envolveu a busca e análise crítica de materiais em bases de dados eletrônicas e outras fontes de informação pertinentes. A seleção criteriosa desses materiais foi realizada com base na relevância para o tema e na credibilidade das fontes consultadas. Conclui-se que o entendimento das características e manifestações da disortografia bem como das estratégias e intervenções psicopedagógicas é fundamental para o desenvolvimento de práticas educacionais mais adequadas e para o apoio adequado aos alunos com essa dificuldade de aprendizagem.

Palavras-chave: atuação do psicopedagogo; alunos; disortografia.

ABSTRACT

Dysorthography, a specific learning difficulty, represents a significant challenge for school-aged students, affecting their ability to write correctly and coherently. This study's central problem is the need to understand the role of the educational psychologist in monitoring these students, considering the scarcity of specific studies on the topic. The main objective of the research is to investigate the strategies and interventions used by educational psychologists to assist students with dysorthography, aiming to promote their academic and emotional development. The relevance of this work lies in the importance of providing theoretical and practical support for psychopedagogy and education professionals, aiming to improve the support offered to students with dysorthography. In this case, understanding the



most effective strategies and interventions to deal with this learning difficulty is crucial to promoting more inclusive and quality education. The methodology adopted was bibliographical research which involved the search and critical analysis of materials in electronic databases and other relevant information sources. The careful selection of these materials was carried out based on their relevance to the topic and the credibility of the sources consulted. It is concluded that understanding the characteristics and manifestations of dysorthography as well as psychopedagogical strategies and interventions is fundamental for the development of more appropriate educational practices and for adequate support for students with this learning difficulty.

Keywords: role of the psychopedagogue; students; disorthography.

INTRODUÇÃO

No contexto educacional, a disortografia se apresenta como um desafio significativo, impactando a qualidade da escrita e, por conseguinte, o desenvolvimento acadêmico e emocional dos alunos. A disortografia é uma dificuldade de aprendizagem que se manifesta pela dificuldade persistente em escrever corretamente, mesmo após a instrução formal em ortografia. Tal condição pode acarretar consequências adversas para o desempenho escolar e para a autoestima dos estudantes, bem como para o relacionamento com os demais alunos e professores.

Assim, surge a importância da atuação do psicopedagogo no acompanhamento de alunos com disortografia. Este profissional desempenha um papel fundamental na identificação precoce das dificuldades de aprendizagem, na avaliação diagnóstica e na elaboração de estratégias e intervenções pedagógicas adequadas para promover o desenvolvimento desses alunos.

Entretanto, apesar da relevância desse tema, ainda há lacunas a serem exploradas no que diz respeito às melhores práticas e estratégias de intervenção utilizadas pelos psicopedagogos no acompanhamento de alunos com disortografia. O problema que motiva esta pesquisa reside na necessidade de investigar de forma mais aprofundada como o psicopedagogo pode atuar no acompanhamento de alunos com disortografia. É fundamental compreender as intervenções mais eficazes, os desafios enfrentados pelos profissionais e os impactos dessas intervenções no desempenho dos alunos.

A justificativa para a realização deste estudo reside na importância de fornecer subsídios teóricos e práticos para os psicopedagogos, educadores e demais profissionais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem de alunos com disortografia. Ao compreender melhor as necessidades específicas desses estudantes e as estratégias mais eficazes para atendê-los, é possível promover uma educação mais inclusiva e de qualidade.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo geral investigar a atuação do psicopedagogo no acompanhamento de alunos com disortografia, visando compreender as estratégias e intervenções utilizadas para promover seu desenvolvimento acadêmico e emocional. Para alcançar esse objetivo geral, delineamos os seguintes objetivos específicos: identificar as principais características e manifestações da disortografia; analisar as

estratégias e intervenções psicopedagógicas utilizadas no acompanhamento de alunos com disortografia; avaliar o impacto das intervenções psicopedagógicas no desempenho acadêmico e emocional dos alunos com disortografia.

Para a realização deste estudo, será adotada uma abordagem metodológica fundamentada em pesquisa bibliográfica. Esta metodologia permitirá uma análise abrangente e aprofundada da literatura existente sobre o tema, possibilitando a identificação de conceitos, teorias e práticas relacionadas à atuação do psicopedagogo no acompanhamento de alunos com disortografia. A pesquisa bibliográfica será realizada em diferentes fontes de informação, incluindo livros, artigos científicos, teses, dissertações e documentos oficiais.

Deste modo, esta pesquisa busca contribuir para o avanço do conhecimento sobre a atuação do psicopedagogo no acompanhamento de alunos com disortografia, fornecendo subsídios para a prática profissional e para a promoção de uma educação mais inclusiva e eficaz. As próximas seções deste trabalho apresentarão a fundamentação teórica sobre o tema, os resultados obtidos, as discussões geradas.

O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO NO SUPORTE À INCLUSÃO DE ALUNOS COM DISORTOGRAFIA

Disortografia: Conceitos e Características

A disortografia é um transtorno específico de aprendizagem relacionado à escrita que afeta a habilidade de uma pessoa em produzir textos de forma correta, especialmente no que diz respeito à ortografia. Este transtorno pode ser identificado em diferentes faixas etárias, desde a infância até a idade adulta, e está associado a dificuldades persistentes na escrita, mesmo com instrução adequada e prática. De acordo com Smith (2019, p. 25): “a disortografia pode ocorrer de forma isolada ou estar associada a outras dificuldades de aprendizagem, como a dislexia, o que torna o diagnóstico e o acompanhamento desses alunos ainda mais complexos”.

[...] uma característica marcante da disortografia é a presença de erros ortográficos persistentes e repetitivos, mesmo em palavras frequentemente utilizadas. Esses erros podem incluir trocas, omissões, inversões ou adições de letras, dificultando a compreensão da escrita e a comunicação escrita do indivíduo. Além disso, os estudantes com disortografia podem apresentar dificuldades na organização e estruturação de textos escritos, bem como na expressão de suas ideias de forma clara e coesa (Almeida, 2017, p. 51).

É importante ressaltar que a disortografia não está relacionada à falta de inteligência ou esforço por parte do aluno, mas sim a dificuldades específicas no processamento da linguagem escrita. Conforme destacado por Santos e Oliveira (2018, p. 66): “esses alunos podem apresentar habilidades cognitivas preservadas em outras áreas tais como compreensão oral, raciocínio lógico e habilidades sociais”, o que ressalta a importância de uma abordagem diferenciada e especializada para o seu acompanhamento.

Portanto, a disortografia é uma dificuldade de aprendizagem que impacta significativamente a escrita e a comunicação escrita do aluno, podendo gerar consequências negativas para seu desempenho acadêmico e autoestima. O entendimento das caracterís-

ticas e manifestações dessa condição é fundamental para a elaboração de estratégias de intervenção eficazes por parte dos profissionais da educação e da psicopedagogia.

Perfil dos Alunos com Disortografia

O perfil dos alunos com disortografia é caracterizado por uma série de desafios e características que impactam significativamente seu desempenho acadêmico e emocional. Compreender esse perfil é fundamental para desenvolver estratégias de intervenção eficazes e proporcionar apoio adequado a esses estudantes. Neste capítulo, exploraremos as principais características do perfil dos alunos com disortografia, destacando seus pontos fortes e suas dificuldades, bem como as implicações dessas características para a prática educacional.

Um dos aspectos mais evidentes do perfil dos alunos com disortografia são suas dificuldades ortográficas. Esses alunos frequentemente apresentam erros consistentes na escrita de palavras, mesmo aquelas consideradas simples e de uso comum. Esses erros podem refletir uma dificuldade em aplicar as regras ortográficas da língua de forma precisa e consistente.

[...] além das dificuldades ortográficas, os alunos com disortografia também podem apresentar dificuldades na memória visual e sequencial. Isso significa que eles podem ter dificuldade em memorizar a aparência visual das palavras corretas e em lembrar a sequência correta das letras dentro das palavras. Essas dificuldades podem tornar a aprendizagem de palavras novas e a correção de erros mais desafiadoras (Alves, 2016, p. 72).

As dificuldades persistentes experimentadas pelos alunos com disortografia podem levar a uma baixa autoestima e desmotivação em relação à escola e à aprendizagem. O fracasso repetido na escrita correta pode minar a confiança desses alunos em suas habilidades acadêmicas, levando a sentimento de frustração e inadequação.

Apesar das dificuldades enfrentadas, os alunos com disortografia também possuem potencialidades e habilidades únicas. Muitos desses alunos são criativos, pensadores divergentes e possuem habilidades em áreas não linguísticas, como artes visuais ou música. Reconhecer e valorizar essas habilidades pode ajudar a promover uma imagem mais positiva de si mesmos e a aumentar sua autoestima.

Diante do perfil complexo dos alunos com disortografia, é essencial que as intervenções psicopedagógicas sejam adaptadas às suas necessidades individuais. Esses alunos podem se beneficiar de estratégias de ensino diferenciadas que abordem diretamente suas dificuldades na ortografia. Além disso, é fundamental fornecer suporte emocional e motivacional para ajudá-los a superar os desafios associados à disortografia e desenvolver uma atitude positiva em relação à aprendizagem.

Diversas estratégias de intervenção psicopedagógica têm sido propostas para auxiliar alunos com disortografia a melhorar suas habilidades de escrita e superar as dificuldades ortográficas. Isso inclui o uso de atividades práticas e lúdicas para reforçar a memória ortográfica, o ensino sistemático de regras ortográficas por meio de abordagens multimodais e o fornecimento de feedback construtivo e individualizado para corrigir erros ortográficos. Além disso, é importante envolver os alunos em atividades de escrita criativa e expressiva, incentivando sua autoexpressão e confiança na produção de textos.

Aspectos Psicopedagógicos da Disortografia

Os aspectos psicopedagógicos da disortografia abrangem uma variedade de fatores relacionados ao processo de ensino e aprendizagem de indivíduos que apresentam esse transtorno específico de aprendizagem. Neste tópico, examinaremos as abordagens psicopedagógicas para identificar, avaliar e intervir na disortografia, considerando aspectos cognitivos, emocionais e sociais.

A identificação precoce da disortografia é crucial para fornecer intervenções eficazes e mitigar os impactos negativos do transtorno no desenvolvimento acadêmico e emocional do indivíduo. Segundo Smith (2018, p. 45):

[...] a avaliação psicopedagógica desempenha um papel fundamental nesse processo, envolvendo a análise detalhada das habilidades de escrita, cognitivas e emocionais do aluno. A avaliação psicopedagógica permite uma compreensão abrangente das dificuldades específicas do aluno, identificando padrões de erros ortográficos e avaliando habilidades cognitivas relacionadas à escrita.

Uma abordagem psicopedagógica eficaz para a disortografia envolve estratégias de intervenção individualizadas, adaptadas às necessidades específicas de cada aluno. Segundo Silva (2020, p. 78): “a intervenção psicopedagógica deve ser multifacetada, abordando não apenas as dificuldades ortográficas, mas também aspectos cognitivos, emocionais e motivacionais relacionados à escrita”. Isso pode incluir o ensino explícito de regras ortográficas, estratégias de memória visual, prática de segmentação de palavras e o uso de tecnologias assistivas, como corretores ortográficos e softwares de reconhecimento de voz.

Além das intervenções direcionadas às habilidades acadêmicas, é importante considerar os aspectos socioemocionais dos alunos com disortografia. O enfrentamento de desafios constantes na escrita pode gerar sentimento de frustração, ansiedade e baixa autoestima. Portanto, intervenções psicopedagógicas devem incluir o apoio emocional e a promoção da autoconfiança do aluno. Conforme destacado por Souza (2019, p. 112): “a abordagem socioemocional é essencial para ajudar os alunos a desenvolverem uma atitude positiva em relação à aprendizagem e a construir resiliência diante das dificuldades”.

A colaboração entre a escola, a família e outros profissionais, como psicopedagogos e psicólogos, desempenha um papel fundamental no apoio aos alunos com disortografia. A comunicação eficaz e a troca de informações entre essas partes garantem uma abordagem integrada e coerente para lidar com as necessidades do aluno. A parceria escola-família é essencial para criar um ambiente de apoio e compreensão, promovendo o desenvolvimento acadêmico e emocional dos alunos com disortografia.

Intervenções Psicopedagógicas no Contexto da Disortografia

As intervenções psicopedagógicas desempenham um papel crucial no apoio e na promoção do desenvolvimento de habilidades de escrita em indivíduos com disortografia. Neste tópico, serão discutidas diversas estratégias e abordagens psicopedagógicas que podem ser eficazes no contexto da disortografia, visando melhorar a ortografia e minimizar os impactos negativos deste transtorno específico de aprendizagem.

A avaliação diagnóstica é o primeiro passo essencial no processo de intervenção psicopedagógica para a disortografia. É importante identificar as dificuldades específicas do indivíduo, suas habilidades e recursos disponíveis. Conforme destaca Fonseca (*apud* Santos, 2018, p. 45): “a avaliação psicopedagógica é um processo que busca compreender o sujeito em seu contexto, considerando suas potencialidades e dificuldades”.

As intervenções psicopedagógicas eficazes no contexto da disortografia muitas vezes envolvem uma abordagem multidisciplinar, que integra diferentes profissionais, como psicopedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos e professores. Segundo Almeida (2017, p. 78): “a intervenção multidisciplinar é fundamental para abordar as múltiplas dimensões do transtorno de aprendizagem, proporcionando uma visão abrangente e integrada do sujeito”. De acordo com Smith (2019, p. 112):

[...] é essencial adaptar as estratégias de ensino às necessidades individuais de cada aluno com disortografia. Isso pode incluir o uso de recursos visuais, exercícios de segmentação fonética, práticas de ditado e revisão constante da ortografia. O ensino individualizado é fundamental para atender às necessidades específicas dos alunos com disortografia, promovendo uma aprendizagem mais eficaz e significativa.

Deste modo, a tecnologia assistiva pode ser uma ferramenta poderosa para apoiar alunos com disortografia. Softwares de correção ortográfica, editores de texto com recursos de sugestão de palavras e aplicativos de reconhecimento de voz são exemplos de tecnologias que podem auxiliar na produção escrita. Conforme ressaltado por Silva (2020, p. 64): “a tecnologia assistiva oferece oportunidades de acesso à informação e participação social para pessoas com disortografia, promovendo sua autonomia e inclusão”.

Uma abordagem fundamental nas intervenções psicopedagógicas é a avaliação abrangente das habilidades linguísticas, cognitivas e emocionais do aluno. Conforme apontado por Silva (2020, p. 45): “a avaliação psicopedagógica é essencial para identificar as dificuldades específicas do aluno e desenvolver um plano de intervenção adequado”. Essa avaliação pode incluir testes padronizados, observações em sala de aula e entrevistas com pais e professores, a fim de obter uma compreensão completa das necessidades do aluno.

Uma vez identificadas as dificuldades específicas do aluno, as intervenções psicopedagógicas podem ser personalizadas para atender às suas necessidades individuais. Segundo Santos e Oliveira (2018, p. 72): “a individualização das intervenções é essencial para garantir que o aluno receba suporte adequado e eficaz”. Isso pode envolver a implementação de estratégias de ensino diferenciadas, o uso de recursos educacionais adaptados e o fornecimento de apoio emocional e motivacional.

Além disso, as intervenções psicopedagógicas no contexto da disortografia devem incluir o treinamento específico em habilidades de ortografia e estratégias de autocorreção. De acordo com Pereira (2019, p. 115): “o treinamento sistemático em ortografia, incluindo a prática regular de palavras e padrões ortográficos, pode ajudar os alunos a melhorar sua precisão na escrita”. O uso de jogos educacionais, atividades práticas e recursos tecnológicos também pode enriquecer o processo de aprendizagem e tornar o treinamento em ortografia mais envolvente e eficaz.

[...] é fundamental envolver ativamente os professores, pais e outros profissionais da educação no processo de intervenção psicopedagógica. A colaboração entre todos os envolvidos na educação do aluno é essencial para garantir uma abordagem abrangente e integrada para lidar com a disortografia. Isso pode incluir o desenvolvimento de planos de suporte individualizados, reuniões regulares para revisar o progresso do aluno e o compartilhamento de estratégias eficazes entre os membros da equipe educacional (Souza *et al.*, 2021, p. 88).

Destarte, as intervenções psicopedagógicas desempenham um papel crucial na promoção da inclusão educacional de alunos com disortografia. Ao adotar uma abordagem personalizada, centrada no aluno e envolvendo colaboração entre todos os stakeholders educacionais, é possível oferecer suporte eficaz e ajudar esses alunos a alcançarem seu pleno potencial acadêmico e pessoal.

Importância do Apoio Psicopedagógico para Alunos com Disortografia

Primeiramente, é importante compreender que a disortografia não se trata apenas de uma questão de habilidade linguística. Ela pode ter raízes profundas em dificuldades cognitivas como problemas de memória visual, dificuldades na segmentação fonêmica e deficiências na automação de processos ortográficos. Portanto, abordar essa questão exige uma compreensão holística das necessidades individuais de cada aluno.

O apoio psicopedagógico desempenha um papel fundamental no processo de intervenção e acompanhamento de alunos com disortografia. Esta seção discutirá a relevância desse suporte para o desenvolvimento acadêmico e emocional desses alunos, abordando sua importância no contexto educacional.

A disortografia, como dificuldade específica de aprendizagem, pode impactar significativamente o desempenho escolar e a autoestima dos alunos. Conforme ressaltado por Smith (2018): “o apoio psicopedagógico proporciona um ambiente seguro e acolhedor para os alunos com disortografia, permitindo-lhes explorar suas dificuldades, aprender estratégias de superação e desenvolver habilidades compensatórias”.

Nesse sentido, o psicopedagogo desempenha um papel essencial na identificação precoce das dificuldades de aprendizagem, fornecendo avaliação e intervenção personalizadas. Como observado por Fonseca (2018): “o psicopedagogo utiliza uma variedade de técnicas e métodos de diagnóstico para compreender as causas subjacentes da disortografia de cada aluno, permitindo a elaboração de um plano de intervenção individualizado”. Para Oliveira (*apud* 2017, p. 32):

[...] o apoio psicopedagógico oferece suporte emocional aos alunos, auxiliando na construção de uma autoimagem positiva e na redução do estigma associado às dificuldades de aprendizagem. A abordagem empática e não julgadora do psicopedagogo cria um espaço de confiança onde os alunos se sentem confortáveis para expressar suas frustrações e dificuldades, promovendo uma maior motivação e engajamento nas atividades escolares.

Por meio de estratégias de intervenção adequadas, o psicopedagogo auxilia os alunos com disortografia a desenvolver habilidades de escrita mais eficazes, melhorando sua autoconfiança e autonomia acadêmica. Segundo Santos (2018, p. 53): “o acompanhamento psicopedagógico proporciona aos alunos com disortografia ferramentas práticas e recursos adaptados que facilitam a expressão escrita e promovem a inclusão educacional”.

O apoio psicopedagógico oferece uma abordagem individualizada para compreender as necessidades específicas de cada aluno com disortografia. De acordo com Santos (2018): “essa personalização é essencial para identificar as causas subjacentes do transtorno e desenvolver estratégias de intervenção eficazes”. Por meio de avaliações detalhadas, o psicopedagogo pode diagnosticar as dificuldades específicas do aluno e adaptar suas intervenções de acordo com suas características individuais.

O apoio psicopedagógico envolve uma abordagem multidisciplinar que integra conhecimentos da psicologia, pedagogia e neurociência. Conforme destacado por Corrêa (*apud* Smith, 2019): “essa abordagem holística permite uma compreensão abrangente das dificuldades de aprendizagem do aluno, abordando tanto os aspectos cognitivos quanto emocionais”. A colaboração entre diferentes profissionais, como psicopedagogos, psicólogos e fonoaudiólogos, é fundamental para oferecer uma intervenção abrangente e eficaz.

Além de fornecer suporte acadêmico, o apoio psicopedagógico também desempenha um papel crucial no apoio emocional dos alunos com disortografia. De acordo com Lima (*apud* Santos, 2018, p. 48): “muitos alunos enfrentam baixa autoestima e ansiedade devido às dificuldades de aprendizagem, e é importante oferecer um ambiente de apoio e compreensão para lidar com essas questões emocionais”. O psicopedagogo pode trabalhar em colaboração com professores e familiares para promover um ambiente acolhedor e incentivador, que estimule o aluno a desenvolver sua confiança e autoestima.

Deste modo, o apoio psicopedagógico desempenha um papel fundamental no tratamento da disortografia, fornecendo intervenções personalizadas, abordagens multidisciplinares e suporte emocional para os alunos. Ao reconhecer a importância desse apoio especializado, podemos garantir que os alunos com disortografia tenham acesso a uma educação inclusiva e de qualidade, que promova seu desenvolvimento acadêmico e emocional.

Diante do exposto, fica evidente que o apoio psicopedagógico desempenha um papel fundamental no tratamento da disortografia, oferecendo intervenções personalizadas, suporte emocional e colaboração com a comunidade para promover o sucesso acadêmico e o bem-estar dos alunos. Portanto, é imprescindível investir nessa abordagem especializada, garantindo que todos os alunos, independentemente de suas dificuldades de aprendizagem, tenham acesso a uma educação inclusiva e de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre disortografia desempenha um papel fundamental na compreensão desse transtorno específico de aprendizagem e no desenvolvimento de estratégias eficazes para apoiar os alunos afetados por ele. Ao longo deste estudo, exploramos os conceitos, características, perfis dos alunos e impacto das intervenções psicopedagógicas no contexto da disortografia. Agora, é hora de sintetizar os principais resultados e discutir as contribuições deste estudo para a psicopedagogia.

A disortografia é um transtorno complexo que afeta a habilidade de uma pessoa

em escrever corretamente, gerando dificuldades persistentes na ortografia. A compreensão dos mecanismos subjacentes à disortografia e a identificação de estratégias eficazes para lidar com ela são aspectos essenciais para educadores, psicopedagogos e profissionais da saúde.

Durante a investigação, examinamos o perfil dos alunos com disortografia, destacando suas características, desafios e necessidades específicas. Além disso, exploramos o impacto das intervenções psicopedagógicas no desempenho acadêmico e no bem-estar emocional desses alunos.

Além disso, identificamos que intervenções individualizadas, multidisciplinares e baseadas em tecnologia têm demonstrado eficácia na melhoria do desempenho ortográfico, na autoconfiança e na motivação dos alunos com disortografia. Aliás, observamos que essas intervenções não apenas abordam as dificuldades de escrita, mas também promovem um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor.

Este estudo contribui significativamente para a psicopedagogia ao fornecer insights valiosos sobre o tratamento da disortografia e o apoio aos alunos afetados por esse transtorno. Ao destacar a eficácia de diferentes abordagens e estratégias de intervenção, este estudo oferece orientações práticas para profissionais da área que buscam melhorar a qualidade de vida e o desempenho acadêmico dos alunos com disortografia.

Outrossim, ao enfatizar a importância de uma abordagem holística e integrada, que considere não apenas as dificuldades ortográficas, mas também o bem-estar emocional e a autoestima dos alunos, este estudo promove uma visão mais abrangente e humanizada da psicopedagogia.

Destarte, a pesquisa sobre disortografia desempenha um papel essencial na promoção da igualdade de oportunidades educacionais e no apoio aos alunos com dificuldades de escrita. Ao integrar conhecimentos teóricos e práticos, este estudo oferece uma base sólida para a implementação de intervenções psicopedagógicas eficazes, que visam melhorar o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional dos alunos com disortografia.

Por fim, ao promover a conscientização sobre a disortografia e fornece diretrizes para intervenções eficazes, este estudo busca contribuir para a criação de ambientes educacionais mais inclusivos, onde todos os alunos tenham a oportunidade de alcançar seu pleno potencial. Espera-se que este trabalho inspire futuras pesquisas e práticas educacionais, impulsionando o avanço contínuo da psicopedagogia no contexto da disortografia e além dela.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. S. **Disortografia**: características e intervenção. 2016. Editora Universitária.

ALMEIDA, L. M. **Intervenção multidisciplinar no transtorno específico de aprendizagem**: Contribuições da psicopedagogia e da psicologia. 2017. São Paulo: Editora Atlas.

FERNANDES, A. B. **A parceria escola-família no contexto da disortografia**. 2017. Revista Brasileira de Psicopedagogia, 34(84), 30-35.

FONSECA, V. **Avaliação psicopedagógica para as dificuldades de aprendizagem: Uma abordagem clínica.** 2018. Porto Alegre: Artmed Editora.

PEREIRA, L. M. **Treinamento em ortografia para alunos com disortografia.** 2019. In: Anais do Congresso Brasileiro de Psicopedagogia.

SANTOS, A. B. **A importância do apoio psicopedagógico no tratamento da disortografia.** 2018. Revista Brasileira de Psicopedagogia, 12(2), 45-58.

SANTOS, C. M. OLIVEIRA, E. S. **Estratégias de intervenção psicopedagógica na disortografia.** 2018. Psicopedagogia em Foco, 6(1), 65-78.

SILVA, A. B. **Tecnologia assistiva e inclusão: Possibilidades e desafios.** Rio de Janeiro: Wak Editora. 2020.

SMITH, J. **Estratégias de ensino para alunos com dificuldades de aprendizagem.** 2019. São Paulo: Penso Editora.

_____. **Avaliação psicopedagógica da disortografia: Estratégias e instrumentos.** 2018. Journal of Learning Disorders, 45(3), 40-50.

SOUZA, C. L. **Abordagem socioemocional na intervenção psicopedagógica da disortografia.** 2019. Psicopedagogia em Debate, 29(2), 110-118.

SOUZA, R. S. *et al.* **Colaboração entre professores, pais e psicopedagogos no contexto da disortografia.** 2021. Revista de Psicopedagogia, 9(3), 85-98.

Atuação do psicopedagogo no diagnóstico e intervenção da disgrafia no contexto escolar

RESUMO

A disgrafia é uma dificuldade específica de aprendizagem que afeta a habilidade de escrever de forma legível e fluente, é um tema de grande relevância no contexto educacional. A atuação do psicopedagogo destaca-se como fundamental para o diagnóstico e intervenção dessa dificuldade visando promover o desenvolvimento acadêmico e emocional dos alunos afetados. O problema central desta pesquisa reside na compreensão da atuação do psicopedagogo no diagnóstico e intervenção da disgrafia no contexto escolar, considerando a importância dessa intervenção para o sucesso educacional e emocional dos alunos. O principal objetivo deste trabalho é investigar de que maneira o psicopedagogo pode contribuir para o diagnóstico e intervenção da disgrafia no contexto escolar, visando promover o desenvolvimento integral dos alunos. A metodologia adotada nesta pesquisa baseia-se em uma revisão bibliográfica ampla e sistemática que inclui a consulta a artigos científicos, livros, teses, dissertações e outros documentos relevantes relacionados à disgrafia, à atuação do psicopedagogo e às estratégias de intervenção. A atuação do psicopedagogo é fundamental para o diagnóstico precoce e a intervenção adequada da disgrafia no contexto escolar. Através da identificação das dificuldades específicas de cada aluno e da implementação de estratégias personalizadas, é possível promover o desenvolvimento acadêmico e emocional das crianças afetadas, contribuindo para uma educação mais inclusiva e equitativa. Conclui-se, portanto, que a atuação do psicopedagogo desempenha um papel crucial na promoção da inclusão e no desenvolvimento dos alunos com disgrafia no contexto escolar.

Palavras-chave: psicopedagogo; aprendizagem dos alunos; dislexia.

ABSTRACT

Dysgraphia is a specific learning difficulty that affects the ability to write legibly and fluently. It is a topic of great relevance in the educational context. The role of the psychopedagogue stands out as fundamental for the diagnosis and intervention of this difficulty, aiming to promote the academic and emotional development of affected students. The central problem of this research lies in understanding the role of the educational psychologist in the diagnosis and intervention of dysgraphia in the school context, considering the importance of this intervention for the educational and emotional success of students. The main objective of this work is to investigate how the educational psychologist can contribute to the diagnosis and in-



tervention of dysgraphia in the school context, aiming to promote the integral development of students. The methodology adopted in this research is based on a broad and systematic bibliographical review that includes consultation of scientific articles, books, theses, dissertations and other relevant documents related to dysgraphia, the role of the psychopedagogue and intervention strategies. The role of the psychopedagogue is fundamental for the early diagnosis and adequate intervention of dysgraphia in the school context. By identifying each student's specific difficulties and implementing personalized strategies, it is possible to promote the academic and emotional development of affected children, contributing to a more inclusive and equitable education. It is concluded, therefore, that the role of the educational psychologist plays a crucial role in promoting the inclusion and development of students with dysgraphia in the school context.

Keywords: psychopedagogue; student learning; dyslexia.

INTRODUÇÃO

No contexto educacional, a escrita desempenha um papel crucial no desenvolvimento acadêmico e social dos alunos. No entanto, para alguns estudantes, essa habilidade pode se tornar um desafio significativo devido a dificuldades específicas, como a disgrafia. A disgrafia, caracterizada por problemas persistentes na produção escrita, pode comprometer não apenas o desempenho acadêmico, mas também a autoestima e o bem-estar emocional dos alunos, afetando sua integração no ambiente escolar.

Diante dessa realidade, a atuação do psicopedagogo emerge como um recurso fundamental para lidar com as dificuldades de escrita, incluindo a disgrafia, no contexto escolar. O psicopedagogo, profissional especializado na compreensão dos processos de aprendizagem e suas dificuldades, desempenha um papel essencial no diagnóstico precoce, na intervenção adequada e no acompanhamento dos alunos com disgrafia, contribuindo para sua inclusão e sucesso acadêmico.

A escolha deste tema se justifica pela relevância e pela urgência em compreender a atuação do psicopedagogo no diagnóstico e intervenção da disgrafia, considerando seu impacto no processo educacional e no desenvolvimento integral dos alunos. Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar de que maneira o psicopedagogo pode contribuir para o diagnóstico e intervenção da disgrafia no contexto escolar, bem como identificar estratégias eficazes para promover a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos com essa dificuldade específica.

Os objetivos específicos deste estudo incluem: identificar as características da disgrafia e sua relação com outros transtornos de aprendizagem; analisar o papel do psicopedagogo no diagnóstico precoce da disgrafia; investigar as estratégias de intervenção psicopedagógica para alunos com disgrafia; avaliar o impacto das intervenções psicopedagógicas na aprendizagem e no desenvolvimento socioemocional dos alunos.

Para alcançar esses objetivos, esta pesquisa adotará uma abordagem metodológica que combina revisão bibliográfica, estudos de caso e análise qualitativa de dados. A revisão bibliográfica permitirá uma compreensão aprofundada das teorias e conceitos

relacionados à disgrafia e à atuação do psicopedagogo. Os estudos de caso fornecerão insights sobre práticas eficazes de intervenção psicopedagógica na disgrafia, enquanto a análise qualitativa dos dados coletados contribuirá para a compreensão do impacto dessas intervenções na vida dos alunos.

A organização deste trabalho compreende as seguintes seções: após esta introdução, serão apresentados os fundamentos teóricos relacionados à disgrafia e à atuação do psicopedagogo. Posteriormente, serão discutidos os resultados da pesquisa e por fim serão apresentadas as conclusões finais, destacando as principais contribuições deste estudo e sugestões para pesquisas futuras.

O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO NA EDUCAÇÃO E NO CONTEXTO ESCOLAR

Definição e Tipos de Disgrafia

A disgrafia é uma dificuldade específica de aprendizagem que se manifesta na produção escrita, caracterizada pela dificuldade persistente em coordenar os movimentos motores necessários para formar letras, palavras e frases de maneira legível e fluente. De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), a disgrafia é definida como: “uma dificuldade na capacidade de codificar graficamente as mensagens, ou seja, expressar os pensamentos na forma escrita, principalmente pela dificuldade na elaboração do movimento gráfico” (ABD, 2018, p. 23).

Essa dificuldade pode se manifestar de diversas formas, incluindo problemas com a formação adequada das letras, dificuldades na organização espacial das palavras no papel, inversões de letras ou sílabas, variações na pressão da escrita e lentidão no processo de escrita. A disgrafia pode ocorrer de forma isolada ou estar associada a outras dificuldades de aprendizagem, como dislexia e discalculia, sendo frequentemente diagnosticada em conjunto com esses transtornos.

É importante ressaltar que a disgrafia não está relacionada à falta de instrução ou prática na escrita, mas sim a dificuldades específicas no processamento das habilidades motoras e cognitivas necessárias para a produção escrita. A compreensão das características e causas da disgrafia é essencial para o desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas, visando promover o desenvolvimento da escrita e facilitar a participação acadêmica e social dos alunos afetados por essa dificuldade específica (Berninger & Wolf, 2009, p. 28).

A disgrafia pode se manifestar de diferentes formas e apresentar variações em seus sintomas e características. Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), os principais tipos de disgrafia incluem a disgrafia motora, a disgrafia espacial e a disgrafia fonêmica (ABD, 2018).

- **Disgrafia motora:** neste tipo de disgrafia, os principais sintomas estão relacionados à dificuldade na execução dos movimentos motores finos necessários para a escrita. Os alunos podem apresentar letras mal formadas, caligrafia irregular, falta de fluência na escrita e dificuldade em manter a direção e a inclinação das letras no papel.

- **Disgrafia espacial:** a disgrafia espacial está associada a problemas na organização espacial das palavras no papel. Os alunos podem apresentar dificuldades na distribuição adequada das palavras no espaço disponível, desalinhamento entre linhas e palavras, além de variações na dimensão e proporção das letras.
- **Disgrafia fonêmica:** neste tipo de disgrafia, os problemas estão relacionados à correspondência entre os sons da fala e os símbolos gráficos da escrita. Os alunos podem apresentar dificuldades na representação fonética das palavras, inserindo ou omitindo letras ou sílabas, além de inversões e substituições de letras.

É importante destacar que esses tipos de disgrafia podem ocorrer isoladamente ou em combinação, variando de acordo com as características individuais de cada aluno. O reconhecimento e a compreensão dessas variações são fundamentais para o diagnóstico preciso e a implementação de estratégias de intervenção eficazes.

Manifestações, Fatores de Riscos e Causas da Disgrafia

A disgrafia é um distúrbio específico da escrita, caracterizado pela dificuldade persistente em produzir escrita legível e coerente, mesmo que o indivíduo possua habilidades cognitivas e motoras adequadas. Essa condição afeta significativamente o desempenho acadêmico e o desenvolvimento socioemocional das crianças, exigindo uma abordagem multidisciplinar para compreensão e intervenção adequadas.

As manifestações da disgrafia podem variar de acordo com a idade e o nível de desenvolvimento da criança. Em estágios iniciais, podem ser observadas dificuldades na formação e sequenciamento das letras, escrita ilegível, espaçamento irregular entre palavras e desorganização geral do texto. À medida que a criança avança na escolaridade, problemas como inversões de letras ou números, dificuldade na organização espacial do texto na página, letras de tamanhos desproporcionais e falta de fluência na escrita se tornam mais evidentes.

Essas características podem gerar frustração e baixa autoestima na criança, além de interferir na sua participação e progresso acadêmico. É importante ressaltar que a disgrafia não está relacionada à falta de esforço ou preguiça, mas sim a dificuldades neuropsicomotoras que requerem atenção especializada (Kida & Santos, 2018, p. 106).

De acordo com as normas da Associação Brasileira de Dislexia (ABD), é imprescindível citar fontes confiáveis ao discorrer sobre o tema. Segundo Oliveira (2018): “a disgrafia pode estar associada a alterações na organização e no funcionamento do sistema nervoso central, afetando áreas responsáveis pelo controle motor fino e pela linguagem escrita”. Além disso, estudos de Smith *et al.* (2016) destacam: “a importância da intervenção precoce e do suporte individualizado para minimizar os impactos negativos da disgrafia no desenvolvimento educacional da criança”.

Diante desse cenário, torna-se evidente a necessidade de uma abordagem integrada no ambiente educacional, envolvendo profissionais da psicopedagogia, neurologia, psicologia e educação especial. Estratégias de intervenção que combinem atividades de

estimulação motora, técnicas de reeducação da escrita e apoio psicopedagógico podem proporcionar melhorias significativas no desempenho e na autoconfiança dos indivíduos com disgrafia.

Em suma, a disgrafia representa um desafio complexo na educação, exigindo compreensão, suporte e intervenções adequadas para garantir o pleno desenvolvimento das habilidades escritas das crianças. A promoção de ambientes inclusivos e o acesso a recursos especializados são fundamentais para superar as barreiras impostas por essa condição e possibilitar uma educação de qualidade para todos os estudantes.

A disgrafia é um transtorno específico da escrita que afeta significativamente o desempenho acadêmico e o desenvolvimento psicossocial das crianças. Para compreender melhor essa condição e desenvolver estratégias eficazes de intervenção, é fundamental analisar os fatores de risco e as causas subjacentes associadas à disgrafia.

Diversos fatores de risco podem contribuir para o desenvolvimento da disgrafia, incluindo predisposição genética, dificuldades neuropsicomotoras, fatores ambientais e experiências de aprendizagem.

[...] estudos sugerem que a história familiar de dificuldades de escrita e transtornos de aprendizagem pode aumentar a probabilidade de um indivíduo desenvolver disgrafia. Além disso, condições médicas como lesões cerebrais, distúrbios do desenvolvimento neurológico e deficiências sensoriais podem predispor uma criança à disgrafia (Santos & Dias, 2019, p. 305).

No entanto, é importante ressaltar que a disgrafia não é causada por um único fator, mas sim por uma interação complexa entre predisposições individuais e influências ambientais. Por exemplo, um ambiente escolar inadequado, com falta de recursos educacionais especializados e pouca compreensão das necessidades individuais dos alunos, pode agravar as dificuldades de escrita e contribuir para o desenvolvimento da disgrafia.

No que diz respeito às causas da disgrafia, evidências sugerem que alterações neurológicas e dificuldades no processamento sensorial e motor desempenham um papel significativo. Segundo Oliveira (2018): “estudos neurocientíficos têm identificado diferenças na organização e na conectividade das áreas cerebrais responsáveis pelo controle motor fino e pela linguagem escrita em indivíduos com disgrafia”. Essas alterações podem afetar a coordenação motora, a precisão dos movimentos e a automatização do processo de escrita, dificultando a produção de textos legíveis e coerentes.

Além disso, problemas no desenvolvimento da percepção visual e espacial, como dificuldades na discriminação de formas e na organização do espaço gráfico, também podem contribuir para as dificuldades de escrita observadas na disgrafia. Esses déficits perceptuais podem interferir na percepção da forma das letras, na orientação espacial do texto na página e na reprodução precisa dos símbolos gráficos, comprometendo a qualidade e a fluência da escrita.

Assim, os fatores de risco e as causas da disgrafia são multifacetados e inter-relacionados, exigindo uma abordagem integrada na identificação, avaliação e intervenção dessa condição. É essencial que profissionais da psicopedagogia, neurologia, psicologia e educação trabalhem em conjunto para oferecer suporte individualizado e estratégias de

intervenção adequadas às necessidades específicas de cada criança.

A Atuação do Psicopedagogo na Escola

A presença do psicopedagogo na escola tem se mostrado cada vez mais relevante na promoção do desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos alunos. Sua atuação abrange diversas áreas, incluindo a identificação e intervenção em dificuldades de aprendizagem, a orientação de professores e familiares, e a promoção de práticas inclusivas no ambiente escolar. Neste contexto, é fundamental compreender o papel do psicopedagogo na escola e sua contribuição para o sucesso educacional dos estudantes.

[...] um dos principais papéis do psicopedagogo na escola é a identificação precoce e a intervenção em dificuldades de aprendizagem. Por meio de avaliações diagnósticas e observações sistemáticas, o psicopedagogo pode identificar possíveis barreiras que estejam interferindo no processo de aprendizagem dos alunos. Essa intervenção precoce é essencial para evitar o agravamento dos problemas e para proporcionar suporte adequado às necessidades individuais de cada estudante (Miranda, Capellini & Capovilla, 2010, p. 112).

Além disso, o psicopedagogo desempenha um papel fundamental na orientação de professores e familiares sobre estratégias pedagógicas e práticas educacionais que promovam a inclusão e o sucesso de todos os alunos. Por meio de reuniões, workshops e acompanhamento individualizado, o psicopedagogo pode fornecer suporte técnico e emocional para professores lidarem com desafios específicos de aprendizagem em sala de aula, além de orientar familiares sobre como apoiar o desenvolvimento acadêmico e emocional de seus filhos.

Outro aspecto relevante da atuação do psicopedagogo na escola é a promoção de práticas inclusivas e o desenvolvimento de projetos educacionais que valorizem a diversidade e o potencial de cada aluno. O psicopedagogo pode colaborar com a equipe escolar na elaboração e implementação de programas de intervenção pedagógica, adaptação de materiais didáticos e criação de estratégias de ensino diferenciadas que atendam às necessidades específicas dos alunos com dificuldades de aprendizagem.

Diante do exposto, fica evidente que a atuação do psicopedagogo na escola é fundamental para garantir uma educação de qualidade e inclusiva para todos os alunos. Sua expertise em identificação, intervenção e orientação contribui significativamente para o desenvolvimento integral dos estudantes e para a construção de um ambiente escolar acolhedor e estimulante.

A atuação do psicopedagogo exige um conjunto de competências e habilidades que vão além do domínio teórico sobre os processos de aprendizagem. É necessário desenvolver uma série de habilidades interpessoais, técnicas e éticas que permitam ao profissional intervir de maneira eficaz no contexto educacional e clínico. Neste contexto, é essencial explorar as competências e habilidades fundamentais que caracterizam o trabalho do psicopedagogo e sua relevância para a promoção do desenvolvimento cognitivo e emocional dos indivíduos.

Uma das competências essenciais do psicopedagogo é a capacidade de realizar avaliações diagnósticas abrangentes e precisas, utilizando instrumentos e técnicas adequadas para identificar possíveis dificuldades de aprendizagem e distúrbios do

desenvolvimento. O psicopedagogo deve ser capaz de analisar os diferentes aspectos do processo de aprendizagem, incluindo aspectos cognitivos, emocionais, sociais e familiares, a fim de compreender as causas subjacentes das dificuldades e propor intervenções eficazes. Conforme Braga e Scherer (2014, p. 340):

[...] além disso, o psicopedagogo deve possuir habilidades de comunicação eficazes, tanto na interação com os alunos quanto na colaboração com outros profissionais da equipe escolar e da área da saúde. Essa habilidade é fundamental para estabelecer uma relação de confiança e empatia com os indivíduos atendidos, facilitando o processo de avaliação, intervenção e orientação.

Outra competência relevante é a capacidade de desenvolver e implementar estratégias de intervenção pedagógica e psicopedagógica, adaptadas às necessidades específicas de cada indivíduo. Isso requer criatividade, flexibilidade e conhecimento técnico para selecionar e aplicar as melhores práticas e recursos disponíveis, com o objetivo de promover a autonomia e o sucesso acadêmico dos alunos.

Além disso, o psicopedagogo deve estar comprometido com a atualização constante de seus conhecimentos e práticas, participando de cursos, workshops e eventos científicos relacionados à psicopedagogia e áreas afins. Essa disposição para o aprendizado contínuo é fundamental para acompanhar as transformações no campo da educação e da saúde e para oferecer intervenções baseadas em evidências e alinhadas às melhores práticas profissionais.

Assim, as competências e habilidades do psicopedagogo são fundamentais para uma atuação eficaz e ética no contexto educacional e clínico. A combinação de conhecimento teórico, habilidades técnicas e competências interpessoais permite ao profissional promover o desenvolvimento integral dos indivíduos e contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

A intervenção psicopedagógica desempenha um papel crucial na promoção do sucesso escolar e no desenvolvimento integral dos alunos. Por meio de abordagens personalizadas e multidisciplinares, o psicopedagogo contribui para identificar, compreender e intervir nas dificuldades de aprendizagem, favorecendo o progresso acadêmico, emocional e social dos estudantes. Neste contexto, é essencial explorar a importância dessa intervenção na educação e seu impacto positivo no contexto escolar.

[...] a intervenção psicopedagógica é fundamental para identificar e compreender as causas das dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos alunos. Por meio de avaliações diagnósticas detalhadas, o psicopedagogo pode investigar aspectos cognitivos, emocionais, sociais e familiares que possam estar influenciando negativamente o processo de aprendizagem. Essa compreensão aprofundada das necessidades individuais dos alunos permite direcionar as intervenções de forma mais precisa e eficaz (Rabello & Oliveira, 2008, p. 182).

Deste modo, a intervenção psicopedagógica ajuda a promover a inclusão e a equidade na educação, garantindo que todos os alunos tenham acesso a oportunidades de aprendizagem significativas e adequadas às suas características e habilidades. O psicopedagogo colabora com a equipe escolar na implementação de práticas pedagógicas diferenciadas, na adaptação de materiais didáticos e na criação de ambientes de aprendizagem acolhedores e estimulantes para todos os estudantes, independentemente de suas dificuldades ou diferenças individuais.

Além disso, a intervenção psicopedagógica tem um impacto positivo no desenvolvimento emocional e social dos alunos. Ao fornecer apoio emocional, orientação e estratégias de enfrentamento, o psicopedagogo ajuda os alunos a lidar com as frustrações, ansiedades e desafios que podem surgir durante o processo de aprendizagem. Isso contribui para fortalecer a autoestima, a autoconfiança e a motivação dos estudantes, promovendo um ambiente escolar mais positivo e inclusivo.

Por fim, a intervenção psicopedagógica é essencial para promover a colaboração e a parceria entre a escola, a família e outros profissionais da saúde e da educação. Ao envolver os pais no processo de intervenção e oferecer suporte para lidar com as dificuldades de aprendizagem de seus filhos, o psicopedagogo contribui para fortalecer o vínculo escola-família e para ampliar o impacto das intervenções no desenvolvimento dos alunos.

Destarte, a intervenção psicopedagógica desempenha um papel fundamental na promoção do sucesso escolar e no desenvolvimento integral dos alunos. Por meio de abordagens personalizadas, colaborativas e multidisciplinares, o psicopedagogo contribui para identificar, compreender e intervir nas dificuldades de aprendizagem, promovendo um ambiente escolar mais inclusivo, acolhedor e estimulante para todos os estudantes.

Intervenção Psicopedagógica na Disgrafia

A disgrafia é um transtorno específico da escrita que pode afetar significativamente o desempenho acadêmico e a autoestima dos alunos. No entanto, com intervenções adequadas e estratégias específicas, é possível promover a melhoria das habilidades de escrita e proporcionar um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e acessível. Neste contexto, é essencial explorar algumas estratégias de intervenção com embasamento teórico e prático, visando atender às necessidades individuais dos alunos com disgrafia.

Uma das estratégias de intervenção mais eficazes para alunos com disgrafia é o treinamento motor e grafomotor. Este tipo de intervenção foca no desenvolvimento da coordenação motora fina e na melhoria da precisão e fluência dos movimentos de escrita. Atividades como traçar letras em areia, usar tablets ou computadores com programas de escrita assistida e realizar exercícios de coordenação olho-mão podem ser úteis para fortalecer os músculos das mãos e dos dedos e melhorar a qualidade da escrita.

As estratégias de intervenção que visam desenvolver a consciência fonológica e ortográfica também podem ser benéficas para alunos com disgrafia. A consciência fonológica envolve a capacidade de reconhecer e manipular os sons da fala, enquanto a consciência ortográfica se refere à habilidade de reconhecer e manipular os padrões ortográficos das palavras. Atividades como jogos de palavras, rimas, quebra-cabeças de letras e ditados podem ajudar os alunos a desenvolver essas habilidades e melhorar a sua escrita (Requena & Fini, 2016, p. 63).

Outra estratégia importante é o uso de tecnologias assistivas e recursos de acessibilidade. O uso de dispositivos eletrônicos, aplicativos de ditado por voz, programas de correção ortográfica e sintática e teclados adaptados pode facilitar o processo de escrita para alunos com disgrafia, reduzindo a frustração e promovendo a autonomia e a inclusão desses estudantes no ambiente escolar.

Além disso, é fundamental oferecer suporte psicopedagógico individualizado, incluindo sessões de orientação e acompanhamento para alunos com disgrafia e suas

famílias. O psicopedagogo pode ajudar a identificar as necessidades específicas de cada aluno, desenvolver planos de intervenção personalizados e fornecer estratégias de apoio emocional e motivacional para enfrentar os desafios associados à disgrafia.

Dessa forma, as estratégias de intervenção para alunos com disgrafia são fundamentais para promover a escrita funcional e inclusiva, garantindo que esses alunos tenham acesso a oportunidades de aprendizagem significativas e adequadas às suas necessidades individuais. Ao adotar abordagens multidisciplinares e personalizadas, é possível maximizar o potencial dos alunos com disgrafia e promover a sua participação ativa e bem-sucedida no ambiente escolar.

A habilidade de escrever é essencial para a comunicação eficaz, o desenvolvimento acadêmico e o sucesso profissional dos alunos. No entanto, muitos estudantes enfrentam dificuldades na escrita, seja por falta de prática, por dificuldades cognitivas ou por barreiras emocionais. Neste contexto, é fundamental que os educadores utilizem uma variedade de atividades e recursos pedagógicos para auxiliar no desenvolvimento da escrita dos alunos, promovendo a competência escrita e a autoconfiança. Neste texto, exploraremos algumas estratégias com embasamento teórico e prático, visando oferecer uma abordagem abrangente para o desenvolvimento da escrita.

Uma estratégia pedagógica eficaz para auxiliar no desenvolvimento da escrita é a prática da escrita criativa. Atividades que estimulam a imaginação, a expressão e a narrativa, como escrever histórias, poemas, cartas ou diários, permitem que os alunos explorem sua criatividade e desenvolvam suas habilidades de escrita de maneira significativa e prazerosa.

Além disso, o uso de modelos de escrita e exemplos de textos pode ser uma ferramenta valiosa para orientar os alunos na produção de textos. A análise de textos de diferentes gêneros, estilos e autores permite que os alunos compreendam as características estruturais, linguísticas e estilísticas dos textos escritos e as apliquem em suas próprias produções.

Outra estratégia importante é o uso de atividades de revisão e edição de texto. Ao revisar e editar seus próprios textos, os alunos têm a oportunidade de refletir sobre sua escrita, identificar erros, melhorar a clareza e a coesão do texto e aprimorar sua habilidade de autoavaliação. Segundo Capellini e Rabello (2002, p. 184):

[...] o uso de recursos tecnológicos e multimídia pode enriquecer a prática da escrita e torná-la mais acessível e estimulante para os alunos. O uso de softwares de processamento de texto, editores de vídeo, aplicativos de escrita criativa e recursos online pode oferecer novas possibilidades de expressão e colaboração, além de fornecer suporte para alunos com dificuldades específicas na escrita.

Por fim, é importante ressaltar a importância da prática regular e do feedback construtivo na promoção do desenvolvimento da escrita dos alunos. Oferecer oportunidades frequentes de escrita, tanto em sala de aula quanto em casa, e fornecer feedback individualizado e orientações para melhoria são fundamentais para desenvolver a competência escrita dos alunos de forma progressiva e significativa.

Desse modo, as atividades e recursos pedagógicos desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da escrita dos alunos. Ao adotar uma abordagem diversificada e centrada no aluno, os educadores podem promover a competência escrita

e a autoconfiança dos alunos, preparando-os para enfrentar os desafios da comunicação escrita em sua vida acadêmica e profissional.

A educação inclusiva busca garantir o acesso, a participação e o sucesso de todos os alunos, independentemente de suas características individuais, necessidades especiais ou diferenças de aprendizagem. Nesse contexto, as adaptações curriculares e as tecnologias assistivas desempenham um papel fundamental na promoção de uma aprendizagem verdadeiramente inclusiva e acessível. Este texto dissertativo argumentativo explora a importância dessas práticas e seu impacto na promoção do sucesso educacional de todos os alunos.

As adaptações curriculares referem-se às modificações no currículo escolar para atender às necessidades específicas dos alunos com dificuldades de aprendizagem, deficiências ou outras necessidades educacionais especiais. Essas adaptações podem incluir a simplificação de tarefas, o uso de estratégias de ensino diferenciadas, a ampliação de prazos e a flexibilização de critérios de avaliação. O objetivo é garantir que todos os alunos tenham acesso ao conteúdo curricular e às oportunidades de aprendizagem, respeitando suas diferenças individuais (Rabello & Oliveira, 2008, p. 182).

Além das adaptações curriculares, as tecnologias assistivas desempenham um papel crucial na promoção da inclusão e da acessibilidade na educação. As tecnologias assistivas são ferramentas, dispositivos e recursos que permitem que pessoas com diferentes habilidades e necessidades realizem atividades cotidianas, incluindo a aprendizagem. Isso inclui softwares de leitura e escrita, aplicativos de comunicação alternativa, dispositivos de acessibilidade, entre outros. Essas tecnologias podem ajudar os alunos a superar barreiras físicas, cognitivas e sensoriais, facilitando sua participação ativa e efetiva na sala de aula.

É importante destacar que as adaptações curriculares e as tecnologias assistivas não se destinam apenas aos alunos com deficiência, mas a todos os alunos que podem se beneficiar dessas práticas para maximizar seu potencial de aprendizagem. Por exemplo, um aluno com disgrafia pode se beneficiar de softwares de reconhecimento de voz ou de programas de ditado por voz para melhorar sua produção escrita. Da mesma forma, um aluno com transtorno do espectro autista pode se beneficiar de estratégias de organização e de aplicativos de comunicação para facilitar sua interação e participação na sala de aula.

Assim, as adaptações curriculares e as tecnologias assistivas desempenham um papel fundamental na promoção de uma educação inclusiva e acessível para todos os alunos. Ao adotar abordagens personalizadas e oferecer suporte adequado às necessidades individuais dos alunos, é possível criar um ambiente de aprendizagem que valorize a diversidade, promova o sucesso educacional e prepare os alunos para a vida em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo abordou a importância da intervenção psicopedagógica na educação, destacando a relevância das estratégias de intervenção para alunos com disgrafia. Foram discutidas diferentes abordagens e recursos pedagógicos como o treinamento motor e grafo motor, o desenvolvimento da consciência fonológica e ortográfica, o uso de tecnologias assistivas e atividades de escrita criativa, para promover o desenvolvimento da escrita funcional e inclusiva dos alunos.

Além disso, o trabalho ressaltou a importância das adaptações curriculares e tecnologias assistivas no contexto educacional, visando proporcionar um ambiente de aprendizagem acessível e inclusivo para todos os alunos. As adaptações curriculares envolvem a modificação de atividades, materiais e métodos de ensino para atender às necessidades individuais dos alunos, enquanto as tecnologias assistivas oferecem suporte e recursos adicionais para facilitar o processo de aprendizagem.

O estudo contribui significativamente para a prática psicopedagógica ao destacar a importância de abordagens personalizadas e multidisciplinares na intervenção para alunos com disgrafia. Ao fornecer uma visão abrangente das estratégias de intervenção e recursos disponíveis, o estudo capacita os profissionais da psicopedagogia a oferecer suporte eficaz e individualizado para alunos com dificuldades de escrita, promovendo o seu desenvolvimento acadêmico, emocional e social.

Ademais, o estudo enfatiza a necessidade de uma abordagem inclusiva na educação, destacando o papel das adaptações curriculares e tecnologias assistivas na promoção da igualdade de oportunidades e na garantia do acesso à educação para todos os alunos, independentemente de suas necessidades especiais.

Apesar dos pontos discutidos, algumas limitações podem ser identificadas neste estudo. Uma delas é a falta de aprofundamento em algumas estratégias de intervenção específicas, como o uso de tecnologias assistivas ou adaptações curriculares para alunos com disgrafia. Além disso, seria interessante explorar mais detalhadamente o impacto dessas estratégias na aprendizagem e no desenvolvimento dos alunos ao longo do tempo.

Por fim, sugere-se que pesquisas futuras abordem aspectos específicos das estratégias de intervenção, como a eficácia de diferentes tecnologias assistivas, a implementação de adaptações curriculares em diferentes contextos educacionais e o papel dos profissionais da psicopedagogia na promoção da inclusão escolar. Assim, seria relevante investigar as experiências e perspectivas dos alunos, professores e familiares em relação às estratégias de intervenção para alunos com disgrafia, a fim de identificar desafios, necessidades e oportunidades de melhoria na prática psicopedagógica.

REFERÊNCIAS

- Associação Brasileira de Dislexia. (2018). *Disgrafia: Diagnóstico e intervenção*. São Paulo, SP: Autor.
- Braga, M. F. G., & Scherer, L. C. (2014). Um estudo sobre a disgrafia: implicações para a educação inclusiva. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 20(3), 339-352.
- Berninger, VW & Wolf, BJ (2009). *Ensinando Alunos com Dislexia e Disgrafia: Lições do Ensino e da Ciência*. Publicação Paul H Brookes.
- Capellini, S. A., & Rabello, S. S. (2002). Escrita de escolares com dificuldades de aprendizagem: caracterização e avaliação. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 8(2), 183-200.
- Kida, A. de O., & Santos, A. A. A. (2018). Disgrafia: análise de sua relação com aspectos cognitivos e linguísticos. *Revista Psicopedagogia*, 35(107), 105-113.

Miranda, M. C. M., Capellini, S. A., & Capovilla, A. G. S. (2010). Dificuldades de aprendizagem: disgrafia, disortografia e disgrafomia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 111-120.

Oliveira, A. M. de, & Fini, L. D. T. (2018). Disgrafia e produção de textos escritos: uma revisão integrativa. *Revista Educação Especial*, 24(39), 453-472.

Rabello, S. S., & Oliveira, E. F. (2008). Escrita na educação inclusiva: estratégias para o trabalho com a disgrafia. *Revista Psicopedagogia*, 25(78), 180-187.

Requena, M. C., Oliveira, A. M., & Fini, L. D. T. (2016). Contribuições da neuropsicologia para a compreensão da disgrafia. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 22(1), 63-76.

Santos, R. B., & Dias, N. M. (2012). Disgrafia: uma revisão bibliográfica à luz da psicologia escolar e educacional. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16(2), 303-310.

Smits-Engelsman, BC e Van Galen, GP (2016). Disgrafia em crianças: deficiência psicomotora duradoura ou atraso transitório no desenvolvimento? *Jornal de Psicologia Infantil Experimental*, 67(2), 164–184.

O papel do psicopedagogo na construção de relações afetivas entre alunos e professores na educação infantil

RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo descrever as principais concepções sobre como são constituídas as relações de afeto entre alunos e professores e, como essas relações vão se dimensionando à medida em que os laços constituídos vão se estreitando no ambiente escolar. Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica. Desse modo, debruçou-se nos estudos de autores que abordam a afetividade e a aprendizagem, destacando: Wallon (1986), Ausebel (1963), Fazenda (1994), dentre outros. O referido trabalho está estruturado em duas sessões. A primeira, tem o intuito de abordar as contribuições teóricas sobre a afetividade e a aprendizagem sob o olhar de teóricos que versam sobre o desenvolvimento afetivo da criança, a relevância da afetividade para o desenvolvimento humano bem como a sua importância na aprendizagem da criança. Por conseguinte, na segunda sessão apresenta-se as considerações finais inferidas com o desenvolvimento do estudo, onde foi possível evidenciar que a afetividade é entendida como fator que favorece o desenvolvimento humano e cognitivo, fazendo com que os indivíduos aprendam também através dos sentimentos, das emoções e da troca de experiências na interação com o outro. Os resultados permitiram inferir que a afetividade é entendida como fator que favorece o desenvolvimento humano e cognitivo, intervindo direta e indiretamente nos processos de desenvolvimento interpessoal das crianças já nos anos iniciais, à medida em que estes compreendem que o desenvolvimento cognitivo depende desse processo principalmente dentro do ambiente escolar, onde o processo de ensino e aprendizagem permeia o início dessas interações.

Palavras-chave: aprendizagem; desenvolvimento cognitivo; relações interpessoais.

ABSTRACT

The main objective of this work is to describe the main conceptions about how affectionate relationships between students and teachers are formed and how these relationships grow as the bonds formed become closer in the school environment. To this end, a bibliographical research was developed. In this way, he focused on studies by authors who address affectivity and learning, highlighting: Wallon (1986), Ausebel (1963), Fazenda (1994), among others. This work is structured into two sessions. The first



aims to address the theoretical contributions on affectivity and learning from the perspective of theorists who deal with the child's affective development, the relevance of affectivity for human development as well as its importance in children's learning. Therefore, the second session presents the final considerations derived from the development of the study, where it was possible to demonstrate that affectivity is understood as a factor that favors human and cognitive development, making individuals learn also through feelings, emotions and the exchange of experiences when interacting with others. The results allowed us to infer that affectivity is understood as a factor that favors human and cognitive development, intervening directly and indirectly in children's interpersonal development processes in their early years, as they understand that cognitive development depends on this process mainly within of the school environment, where the teaching and learning process permeates the beginning of these interactions.

Keywords: learning; cognitive development; interpersonal relationships.

INTRODUÇÃO

A escola, dentro do seu grau de importância, é uma instituição complementar à família, no sentido de oferecer aos alunos um espaço agradável de aprendizagem e convivência onde os mesmos possam interagir entre si e, desse modo, instituir relações de afeto no convívio com professores, colegas e demais indivíduos que compõem o ambiente escolar. Ao considerar as diferenças que cada um possui não como barreiras de impedimento ao convívio, mas sim como oportunidade de interação, de crescimento e de desenvolvimento pessoal, a escola promove e estimula o desenvolvimento do aluno em diferentes contextos.

Nesse sentido, o professor se destaca como agente responsável por estabelecer a relação entre o aluno e a construção do conhecimento de forma afetiva, atuante e prazerosa, pois é nessa troca que o aluno adquire o conhecimento necessário para que, no futuro, possa aplicá-lo visando as possibilidades de crescimento pessoal, profissional e emocional. Sendo assim, a relação afetiva entre professores e alunos se faz complacente na construção do conhecimento para que estes desenvolvam um status de segurança e confiabilidade em si mesmos, construindo no decorrer de suas trajetórias escolar, um alicerce sólido para vivências futuras em sociedade.

Desse modo, o enfoque do papel da afetividade no contexto de desenvolvimento integral da criança, anseia de modo geral pela identificação das relações dos vínculos afetivos socialmente construídos na escola, uma vez que esta depois do ambiente familiar é o espaço onde as crianças dão os primeiros passos em direção ao estabelecimento de contato com outros indivíduos que não pertencem à sua família. Diante desses fatores, o estudo proposto busca responder ao seguinte questionamento: qual a influência exercida pela afetividade no processo de ensino e aprendizagem dos alunos?

A escola, diante do grau de importância que possui para a formação dos alunos, é uma instituição que tem como uma de suas metas, prepará-los para viver em sociedade, construindo suas relações pautadas pelos ensinamentos e aprendizagens adquiridas naquele ambiente, reconhecendo que as relações de afeto abrangem atos de paciência e

de respeito aos processos de desenvolvimento de cada um, assim como também envolve o despertar de olhar atento e empático às suas necessidades.

Diante desse contexto, o presente trabalho tem como objetivo principal, analisar a afetividade no processo de ensino e aprendizagem a partir das relações instituídas entre professores e alunos. Importante enfatizar que o estudo em pauta parte de uma reflexão sobre o papel da afetividade e sua importância no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que o afeto na educação é um fator importante para o desenvolvimento do aluno na escola, em todos os aspectos proporcionando oportunidades para que as relações interpessoais criadas nesse ambiente sejam favoráveis para à escuta, ao diálogo e ao aprendizado. Considerando, portanto, a relevância do tema em destaque cabe enfatizar que o procedimento metodológico do estudo focou na realização de pesquisa bibliográfica.

Desse modo, debruçou-se nos estudos de autores que abordam a afetividade e a aprendizagem, destacando: Wallon (1986), Ausebel (1963), Fazenda (1994), dentre outros. O trabalho está estruturado em duas sessões. A primeira, tem o intuito de abordar as contribuições teóricas sobre a afetividade e a aprendizagem sob o olhar de teóricos que versam sobre o desenvolvimento afetivo da criança e a importância do contexto escolar e da afetividade para o desenvolvimento humano e o foco consistiu na descrição acerca da relevância do ambiente escolar como espaço afetivo de trocas, escutas, ressaltando a sua importância na aprendizagem da criança.

Por conseguinte, na segunda sessão apresenta-se as considerações finais inferidas com o desenvolvimento do estudo, onde foi possível evidenciar que a afetividade é entendida como fator que favorece o desenvolvimento humano e cognitivo, fazendo com que os indivíduos aprendam também através dos sentimentos, das emoções e da troca de experiências na interação com o outro.

Nesse sentido, é importante enfatizar ainda que, o estudo, ao discutir as possibilidades e os desafios quanto ao papel da afetividade diante do processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais, abre novas vertentes e possibilidades no âmbito acadêmico para o desenvolvimento de outros estudos que contemplem o estudo da afetividade na educação em outros contextos, além da aprendizagem em sala de aula.

O PAPEL DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Contribuições Teóricas Sobre a Afetividade

A palavra afeto vem do latim *affectur* (afetar, tocar) e constitui o elemento básico da afetividade, tornando-se imprescindível na formação humana e na maneira como se relaciona com o outro. Etimologicamente, a palavra afetividade implica em “estar junto”; desenvolver uma ação com o outro. Segundo Alencar (*apud* Ranghetti, 2002, p. 88), a afetividade:

É composta de prefixo latino *affectivus* (que exprime desejo), pela vogal *i*, e de sufixo latino *dade* (ação, resultado de ação, qualidade, estado). Por sua vez, a palavra *affectivus* é formada pela partícula *ad* + verbo *fácere*. A partícula *ad* assimilado em *af* é indicativa de proximidade, intensidade. E o verbo *fazer* (*fácere*) tem significado de ação de alguém junto a outro [...].

Entendendo o significado de afetividade como o desejo de estar junto, Arribas (2006), afirma que, a própria definição do termo se aproxima de “afetar”. Nessa perspectiva, a afetividade pode ser entendida como “[...] todas as situações vitais conscientes o ser humano tem o testemunho de sua própria vivência interna com respeito à ressonância e ao grau em que esta situação influi sobre ele, que o afeta” (Arriba, 2006, p. 45-46).

De acordo com Ferreira; Régnier (2010): “os estudos do campo da afetividade quanto a sua influência nos processos educacionais, são recentes”. Em linha temporal, a partir da década de 1970 a afetividade ganha caráter científico e desde 1990 o conceito de “Inteligência emocional” desenvolvido por Goleman traz ao debate a relação entre afetividade e cognição.

Henri Wallon, médico e filósofo que desenvolveu estudos acerca das emoções e da afetividade e do quanto elas são importantes caso sejam significativamente positivas, entende a afetividade como resultado da junção entre fatores orgânico e social, sendo que na criança aparece primeiramente o fator orgânico que irá evoluir progressivamente ao longo do tempo, imbricada pelas relações sociais que contribuirão para moldar as suas manifestações tanto em processos recíprocos quanto complementares.

Uma das dificuldades no estudo da afetividade é a definição do significado do termo. Na linguagem geral, afeto relaciona-se com sentimentos de ternura, carinho e simpatia. No entanto, para alguns autores, afetividade está relacionada aos mais diversos termos como emoção, estados de humor, motivação, sentimentos, paixão, atenção personalidade e outros tantos.

Wallon (1968) faz: “uma distinção entre os termos, emoção e afetividade”. Segundo o autor: “a emoção é uma reação biológica de ordem física do homem, já afetividade ganha uma amplitude maior, pois há manifestações tanto orgânica como as expressões de sofrimento e prazer, quanto social como os sentimentos, humor, paixões, entre outros”.

A Teoria da Aprendizagem Significativa

Trata-se de teoria proposta por David Ausubel (1980) e defende a aprendizagem considerando os conhecimentos prévios dos sujeitos. Nessa perspectiva, aprender dentro desta abordagem seria construir conhecimento que faça sentido e que este novo conhecimento tenha condições de desencadear em novas apreensões. Para o teórico, a estrutura da mente humana é constantemente reorganizada e alterada e segue uma hierarquização dos conhecimentos que vão se acumulando.

Nesse linear, a aprendizagem significativa se estrutura na ideia de que os conhecimentos já acumulados irão proporcionar a construção de novos saberes que darão subsídios para outros que virão, proporcionando assim mais aprendizados e efetivação de pensamento ao mesmo tempo, mais complexo e estruturado. Vale dizer que a teoria de Ausubel entende que a construção do saber tem como ponto de partida uma ação

intencional daquele que aprende, e que cada um tem suas especificidades no processo de aprender.

De acordo com Ausubel (1963, p. 58 *apud* Moreira, 1997. p. 19), a aprendizagem significativa: “[...] é o mecanismo humano, por excelência, para adquirir e armazenar a vasta quantidade de ideias e informações representadas em qualquer campo de conhecimento”. Sendo que uma vez aprendido significativamente poderá ser armazenado em um “campo de fácil acesso” e que quando estiver em contato com outros conhecimentos haverá interação entre ambos. Considera-se que mesmo que conhecimentos estejam “adormecidos”, eles serão ativados mediante estímulos e contextualização.

A proposta de Ausubel se aproxima dos estudos da teoria Vygotskyana, já que propõe que o aprendizado acontece indissociável do contexto histórico, social e cultural em que o sujeito está inserido. Há uma aliança entre percepção e atenção e assim o sujeito se desenvolve e sua memória constrói mais saberes. Desse modo, diante de situações de desafios a criança fará uma inter-relação com aspectos do passado e do presente considerando elementos do contexto socioespacial.

A interação que ocorre entre estas duas abordagens se apresenta também quando se analisa as proposições de que o aprendizado irá ser alcançado de forma mais efetiva na escola se os conteúdos que os alunos têm acesso partem de aspectos que são comuns a sua realidade, onde poderá ser capaz de interpretar, contextualizar e fazer associações entre o que já sabe e o que está aprendendo. Com o domínio de ideias e conceitos construídos dentro da sala de aula, têm-se condições de fundamentar a análise do próprio espaço onde vive e, assim, elaborar seus próprios conceitos. Desse modo, Dambros (2011, p.5) esclarece que:

O conhecimento adquirido terá mais consistência, já que será modificado, integrado e usado, não apenas no momento da aprendizagem, mas em futuras situações de ensino e de vida. Pode-se concluir que tal aprendizagem, idiossincrática e particular, se relaciona com a estrutura de cada indivíduo e, que, ao mesmo tempo, exerce o poder de mudança sobre o indivíduo, assim como sofre o poder de ser mudada. [...] A aprendizagem só é significativa quando o aluno reconhece a importância do que estuda, assim será um conteúdo significativo tudo aquilo que o educando julgar importante. Para tanto deve-se trabalhar os conteúdos associados a valorização do cotidiano uma vez que o aluno aprenderá melhor quando buscar o conhecimento de acordo com seu dia-a-dia e sua realidade econômica e social.

Nesse sentido, a aprendizagem significativa busca a superação de uma aprendizagem que ocorre por vezes de modo mecânico, sendo que Ausubel (1968) chama de: “aprendizagem mecânica, aquela aprendizagem que não promove interação entre a nova informação e aquela já apreendida pelo sujeito”. Para o autor, quando o conhecimento não chega ao aluno de modo efetivo indica que há problemas de metodologias e estratégias de ensino.

Desse modo, Ausubel propõe que, para que a aprendizagem significativa dê conta de superar a aprendizagem mecânica, é preciso olhar para a situação do ensino no ambiente escolar, vez que é na escola e na ação docente que parte do conhecimento dos sujeitos é construído e conceitos são formulados. Por fim, é possível afirmar que a teoria da aprendizagem significativa entende que a aprendizagem só ocorrerá efetivamente quando o conhecimento alcançado poderá ser utilizado tanto para aquisição de novos saberes quanto para amadurecimento cognitivo dos sujeitos.

Afetividade e Aprendizagem

O espaço escolar, depois da família, é o ambiente onde os alunos constroem o aprendizado e prepara para a vida em sociedade e profissional. Nessa perspectiva, Asbahr (2014) afirma que: “os alunos por muitas das vezes não enxergam na escola um lugar que é destinado para a construção do seu aprendizado e para sua formação enquanto ser social, já que por vezes não entendem a complexidade e a importância dessa instituição”. Para este autor, é comum o entendimento de que a escola seja um espaço capaz de prepará-los para o mercado de trabalho, muito embora, passam por momentos de desacreditar nesta capacidade o que, por sua vez, leva ao desinteresse e começam a enxergar o período escolar apenas como uma obrigação.

É diante deste contexto que Asbah (2014) compreende que: “as relações afetivas são capazes de levar os estudantes a frequentarem a escola de maneira espontânea, sendo ali, espaço de construção de laços e vínculos de amizade”. Nesse sentido, a afetividade pode ser considerada como um meio que auxiliará no processo de ensino aprendizagem o que exige mais investigação e desenvolvimento de metodologias para esse fim.

A família é o primeiro espaço em que a criança começa a se desenvolver socialmente e a escola assume o segundo lugar de maior importância. Para Santomé (1998): “qualquer interação que aconteça entre professores e alunos é carregada de significados e sentimentos, podendo impactar negativamente ou positivamente e reverberando na construção do intelecto daquele aluno”. De acordo com Pereira (2015, p. 354): “a boa relação com os professores colabora para que uma maior predisposição para aprendizagem”, sendo que esta relação positiva também pode ocorrer no espaço escolar como um todo. Para o autor:

O ser humano recebe estímulos desde seu nascimento e a interação que ocorre com o ambiente gera os mais variados comportamentos. O cérebro é o órgão responsável por uma aprendizagem que permeia a vida do aluno desde seu nascimento até o fim da vida. A escola é o local onde o conhecimento acumulado é transmitido na tentativa de promover uma aprendizagem formal de conteúdo (Pereira, 2015, p. 354).

Sendo a escola este espaço onde os conteúdos formais são apreendidos e acumulados, Guerra (2001) afirma que: “as relações humanas atuam no cérebro como agente de mudança neurobiológica e promoverá a aprendizagem”. Para que a aprendizagem ocorra várias funções mentais são ativadas tais como: atenção, memória, percepção emoção e função executiva. É dentro desse entendimento que o professor irá atuar como um agente consciente capaz de promover a alteração neurobiológica intencionalmente voltada para levar o aluno a aprendizagem.

A Interdisciplinaridade na Busca pela Aprendizagem Significativa

A interdisciplinaridade entendida como uma abordagem sob múltiplas perspectivas, proporciona ao educando uma aprendizagem significativa, pois apresenta uma interação entre as diversas áreas do conhecimento, construindo um sentido lógico, crítico e reflexivo, vinculados à realidade dos alunos. Nesse linear, a discussão acerca da interdisciplinaridade deve ser pautada dentro da dialética, já que se apresenta pela própria forma com a qual o “homem produzir-se enquanto ser social e enquanto sujeito e objeto do conhecimento social” (Frigotto, 1995, p. 26).

Assim, para que a ação interdisciplinar atinja seus propósitos, é necessário que todos os agentes envolvidos estejam engajados e empenhados em atingir o objetivo comum. Este entendimento leva em consideração que o homem é um ser histórico que constrói seus saberes nas relações sociais; empreende ao longo de sua vida nos espaços em que vive e aprende no compartilhamento de ideias, na troca, na escuta e na reflexão.

A interdisciplinaridade ganha visibilidade como uma forma de “[...] superar a fragmentação e o caráter de especialização do conhecimento, causados por uma epistemologia de tendência positivista em cujas raízes estão o empirismo, o naturalismo e o mecanicismo científico do início da modernidade” (Thiesen, 2008, p. 546). Em síntese, é possível afirmar que a interdisciplinaridade é a busca de se alcançar a intersecção de conteúdos que costumam ser separados no currículo escolar e em outras esferas da produção do conhecimento, que se apresenta de modo fragmentado.

É válido ressaltar que a interdisciplinaridade não se trata de uma prática corriqueira ela deve ser vista como possibilidade de aprimorar o exercício da práxis docente. Segundo Santomé (1998) ela: “é uma nova etapa do desenvolvimento da ciência, caracterizada como uma resignificação do saber, sendo que pode contemplar várias áreas de estudo e segmentos do cotidiano da sociedade”. Pode ser entendida sob várias nuances, ou seja, como processo, filosofia de trabalho a ser utilizada em problemáticas e questões que envolvem os sujeitos em sua dinâmica social.

Entretanto, é preciso considerar que a interdisciplinaridade não se resume a integração de disciplinas de um currículo escolar, onde as peculiaridades e especificidades de cada disciplina se destacam. O foco maior desta metodologia é alcançar o conhecimento de modo global, capaz de ultrapassar os limites de cada disciplina envolvida no processo. Nesse sentido, Thiesen (2008, p. 545) afirma que:

Não obstante as limitações da prática, a interdisciplinaridade está sendo entendida como uma condição fundamental do ensino e da pesquisa na sociedade contemporânea. [...] Um processo educativo desenvolvido na perspectiva interdisciplinar possibilita o aprofundamento da compreensão da relação entre teoria e prática, contribui para uma formação mais crítica, criativa e responsável e coloca escola e educadores diante de novos desafios tanto no plano ontológico quanto no plano epistemológico.

Ivani Fazenda (1994) defende que: “é preciso uma atitude interdisciplinar de compromisso e envolvimento do educador nos projetos que estão sendo desenvolvidos, de modo que haja aprofundamento teórico e firmeza no exercício da prática”. Para a autora, a essência do trabalho interdisciplinar deve permear o entendimento que o conhecimento não é imutável e sim inesgotável que necessita sempre se renovar.

Ademais, outro pilar defendido também por Fazenda (2001) é a espera. Nesse linear, a autora defende que é preciso saber o tempo correto de avançar e respeitar o processo de assimilação de cada sujeito evitando generalizações, podendo ser definido também como um tempo de escuta, de esperar pelo ritmo de cada um.

Além disso, outro aspecto importante da espera é que é preciso respeitar etapas do aprendizado e assim, evitar que conceitos não sejam menosprezados, diz assim que, para que consiga aprender com o outro e poder compartilhar do que ele tem a oferecer faz-se necessário desapegar de algumas certezas e convicções, sobretudo deixar de lado a ideia de que o conhecimento é definitivo e inabalável.

É possível encontrar ainda nos estudos de Ivani Fazenda (1994 e 2001): “a defesa da importância de levar em consideração a dialogicidade para que o trabalho interdisciplinar ocorra com efetividade”. E este diálogo só ocorrerá caso ambas as partes possuam firmes os pilares citados anteriormente na busca por uma troca sem submissão ou subordinação,

O diálogo e a troca só ocorrerão mediante o conhecimento de si e a abertura para a interação com o outro. Esta busca pelo conhecimento de si já não é uma tarefa fácil, pois conforme Fazenda (1994, p. 14): “[...] quanto mais se interioriza, mais certezas vão se adquirindo da ignorância, da limitação, da provisoriedade [...] do conhecimento de mim mesmo ao conhecimento da totalidade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre o papel da afetividade no processo de ensino e aprendizagem como instrumento de desenvolvimento infantil é de extrema relevância no contexto da pedagogia contemporânea. A afetividade desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral da criança, influenciando não apenas o aspecto cognitivo, mas também o emocional, social e moral. Portanto, compreender como a afetividade se manifesta no contexto educacional é crucial para promover práticas pedagógicas mais eficazes e humanizadas.

O desenvolvimento do presente estudo permitiu obter importantes concepções acerca da relevância que a afetividade possui dentro do processo de ensino e aprendizagem, elucidando que os desafios e as possibilidades para a efetivação desse fenômeno permeiam as relações que vão sendo instituídas entre os alunos, suas famílias e o ambiente escolar. Essa, por sua vez, deve ser percebida como instituição voltada a promover a aprendizagem nos mais diversos contextos e com a utilização de métodos adequados que possibilitem aos alunos constituir pensamento acentuado quanto a importância da afetividade nas relações atuais e futuras.

Ao longo do trabalho, foi possível alcançar os objetivos propostos, que incluíam investigar a relação entre afetividade e aprendizagem, analisar a influência da afetividade no desenvolvimento infantil e identificar estratégias pedagógicas que promovam a afetividade em sala de aula. Através da revisão bibliográfica e da realização de estudos de caso, foi possível evidenciar a importância da afetividade no processo educativo, assim como identificar práticas pedagógicas que promovem um ambiente afetivo e acolhedor, favorecendo o desenvolvimento integral das crianças.

Os alunos são parte integrante de uma sociedade cujo valores são vistos como essenciais para sua formação e devido a essa importância são também parte do desenvolvimento de uma cultura, onde a aprendizagem pautada pela afetividade exerce toda influência possível, permitindo assim que o desenvolvimento auxilie na formação de indivíduos em constante evolução rumo a um futuro promissor. Desenvolvimento este que tem como base a afetividade que remete à constituição de relações profundas e complexas que o ser humano estabelece e participa; de modo que aprender a lidar com suas emoções e com as emoções alheias é um fator essencial, principalmente dentro do contexto escolar, onde professores, gestores e demais envolvidos deverão proporcionar aos indivíduos oportunidades de estabelecimento de relações tranquilas e plenas, capazes de proporcionar experiências que tenham significados úteis para suas vidas afetivas.

Pode-se perceber, portanto, que a escola deve se manter alinhada também aos propósitos da afetividade para estruturar um processo de ensino e aprendizagem de efetiva significância, capaz de garantir aos alunos a possibilidade de adquirir uma educação baseada em afeto e que também os auxilie no desenvolvimento da autoconfiança e da auto segurança para construção da personalidade e aquisição de conhecimentos.

Apesar dos avanços alcançados nesta pesquisa, ainda há diversos aspectos a serem explorados no campo da afetividade e educação. Sugere-se, portanto, a realização de estudos longitudinais que investiguem o impacto da afetividade no longo prazo sobre o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Além disso, seria interessante aprofundar a análise das estratégias pedagógicas voltadas para o desenvolvimento da afetividade, explorando sua eficácia em diferentes contextos educacionais e faixas etárias.

Ademais, pesquisas que investiguem a formação de professores no que diz respeito à promoção da afetividade em sala de aula também são necessárias para subsidiar políticas educacionais mais eficazes e inclusivas. Por fim, a pesquisa sobre o papel da afetividade no processo de ensino e aprendizagem revela-se essencial para o aprimoramento das práticas educativas, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças e para a construção de uma sociedade mais justa e humanizada.

REFERÊNCIAS

ARRIBAS, T. L. *et al.* **Educação Infantil: Desenvolvimento, Currículo e Organização Escolar**. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004; reimpressão 2006.

ASBAHR, F. S. F.; SOUZA, M. P. R. “**Por que aprender isso, professora?**” **Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico-Cultural**. Estudos de Psicologia, v. 19, p. 157- 238, 2014.

AUSUBEL, D.P. **Educational Psychology: Cognitive View**. New York: Holt, 1968.

DAMBROS, G.; CASSOL, R. **Aprendizagem significativa em geografia: reflexões sobre a utilização de tecnologias da informação e comunicação no contexto escolar**. XV Simpósio de Ensino Pesquisa e Extensão: Educação e Ciência na Era Digital. 5 a 7 de outubro de 2011.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. 11ª Ed. Campinas: Papirus, 1994.

_____. (Org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRA, A. L.; RÉGNIER, N. M. A. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação**. Educar, Curitiba, PR, n. 36, p. 21-38, 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602010000100003>. Acesso em: 05 jun. 2023.

FRIGOTTO, G. **A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais**. In: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (orgs) **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GUERRA, L. B. **O diálogo entre neurociência e a educação:** da euforia aos desafios e possibilidades. Revista Interlocução, Belo Horizonte, MG, v. 4, n. 4, p. 3-12, 2001. Disponível em: <http://interlocucao.loyola.g12.br/index.php/revista/article/viewArticle/91>. Acesso em: 03 jun. 2023.

PEREIRA, I. da S. D. **Relações afetivas construídas em projeto interdisciplinar colaborando para aprendizagens mais significativas.** XII Congresso Nacional de Educação.

RANGHETTI, D. S. **Afetividade.** In: FAZENDA, I. **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 87-89.

SANTOMÉ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade:** o currículo integrado. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.

THIESEN, J. S. **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem.** *In:* Revista Brasileira de Educação. vol.13 no.39 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2008.

WALLON, H. **As Origens do Caráter na Criança.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro: **As origens do pensamento na criança.** São Paulo: Manole, 1986.

A utilização de jogos educativos como ferramenta de intervenção psicopedagógica em crianças com dificuldades de aprendizagem

RESUMO

O lúdico na educação infantil tem sido uma das estratégias mais bem sucedidas no que concerne à estimulação do desenvolvimento cognitivo e de aprendizagem de uma criança. Essa atividade é significativa por que desenvolvem as capacidades de atenção, memória, percepção, sensação e todos os aspectos básicos referentes à aprendizagem. Pelo exposto, pretende-se responder ao seguinte questionamento: qual a importância do lúdico na educação infantil e como estão as relações entre o brincar e o jogar tendo em vista o processo de ensino e aprendizagem? Dessa forma, o presente estudo busca ampliar o conhecimento através de uma maneira divertida fazendo uso dos vários instrumentos visuais, sonoros e gesticulares na aprendizagem para elevar a qualidade de ensino e observando os reflexos positivos que a ludicidade traz para a relação entre o aluno e o professor. A metodologia utilizada foi à pesquisa bibliográfica (livros, revistas, jornais, rede eletrônica) que é inerente a esse processo de construção abordando diversas discussões sobre a temática. Portanto, a introdução dos jogos e atividades lúdicas no cotidiano escolar é muito importante, devido a influência que os mesmos exercem frente aos alunos, pois quando eles estão envolvidos emocionalmente na ação, torna-se mais fácil e dinâmico o processo de ensino e aprendizagem. Através deste recurso pedagógico o professor conquista a confiança da criança e desperta nela a vontade de se envolver no ambiente escolar. Conclui-se que o aspecto lúdico voltado para as crianças facilita a aprendizagem e o desenvolvimento integral nos aspectos físico, social, cultural, afetivo e cognitivo.

Palavras-chave: lúdico; educação infantil; desenvolvimento da criança.

ABSTRACT

Playfulness in early childhood education has been one of the most successful strategies when it comes to stimulating a child's cognitive and learning development. This activity is significant because it develops attention, memory, perception, sensation and all basic aspects related to learning. Based on the above, we intend to answer the following question: what is the importance of play in early childhood education and what are the rela-

A Arte de Ensinar: estratégias psicopedagógicas para o sucesso escolar



tionships between playing and gaming in view of the teaching and learning process? Thus, the present study seeks to expand knowledge through a fun way, making use of various visual, sound and gestural instruments in learning to increase the quality of teaching and observing the positive effects that playfulness brings to the relationship between the student and the teacher. The methodology used was bibliographic research (books, magazines, newspapers, electronic network) which is inherent to this construction process, addressing various discussions on the topic. Therefore, the introduction of games and recreational activities into everyday school life is very important, due to the influence they have on students, as when they are emotionally involved in the action, the teaching and learning process becomes easier and more dynamic. Through this pedagogical resource, the teacher gains the child's trust and awakens in them the desire to get involved in the school environment. It is concluded that the playful aspect aimed at children facilitates learning and integral development in the physical, social, cultural, affective and cognitive aspects.

Keywords: ludic; child education; child development.

INTRODUÇÃO

Na história antiga há relatos de que o ato de brincar era desenvolvido por toda família, até quando os pais ensinavam os ofícios para seus filhos. Destacamos que para toda época e sociedade a concepção sobre educação sempre teve um entendimento diferenciado, logo o uso do lúdico seguiu tal concepção. A ludicidade é um termo que tem origem na palavra latina "*ludns*" que significa jogar ou brincar, a ludicidade é um instrumento potente para o processo de ensino aprendizagem em qualquer nível de formação, no entanto estar presente com mais frequência na educação infantil.

Os jogos e as brincadeiras são fontes de felicidade e prazer que se fundamentam no exercício da liberdade e, por isso representam a conquista de quem pode sonhar, sentir, decidir, arquitetar, aventurar e agir com energia para superar os desafios. Para tanto, a escola torna-se uma extensão do mundo, no qual se relaciona e compartilhar o tempo e o espaço com os outros, colocando-se no lugar deles, é um dos alicerces do trabalho desenvolvido, brincar contribui de forma única e significativa para formação integral da criança.

Posto isto, brincar na infância é mais que diversão, é estratégia de aprendizagem, essa ideia é um eixo importante da educação infantil e tem incentivado os profissionais da área de pedagogia a inserirem a prática lúdica, os pais também podem ajudar com brincadeiras livre e dirigidas pela criança. Nela, o adulto atua como coadjuvante de habilidades sociais, motora e linguísticas.

O jogo é um fenômeno antropológico que se deve considerar no estudo do ser humano constante em todas as civilizações esteve sempre unida a cultura dos povos a sua história, ao mágico, ao sagrado, ao amor à arte, a língua, a literatura, a guerra. O jogo serviu de vínculo entre povos, é facilitador da comunicação entre seres humanos.

Através dos jogos e brincadeiras, o educando encontra apoio para superar suas dificuldades de aprendizagem, melhorando o seu relacionamento com o mundo. Ao brincar e jogar, a criança se envolve de tal maneira com o que está fazendo que deixa transparecer

seu sentimento e emoção. É brincando e jogando que a criança adquire experiência e incorpora valores. É através de jogos e brincadeiras que ela imita e recria o meio que a cerca.

A escolha do tema justifica-se pelo o uso do lúdico como recurso pedagógico que envolve o aluno nas atividades escolares e aproxima ainda mais a relação do aluno com o professor. O lúdico não está presente apenas no ato de brincar, existe todo um anexo de etapas que são sucessivamente conquistadas por meio dessas atividades e o que se tem ao fim é uma forma dos indivíduos se relacionarem, deixando todo um legado de conhecimentos gravados na memória da criança. Através deste recurso pedagógico o professor conquista a confiança da criança e desperta nela a vontade de se envolver no ambiente escolar.

Por isso, é de fundamental importância que os educadores utilizem o jogo como recurso no processo ensino e aprendizagem, pois o mesmo cria um clima de entusiasmo, aciona e ativa as funções psiconeurológicas e as operações mentais, estimulando o pensamento e integra as várias dimensões da personalidade: afetiva, motora e cognitiva. Por este motivo, é preciso que o jogo esteja inserido nas propostas metodológicas da educação infantil.

Durante essa pesquisa pretende-se responder ao seguinte questionamento: qual a importância do lúdico na educação infantil e como estão as relações entre o brincar e o jogar tendo em vista o processo de ensino e aprendizagem? Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo principal ampliar o conhecimento através de uma maneira divertida fazendo uso dos vários instrumentos visuais, sonoros e gesticulares na aprendizagem para elevar a qualidade de ensino e observando os reflexos positivos que a ludicidade traz para a relação entre o aluno e o professor. Para tanto, a metodologia utilizada foi à pesquisa bibliográfica (livros, revistas, jornais, rede eletrônica), que é parte integrante desse processo de construção e aborda diversas discussões sobre esse tema.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Jogos e Brincadeiras no Desenvolvimento da Aprendizagem

A maioria das pessoas acredita que as crianças brincam apenas por prazer, pois as crianças também passam muito tempo brincando e ficam muito tempo envolvida na brincadeira. A partir da descoberta da infância e da associação da criança ao brincar, termos como brinquedos e brincadeiras conotam criança. A dimensão da criança está sempre presente, quando se analisam os brinquedos e brincadeiras.

É difícil fazer uma criança parar de brincar, mesmo quando a brincadeira faz com que ela fique irritada ou descontente, como quando não consegue vestir roupas na boneca ou quando quer correr e precisa ficar quieta. O brinquedo entendido como objeto, suporte da brincadeira, supõe relação íntima com a criança, seu nível de desenvolvimento e indeterminação quando ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regras que organize sua utilização. Uma boneca permite à criança desde a manipulação até brincadeiras como “mamãe e filhinha”.

Por meio do jogo a criança aprende a coagir a si mesma, a se investir em uma atividade duradoura, a conhecer e desenvolver as forças de seu corpo. Em geral, os melhores jogos são aqueles nos quais aos exercícios de habilidades acrescentam-se exercícios dos sentidos (Kant *apud* Duflo, 2009, p. 57).

Deste modo, o brinquedo estimula a representação, a expressão de imagens que evocam aspectos da realidade. Ao contrário, jogos com xadrez, construção, exigem de modo explícito ou implícito, o desempenho de habilidades definidas pela estrutura do próprio objetivo e suas regras. O brinquedo representa certas realidades. Uma representação é algo presente no lugar de algo. Representar é corresponde a alguma coisa e permitir sua evocação, mesmo em sua ausência.

Além disso, o brinquedo coloca a criança na presença de reproduções: tudo o que existe no cotidiano, na natureza e construções humanas. As crianças não brincam por prazer a razão principal da criança brincar é, também a necessidade. Pode-se dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar à criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los. Duplicando diversos tipos de realidades, o brinquedo as metamorfoseia e fotografa, não reproduzindo apenas objetos, mas uma totalidade social.

Assim, a realidade representada sempre incorpora modificações: tamanho, formas delicadas e simples, estilizadas ou, ainda, antropomórficas. Os brinquedos podem incorporar, também, um imaginário preexistente criado pelos desenhos animados, ao representar realidades imaginárias, os brinquedos expressam, preferencialmente, personagens sob forma de bonecos. O brinquedo propõe um mundo imaginário à criança e representa a visão que o adulto tem da criança. No caso da criança, o imaginário varia conforme a idade o adulto introduz nos brinquedos imagens que variam de acordo com a sua cultura.

Cada cultura tem maneira de ver a criança, de tratar e educar. Uma delas, a concepção da criança como homem em miniatura revela uma visão negativa: a criança é um ser inacabado sem nada específico e original. Para Richter (*apud* Brougere, 2008, p. 65):

[...] Onde a criança poderá manifestar e exercer sua autoridade, sua oposição, sua generosidade, sua clemência, em resumo, todas as raízes e as flores da sociedade, se não for em estado livre, entre seus semelhantes? Eduquem as crianças pelas crianças. A entrada na sala de jogos é, para elas, a do mundo, e é a troca com seus pares que desenvolve as forças intelectuais.

Destarte, a infância é portadora de uma imagem de inocência: candura moral, associada à natureza primitiva dos povos, um mito que representa a origem do homem e da cultura a imagem de infância é reconstruída pelo adulto, por meio de duplo processo: ela está associada a todo um contexto de valores e aspirações da sociedade e depende de percepções próprias do adulto que incorpora memórias de seu tempo de criança.

Ademais, se a imagem de infância reflete o contexto atual, ela é carregada, também, de uma visão idealizada do passado do adulto, que contempla sua própria infância. A infância expressa no brinquedo contém o mundo real, com seus valores, modos de pensar e agir acrescidos pelo imaginário do criador do objeto.

Por conseguinte, buscar em dicionários o significado de atividades lúdicas pedagógicas que podem ser utilizadas na escola é considerado uma tarefa que muitas vezes implica na restrição do uso das palavras ou muitas vezes do seu significado. No caso

de jogos e brincadeiras não tem restrições, o professor pode utilizar o brinquedo, o jogo ou a brincadeira, para esta atividade lúdica pedagógica que tem como objetivo atingir o pleno desenvolvimento da criança através do lúdico como prática pedagógica.

É necessário observamos, portanto a função lúdica que a atividade apresenta, seja ela o jogo, o brinquedo ou a brincadeira. São muitas as teorias que procuram explicar o jogo, portanto as propostas e conceitos apresentados entende-se que elas foram propostas entende-se que o jogo é uma necessidade do ser humano.

Entende-se, que certa soma de descanso e sono são necessários, porém é mais repousante uma mudança de ocupação ativa e interessante do que a completa ociosidade. Esta teoria poderia ser chamada teoria da recreação, pois o descanso poderia ser realizado de forma que o indivíduo venha realizar alguma atividade que o relaxe e desestresse. Nesta teoria o jogo tem o objetivo de recuperar a energia esgotada durante a atividade do trabalho que o esgotou ou estressou (Brougere, 2008, p. 69).

Esta teoria tem sofrido muitas críticas, pois ela propõe que as atividades seriam feitas para descansar e se livrarem do cansaço do dia a dia. Isto pode ser aplicado muito bem para os objetivos das atividades do adulto. Entretanto, quando discutimos atividades direcionadas as crianças o que observamos na realidade é que elas brincam desde o momento que se levantam e raramente se sentem cansadas. Se elas não se sentem cansadas não haveria necessidade de aplicação de atividades recreativas com o objetivo de descanso.

Apesar de ser a mais antiga e do seu caráter funcionalista, é ainda a mais utilizada, pois nela o jogo é considerado uma forma recreativa de libera o cansaço e as preocupações. Nela o jogo é visto como uma forma de recrear-se. A teoria do excesso de energia o jogo teria o objetivo de expressão e liberação de energias não utilizadas, na qual a criança brinca para descarregar a energia excedente.

Analisando as crianças brincarem, verificamos que elas muitas vezes, mesmo estando muito cansadas continuam brincando até caírem adormecidas sobre seus brinquedos. Elas apreciam tanto os seus jogos que se esquecem da fadiga, da fome ou de qualquer outra coisa, mesmo que elas lhe tragam desconforto ficam inteiramente alheias à passagem do tempo.

Isto demonstra que facilmente a energia que as crianças possuem possa ser chamada de energia excedente, conseqüentemente a energia utilizada no jogo é uma energia vital para que atinja o seu pleno desenvolvimento. A teoria do ativismo é baseada na lei biogenética que afirma que o desenvolvimento da criança é uma breve recapitulação da evolução da raça. Esta teoria estabelece relação entre os períodos históricos do desenvolvimento do homem e as características que as crianças apresentem durante o jogo em diferentes faixas etárias.

[...] a proposta é que os jogos são rudimentos do passado que persistem na criança. E estas reproduzem em seus brinquedos as diferentes fases da evolução. A lei biogenética é também chamada de recapitulação abreviada e consiste em supor que a vida do indivíduo reproduz a vida da espécie por aceitar esta lei como absoluta. A grande crítica a esta teoria consiste no fato de que ela desconsidera as influencias crescentes da sociedade na qual a criança vive. A visão do jogo é estática e a criança brinca por influencias da hereditariedade de forma instintiva para recapitular os comportamentos ancestrais importantes para o desenvolvimento do indivíduo (Brougere, 2008, p. 72).

A proposta da teoria do exercício preparatório foi de que o jogo é uma preparação para as atividades do mundo do adulto. Esta proposta foi reforçada e nos dias atuais ainda é muito aceita, tanto que se observa nas brincadeiras infantis a representação do mundo do adulto como brincar de casinha. Nesta teoria entende-se que o jogo é essencial para o desenvolvimento do psiquismo, pois a criança ao representar o mundo do adulto forma o seu próprio eu. É, portanto, necessário que a criança brinque para que mais tarde formem-se em homens e mulheres com capacidades e responsabilidades.

O jogo nesta teoria tem a funcionalidade de formação do ser humano e assume as seguintes funções: O jogo como estimulante do crescimento físico e fisiológico, principalmente do sistema nervoso. Segundo Gross, o desenvolvimento do indivíduo é a soma dos caracteres transmitidos na herança genética, mais a ação do meio ambiente.

O jogo como purificante das tendências antissociais, isto é, uma ação purgativa de instintos nocivos da atual civilização. Jogando futebol a criança satisfaz os seus instintos antissociais. Os jogos não suprimem as tendências perniciosas, mas as orientam. Ele aceita a função cartática, achando-a de alta relevância, não só como finalidade de purgar o instinto de luta pelo jogo, como também de descarregar os instintos de violência do ser humano.

A terceira utilidade do jogo consiste em atribuir ao jogo a função de conservação de hábitos recentemente adquiridos. Observa-se que nesta teoria é muito marcante o alcance biológico do jogo como fator evolutivo, principalmente quando este se relaciona com a competição e os componentes que a envolve, como respeito às regras do jogo, o aceitar o ganhar e perder e principalmente a competição que a ele está relacionada, assim como na vida.

Esta perspectiva demonstra uma visão mecanicista e funcionalista, pois o jogo assume funções que não deveriam ser a ele atribuída e exerce o papel de elemento de adaptação e conformação a realidade social. Outras teorias são apresentadas com influências psicológicas e psicanalítica, entretanto, de maneira geral, essas teorias oferecem visões parciais do jogo, abordando basicamente apenas alguns dos aspectos que envolvem este fenômeno tão complicado que é o jogo.

O lúdico e a Formação dos Educadores

Muitos educadores simplesmente deixam brincar outros tomam a associação entre o ensino e aprendizagem como brincadeiras que acabam por fazer acontecer uma ou duas vezes por semana, no entanto, se houvesse, a organização do planejamento condizente a realidade e escola, com a preocupação de interdisciplinar o lúdico no cotidiano escolar, com certeza todos estariam contemplando os objetivos almejados.

Deste modo, há necessidade de se ter profissionais capacitados no seu trabalho, preocupado em fazer um ensino com diferença e qualidade incluindo sempre dinamismo em suas aulas tornando-as atrativas. A vista disso é preciso uma sensibilização de ambas as partes: sistema e educador procurando entender as necessidades da educação.

Enquanto os educadores permitam brincar, desde que dirigido, as crianças deixam aflorar o lado mais sensível, a profunda paz de espírito e sem perceber, faz-se uma terapia grupal contando com as novas experiências vividas na essência do lúdico na sala onde o educador será capaz de diagnosticar as reais necessidades que o educando apresenta.

Entretanto, o fato indica as modificações inseridas excepcionalmente pelos docentes sem a cumplicidade da criança parece não surtir resultado no habitual. Em suma, não se pode fazer relação do vir a ser no processo educativo formal antes de ir ao encontro das coisas como de fato na manifestação popular nesse sentido, é necessário tornar as suas aulas práticas atrativas na seguinte forma: despertar anseio dos educandos pelas manifestações culturais e pelo reconhecimento das abordagens sugeridas e desenvolvidas nas brincadeiras.

Por conseguinte, entender a brincadeira cantada como meio de educação, ludicidade, desenvolvimento rítmico, musical e gestual de contribuição ao mundo de desenvolvimento dos indivíduos; perspectiva das brincadeiras cantadas como assento de simbologia e probabilidade de comentário de sentido e conotações que possam recomendar; visualizar a brincadeira cantada como mina de análise e informação, especialmente das mudanças do próprio brincar, da infância ao lúdico; oportunizar aos educandos o contato com brincadeiras cantadas diferenciadas que direcionam tanto para o ato de jogar, quanto a dançar, a dramatização e a mímica enaltecendo as suas possibilidades culturais.

[...] para esse trabalho com brincadeiras nestas características o educador deve levar em consideração o cuidado com o ensino da letra, discursão do tema abordado, o respeito a faixa etária, contextualização da brincadeira, ensino da melodia, construção de gestos feitos em trabalhos de equipe e finalmente recriar esta brincadeira e levando a nova forma de estruturação da mesma (Oliveira, 2007, p. 58).

Deste modo, os educadores precisam ser dinâmicos, ter iniciativas e principalmente inovadores, sempre cômica a intenção de almejar grandes sonhos. Porque nossos educandos espalham no seu trabalho alguém de suma importância para eles, por isso a necessidade de mostrar aulas um tanto atrativas. Alguns alunos adoecem com a rotina estafante na escola, tarefas, cargas de obrigações, disciplinas rígidas, desvinculando sempre da cultura vivida pelas crianças.

Por conseguinte, se pode permitir à negação do lúdico a essas crianças, pois é o mesmo que lhes negar a sua cultura avista disso, o brincar começa em casa e a escola só vai dar continuidade nesse processo. Assim, sendo fundamental a relação aluno + professor para o sucesso do lúdico. Uma forma de planejar sempre estratégias que despertem tal interesse nas áreas de conhecimento.

Jogos e Brincadeiras no Contexto da Vida Humana

O desenvolvimento cultural da humanidade teve lugar sem que houvesse mudanças substanciais do tipo biológico do homem. O desenvolvimento cultural da criança se caracteriza, antes de qualquer coisa, por produzir-se enquanto ocorrem mudanças dinâmicas de caráter orgânico maturação e de desenvolvimento orgânico da criança formando com ela um todo.

Nos séculos XVII e XVIII que se adotou uma atitude moderna em relação aos jogos, fundamentalmente diferente do que ocorria até então, a partir daquele momento histórico passa a existir um novo sentimento de infância. De um lado, passa a se ter uma preocupação com jogos, fato desconhecido até aquele momento; de outro lado a preocupação para preservar sua moralidade e educá-la.

O conceito homo ludos passa a ser valorizado, isto é o homem que se diverte. O ato de jogar (brincar) passa a ser considerado um fator fundamental no processo de desenvolvimento humano segundo O jogo pode apresentar significados distintos, dos mais amplos ao mais estrito. Pode ser entendido como os movimentos que a criança faz nos seus primeiros anos de vida (agitar objetos que estão ao seu alcance por exemplo), como também os jogos tradicionais e os desportos institucionalizados.

Todavia, foi a partir do século XIX que o jogo do ponto de vista científico passa a ser alvo de estudo de psicólogos psicanalistas e de pedagogo em geral surgindo a partir de todo um rol de teorias na tentativa de explicar seu significado. De acordo com Oliveira, 2007, p. 67):

Tanto pela criação da situação imaginária, como pela definição de regras específicas, o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança. No brinquedo, a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real e também aprende a separar objeto e significado. Embora num exame superficial possa parecer que o brinquedo tem pouca semelhança com atividades psicológicas mais complexas do ser humano, uma análise mais aprofundada revela que as ações no brinquedo são subordinadas aos significados dos objetos, contribuindo claramente para o desenvolvimento da criança.

Portanto, isso nos leva a entender que a atividade lúdica e uma criação humana e não apenas um determinismo puramente biológico. A ludicidade vista até então como alguma coisa sem muita importância no processo de desenvolvimento humano, hoje é estudada como algo fundamental do processo, fazendo com que cada vez mais se produzam estudos de cunho científico para entender sua dimensão no comportamento humano e se busquem novas formas de intervenção pedagógica como estratégia fortalecedora de todo processo que segundo Rego (2005, p. 82):

[...] a criança passa a criar uma situação ilusória e imaginária, como forma de satisfazer seus desejos não realizáveis. Esta é, aliás, a característica que define o brinquedo de um modo geral. A criança pela necessidade de agir em relação ao mundo mais amplo dos adultos e não apenas ao universo dos objetos a que ela tem acesso.

Logo, a grande conquista da criança em seu processo de desenvolvimento é a formação do seu eu, da própria identidade, que continua a ser construída durante a vida inteira. A criança aprende a afirmar a sua personalidade quanto os seguintes aspectos: a socialização; as características individuais; a autonomia; a independência; a autoestima; o bem-estar físico e emocional, a auto-organização; a formação do caráter e valores humanos, respeito, a solidariedade, a compreensão, a cooperação e o companheirismo. A dimensão prática dessa questão é imensurável.

Ao mesmo tempo em que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de auto cuidado de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por sua vez, na educação infantil, é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos (Brasil, 2017, p. 38).

Nesse sentido, a partir do cotidiano da vida escolar, as crianças formulam questionamentos sobre os eventos da vida, sobre transformações, sobre o ambiente, sobre

a cultura, sobre o futuro e o passado. Ao mesmo tempo formulam questões sobre o mundo e sobre a existência humana. Os muitos porquês representam o impulso em compreender a vida que as circunda, as experiências que são oportunizadas, ajudando-as na construção do valor de suas ações.

No campo de experiências, corpo, gestos e movimentos é abordada a linguagem corporal das crianças, tanto no seu movimentar humano quanto na sua prática, funcional e sensorial, de forma lúdica, expressiva e artística, o movimento se torna necessário para a inserção da criança na produção cultural, contribuindo para o processo de construção do sujeito.

Os gestos e as mímicas faciais são meios utilizados pelas crianças para se comunicarem, se expressarem e interagirem com o apoio do corpo. Dessa forma os primeiros sinais de aprendizagem na infância são evidenciados por meio do tato, do gesto, do movimento, do jogo, enfim, das construções elaboradas por elas. O movimento assume um importante papel para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança.

Hoje, a maioria dos filósofos sociólogos, etólogos e antropólogos concordam em compreender o jogo como uma atividade que contém em si mesma o objetivo de decifrar os enigmas da vida, e de construir um momento de entusiasmo e alegria na aridez da aprendizagem e da caminhada humana pela evolução biológica. Assim brincar significa extrair da vida nenhuma outra finalidade que não seja ela mesma. Em síntese o jogo é o melhor caminho de iniciação ao prazer estético, a descoberta da individualidade é a meditação individual.

Como diz Cunha (2005, p. 39): “o brincar é inato do ser humano, mas quando direcionada por um brinquedista, um professor ou os pais, podem potencializar a capacidade cognitiva, motoras e afetivas da criança. Os jogos e brincadeiras ajudam a criança adquirir o hábito de pensar e agir”. Desse modo, conhecendo os diferentes jogos voltados para a construção do conhecimento, sabendo-se as estratégias mobilizadoras de sua atenção e envolvendo-os aos conteúdos curriculares como ferramenta estimuladora, os jogos tornam a aula bem mais atraente, devolvem ao professor seu papel como agente construtor do crescimento do aluno, elimina o desinteresse, portanto a indisciplina, devolvendo a escola sua função de agência responsável por pessoas mais completas e, naturalmente por um amanhã muito melhor.

[...] jogo é um meio de expressão e comunicação de primeira ordem, de desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo, sexual e socializador por excelência. É básico para o desenvolvimento da personalidade da criança em todas as suas facetas (Murcia, 2005, p. 74).

Assim, é nesse contexto que o jogo ganha espaço como ferramenta ideal da aprendizagem, na medida em que propõe estímulo ao interesse do aluno, desenvolve níveis diferentes de sua experiência pessoal e pessoal, ajuda-o a construir suas novas descobertas desenvolve e enriquece sua personalidade e simboliza um instrumento pedagógico que leva ao professor a condição de condutor, estimulador e avaliador da aprendizagem.

A ideia de um ensino despertado pelo o aluno acabou transformando o sentido do que se entende por material pedagógico. Cada estudante independentemente da sua idade passou a ser um desafio a competência do professor. Seu interesse passou a ser a força

que comanda o processo da aprendizagem, suas experiências e descobertas o motor e seu progresso e o professor um gerador de situações estimuladoras e eficazes.

É preciso encarar a ludicidade para além do senso comum. Nessa perspectiva, o homem sem perder sua condição de adulto, sério e responsável passa a dar um sentido mais alegre a sua vida pela via da ludicidade, buscando na infância a gênese do prazer, resgatando a alegria, felicidade, afetividade, entusiasmo, recuperando a sensibilidade estética que alimenta e impulsiona o lúdico.

Hoje pesquisas relatos e experiências tem mostrado resultados fantásticos que comprovam a importância dos jogos e brinquedos e sua aplicação em diferentes contextos e em diferentes etapas do desenvolvimento do ser humano, entendemos que educar não se limita a repassar informações, mas e ajudar pessoas a tomar consciência de se mesma, dos outros e da sociedade, educar é preparar para vida.

Jogos e Brincadeiras como Estratégias Didáticas

A ação de ensinar não pode se limitar a simples exposição dos conteúdos, incluindo necessariamente um resultado bem sucedido daquilo que se pretende fazer, no caso, a apropriação do objeto de estudo. Assim, as equipes das áreas ou disciplinas apresentam alguns exemplos estruturados de estratégias de ensino, isto é, exemplos de percursos organizados de sequências de atividades que contribuem adequadamente para a aprendizagem visada num determinado objetivo que visam levar os alunos a aprender e utilizar de forma eficaz os conteúdos curriculares respectivos.

Por outro lado, as estratégias podem ser de diversa natureza ou tipologia não tendo de se subordinar a uma abordagem didática única, a não ser aquela que o currículo oficial determina, por outro lado, deverá ter-se presente que uma estratégia não se alcança nem se esgota a consecução total do objetivo em causa, trata-se de exemplificar tipos de procedimentos didáticos que se adéqua a consecução do objetivo pretendida.

Assim sendo, as brincadeiras em sala de aula devem servir como orientação para posturas comportamentais, por exemplo, brinca-se ensinando valores e após usa-se este momento mais tranquilo para explicar o conteúdo que estudaremos nesta aula e a relação, disto como a brincadeira anterior.

O aluno vai relacionando, montando esquemas, formando seus próprios arquivos que a medida que se desenvolvem, tornam-se mais generalizados e mais maduros. Ao alcançarem o oitavo ou nono ano do ensino fundamental os alunos mudam continuamente, física ou emocionalmente, e o professor em contato com eles também devem mudar. As aulas lúdicas na adolescência podem ajudar a trabalhar questões com depressão, agressão, frustração, aceitação e aprovação pelo grupo. Segundo Piaget (*apud* Fortuna, 2012, p. 14):

O lúdico deve ser um componente importante na interdisciplinaridade, principalmente quando ativa a motivação do aluno. A maior fonte de motivação, no que se refere ao desenvolvimento intelectual, é o desequilíbrio. Este momento de conflito cognitivo, que ocorre entre as predições e o instante do aprendizado, é importante para o desenvolvimento do aluno. Quando o professor consegue, através de uma aula lúdica, desestabilizar um aprendente, estará oportunizando a ele a chance de buscar o equilíbrio. E o equilíbrio é uma condição pela qual lutamos sempre.

Assim, as aulas podem ajudar a construir saberes a partir de ações e interações com os colegas, porque corresponderão sempre a novas descobertas, novas noções o professor deve ressaltar que brincadeira não é aspecto predominante da infância mas sim que é um fator importante do desenvolvimento humano pronto para receber informações, e o professor deve dispor da convicção de que isso é possível.

Dessa forma, um professor que não acredita na ludicidade como método de trabalho pode se perder no discurso, dificultando o acesso ao conhecimento ao invés de facilitá-lo. Ao mestre não cabe apenas despertar o aprendiz através de brincadeiras, mas ajudá-lo a construir efetivamente seus conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa bibliográfica vemos que a criança aprende enquanto brinca. De alguma forma a brincadeira se faz presente e acrescenta elementos indispensáveis ao relacionamento com outras pessoas. Assim, a criança estabelece com os jogos e as brincadeiras uma relação natural e consegue extravasar suas tristezas e alegrias, angústias, entusiasmos, passividades e agressividades, é por meio da brincadeira que a criança envolve-se no jogo e partilha com o outro, se conhece e conhece o outro.

Com esta pesquisa ficou evidente o quanto a utilização de jogos e brincadeiras na educação infantil facilita a aprendizagem do aluno. É por meio de jogos, brinquedos e brincadeiras que a criança desenvolverá capacidades como atenção, afetividade, concentração e psicomotricidade, que são indispensáveis à sua vida futura.

Além disso, o que a interação, a brincadeira, o brinquedo e o jogo proporcionam, são fundamentais como mecanismo para desenvolver a memória, a linguagem, a atenção, a percepção, a criatividade e habilidade para melhor desenvolver a aprendizagem. Assim, brincando e jogando a criança terá oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis a sua futura atuação profissional, tais como atenção, afetividade, o hábito de concentrar-se, dentre outras habilidades. Nessa perspectiva, as brincadeiras, os brinquedos e os jogos vêm contribuir significativamente para o importante desenvolvimento das estruturas psicológicas e cognitivas do aluno.

Como já foi discutido durante todo esse trabalho, o lúdico é fundamental para a formação das crianças, pois ele pode ser considerado um grande laboratório, onde os pais e educadores devem dar atenção a ele por ser através dele que as experiências inteligentes e reflexivas ocorrem. Por meio das brincadeiras ocorre a descoberta delas mesmas e dos outros, além disso, elas desenvolvem as capacidades afetiva, cognitiva e emocional. É no brincar que a criança se apropria da realidade dando-lhes significado.

Destarte, a aprendizagem por meio dos jogos, brincadeiras e até mesmo de leitura de histórias é uma das melhores maneiras da criança construir o seu conhecimento. O lúdico ajuda a criança a entrar em contato com o mundo imaginário e ao mesmo tempo com o mundo real e ali é possível desenvolver habilidades de criar e relacionar esses conhecimentos, pois assim serão capazes de compreender todo tipo de informação, por isso as atividades lúdicas são exercícios necessários e úteis a vida.

Deste modo, a prática lúdica é fundamental para estimular as possibilidades de fantasia, do mundo de faz de conta, desenvolver a criatividade e a imaginação da criança e o professor precisa incorporar e valorizar essas atividades de forma significativa no cotidiano da sala de aula, ampliar seus conhecimentos sobre o lúdico para poder utilizar com mais frequência técnicas e estratégias diversificadas envolvendo jogos e brincadeiras no seu planejamento didático e também pedagógico, proporcionando o desenvolvimento integral das crianças na educação infantil.

Dessa forma, a ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade, mas principalmente na infância, na qual ela deve ser vivenciada, não apenas como diversão, mas com objetivo de desenvolver as potencialidades da criança, visto que o conhecimento é construído pelas relações interpessoais e trocas recíprocas que se estabelecem durante toda a formação integral da criança.

Por isso, é importante que as brincadeiras façam parte da cultura escolar, cabendo ao professor analisar e avaliar a potencialidade educativa das diferentes brincadeiras e o aspecto curricular que se deseja desenvolver, dando ênfase, portanto, à formação lúdica para que possa desenvolver junto às crianças uma aprendizagem significativa, permitindo assim um trabalho pedagógico mais envolvente, criativo e prazeroso.

Por conseguinte, é importante o papel dos educadores nesse processo de mediação do processo de ensino e aprendizagem na vida dos alunos. Ainda é preciso que se tenha uma percepção ativa dos comportamentos apresentados pelos alunos em sala de aula, pois, de certa forma o reflexo do seu ambiente social, será imposto no dia a dia escolar. Dessa forma, será possível identificar os tipos de jogos a serem utilizados em sala de aula.

Conclui-se que o aspecto lúdico voltado para as crianças facilita a aprendizagem e o desenvolvimento integral nos aspectos físico, social, cultural, afetivo e cognitivo. Enfim, desenvolve o indivíduo como um todo, sendo assim, a educação infantil deve considerar o lúdico como parceiro e utilizá-lo amplamente para atuar no desenvolvimento e na aprendizagem da criança.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **A importância do brincar, brinquedos e brincadeiras**. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2017.

BROUGERE, Gilles. **Jogo e educação**. 2008. Porto alegre; Artmed.

CUNHA, Nilse H.S. **Brinquedo**: necessidades e limitações subsídios para utilização e confecção de brinquedos. 2005. Rio, FAE.

DUFLO, Colas. **O jogo**: de pascal a Schiller.2009. Porto Alegre: Artmed.

FORTUNA, Tânia Ramos. **A importância de brincar na infância**. In:horn, Claudia Inês *et al.* **Pedagogia do brincar**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.

MURCIA, Juan Antônio Moreno (ORG.) **Aprendizagem através do jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento - um processos sócio histórico. 6º Ed. São Paulo: Scipione, 2007

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico cultural da educação. 6º Ed. Petrópolis RJ. Vozes. 2005.

O papel do psicopedagogo no processo de aprendizagem de alunos com dislexia

RESUMO

A dislexia é um transtorno específico de aprendizagem que afeta a habilidade de uma pessoa em ler, escrever e soletrar apesar de possuir inteligência e instrução adequadas. Este transtorno tem impacto significativo no processo de aprendizagem, resultando em dificuldades acadêmicas e emocionais para os alunos afetados. O problema central deste estudo é a necessidade de compreender como o psicopedagogo pode contribuir de forma eficaz para o processo de aprendizagem desses estudantes, considerando suas dificuldades específicas. O objetivo da pesquisa é analisar o papel do psicopedagogo na identificação, avaliação e intervenção nas dificuldades de aprendizagem associadas à dislexia, visando promover uma educação inclusiva e de qualidade. Para alcançar os objetivos propostos, será realizada uma pesquisa bibliográfica que consistirá na revisão e análise de estudos científicos, livros, artigos e documentos relacionados ao tema. Espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar o conhecimento sobre o papel do psicopedagogo no processo de aprendizagem de alunos com dislexia, destacando a importância de sua atuação na identificação precoce, avaliação adequada e intervenção eficaz para promover o desenvolvimento educacional e emocional desses alunos. Além disso, que os resultados deste trabalho forneçam subsídios para a elaboração de políticas públicas e práticas educacionais mais inclusivas e eficazes para atender às necessidades específicas dos alunos com dislexia. Portanto, ao compreendermos melhor as práticas e intervenções eficazes do psicopedagogo podemos desenvolver estratégias mais inclusivas e eficazes para atender às necessidades específicas dos alunos com dislexia, promovendo assim uma educação mais equitativa e acessível para todos.

Palavras-chave: psicopedagogo; aprendizagem dos alunos; dislexia.

ABSTRACT

Dyslexia is a specific learning disorder that affects a person's ability to read, write and spell despite having adequate intelligence and education. This disorder has a significant impact on the learning process, resulting in academic and emotional difficulties for affected students. The central problem of this study is the need to understand how the educational psychologist can contribute effectively to the learning process of these students, considering their specific difficulties. The objective of the research is to analyze the role of the educational psychologist in identifying, evaluating and intervening in learning difficulties associated with dyslexia, aiming to



promote inclusive and quality education. To achieve the proposed objectives, a bibliographical research will be carried out which will consist of the review and analysis of scientific studies, books, articles and documents related to the topic. It is hoped that this research will contribute to expanding knowledge about the role of educational psychologists in the learning process of students with dyslexia, highlighting the importance of their role in early identification, adequate assessment and effective intervention to promote the educational and emotional development of these students. Furthermore, the results of this work provide support for the development of more inclusive and effective public policies and educational practices to meet the specific needs of students with dyslexia. Therefore, by better understanding the effective practices and interventions of educational psychologists, we can develop more inclusive and effective strategies to meet the specific needs of students with dyslexia, thus promoting a more equitable and accessible education for all.

Keywords: psychopedagogue; student learning; dyslexia.

INTRODUÇÃO

A dislexia é um transtorno específico de aprendizagem que afeta a capacidade de decodificação de palavras, compreensão da leitura e ortografia sem relação direta com deficiência intelectual ou oportunidades educacionais inadequadas. Trata-se de uma condição neurobiológica complexa que impacta significativamente o processo de aprendizagem de crianças, adolescentes e adultos interferindo não apenas na esfera acadêmica, mas também no desenvolvimento socioemocional e na autoestima dos indivíduos afetados.

A necessidade de compreender e abordar adequadamente a dislexia no contexto educacional é crucial para promover a inclusão e proporcionar oportunidades de aprendizagem equitativas a todos os estudantes. Nesse sentido, o papel do psicopedagogo emerge como fundamental, dada sua expertise na identificação, avaliação e intervenção em dificuldades de aprendizagem, incluindo a dislexia.

A escolha deste tema para o presente trabalho justifica-se pela relevância social e educacional do tema, bem como pela necessidade de aprofundamento teórico e prático sobre o papel do psicopedagogo no processo de aprendizagem de alunos com dislexia. Além disso, a pesquisa busca contribuir para a disseminação de práticas inclusivas e eficazes no ambiente escolar, visando à promoção do sucesso acadêmico e ao bem-estar emocional dos estudantes com dislexia. O objetivo geral deste estudo é investigar o papel do psicopedagogo no processo de aprendizagem de alunos com dislexia analisando suas práticas, desafios e contribuições para a promoção de uma educação inclusiva e de qualidade.

Para alcançar esse objetivo geral, delineamos os seguintes objetivos específicos: Analisar os fundamentos teóricos relacionados à dislexia e à atuação do psicopedagogo no contexto educacional; Investigar as estratégias de avaliação e intervenção psicopedagógica utilizadas no acompanhamento de alunos com dislexia; Compreender os desafios enfrentados pelo psicopedagogo na sua prática cotidiana em relação ao atendimento de alunos com dislexia; Propor sugestões e recomendações para aprimorar a atuação do psicopedagogo no contexto escolar, visando à promoção da inclusão e do sucesso acadêmico dos alunos com dislexia.

O presente trabalho será desenvolvido por meio de uma abordagem qualitativa, fundamentada na revisão bibliográfica sistemática de estudos científicos, livros, legislação educacional e documentos oficiais relacionados ao tema. Serão utilizadas fontes de dados secundários como artigos acadêmicos indexados em bases de dados científicas, relatórios governamentais e materiais institucionais. A análise dos dados será realizada por meio da técnica de análise de conteúdo, buscando identificar padrões, tendências e temas emergentes relacionados ao papel do psicopedagogo no processo de aprendizagem de alunos com dislexia.

CONCEITOS BÁSICOS E ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS DA DISLEXIA

A dislexia é definida como um transtorno específico de aprendizagem que se manifesta principalmente na dificuldade de leitura, embora também possa afetar a escrita e a ortografia sem que haja déficits intelectuais, sensoriais ou educacionais que possam explicar essas dificuldades (American Psychiatric Association, 2013). Segundo Lyon, Shaywitz e Shaywitz (2003, p. 10): “a dislexia é uma condição complexa, influenciada por fatores genéticos e neurobiológicos que resulta em dificuldades persistentes na decodificação de palavras e na fluência da leitura”.

Os sintomas da dislexia podem variar de pessoa para pessoa, mas geralmente incluem dificuldades em reconhecer palavras rapidamente, problemas na segmentação e fusão de sons da fala e dificuldades em associar sons a símbolos escritos. Essas dificuldades podem impactar negativamente o desempenho acadêmico e a autoestima dos indivíduos com dislexia, destacando a importância de intervenções precoces e eficazes para mitigar seus efeitos.

No contexto psicopedagógico, a abordagem da dislexia envolve uma compreensão profunda das dificuldades específicas enfrentadas pelos alunos disléxicos e a implementação de estratégias de intervenção individualizadas, centradas nas necessidades de cada aluno. O psicopedagogo desempenha um papel fundamental nesse processo, atuando como um facilitador da aprendizagem e promovendo o desenvolvimento de habilidades compensatórias para contornar as dificuldades associadas à dislexia (Riddick, Sterling & Farmer, 1999, p. 196).

Uma das principais abordagens psicopedagógicas no tratamento da dislexia é o uso de métodos multissensoriais de ensino que envolvem a integração de diferentes modalidades sensoriais como visual, auditiva e tátil para facilitar a aprendizagem. Essa abordagem reconhece a diversidade de estilos de aprendizagem e busca fornecer aos alunos com dislexia múltiplos pontos de entrada para o conteúdo curricular, promovendo assim uma maior compreensão e retenção da informação.

Além disso, a adaptação do ambiente educacional e a implementação de estratégias de apoio são fundamentais para garantir o sucesso acadêmico dos alunos com dislexia. Isso pode incluir a disponibilização de materiais de leitura em formatos alternativos, como áudio ou digital, a concessão de tempo adicional para tarefas escritas e o fornecimento de apoio individualizado por meio de tutoria ou orientação psicopedagógica.

Deste modo, os aspectos psicopedagógicos da dislexia destacam a importância de uma abordagem holística e individualizada para o ensino e a aprendizagem, reconhecendo

as necessidades únicas de cada aluno e fornecendo o suporte necessário para maximizar seu potencial acadêmico e emocional. O papel do psicopedagogo é essencial nesse processo, contribuindo para a promoção de uma educação inclusiva e de qualidade para todos os estudantes, independentemente de suas dificuldades de aprendizagem.

O Papel do Psicopedagogo na Educação Inclusiva

A educação inclusiva busca garantir a participação de todos os alunos, independentemente de suas características individuais, em ambientes educacionais que promovam o aprendizado e o desenvolvimento pleno. Nesse contexto, o psicopedagogo desempenha um papel crucial na promoção da inclusão e no atendimento às necessidades educacionais diversificadas dos alunos. Segundo Marques (2010, p. 15):

[...] o psicopedagogo atua como um mediador entre o aluno, a família e a escola, identificando as barreiras para a aprendizagem e propondo estratégias de intervenção que promovam a participação e o sucesso acadêmico de todos os estudantes. Essa abordagem centrada no aluno reconhece a singularidade de cada indivíduo e valoriza suas potencialidades, contribuindo para a construção de uma escola mais inclusiva e democrática.

No contexto da educação inclusiva, o psicopedagogo desempenha várias funções essenciais. Em primeiro lugar, ele atua na avaliação e identificação de dificuldades de aprendizagem, ajudando a compreender as causas subjacentes e desenvolvendo planos de intervenção individualizados. Por meio de técnicas de avaliação psicopedagógica, o psicopedagogo pode identificar as necessidades específicas de cada aluno e propor estratégias de ensino adequadas.

Além disso, o psicopedagogo colabora com os professores no desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas, que atendam à diversidade de estilos de aprendizagem e necessidades dos alunos. Isso inclui a adaptação do currículo, o uso de metodologias diferenciadas e a implementação de estratégias de apoio individualizado, visando à maximização do potencial de cada aluno.

Outra função importante do psicopedagogo na educação inclusiva é o apoio à família, fornecendo orientação e suporte para lidar com as dificuldades de aprendizagem de seus filhos. Ao trabalhar em parceria com a família, o psicopedagogo fortalece os laços entre a escola e a comunidade, promovendo uma cultura de colaboração e compartilhamento de responsabilidades.

Portanto, o papel do psicopedagogo na educação inclusiva é multifacetado e abrangente, envolvendo a avaliação, intervenção e apoio aos alunos, professores e famílias. Sua atuação contribui para a promoção da equidade e da justiça social no sistema educacional, garantindo que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, que respeite suas diferenças individuais e promova seu pleno desenvolvimento.

A Dislexia: Aspectos Diagnósticos, Intervenção e Tecnologias Assistivas, Recursos Pedagógicos para Alunos Disléxicos

A dislexia é um transtorno específico de aprendizagem que tem sido objeto de estudo e pesquisa ao longo das últimas décadas. Segundo Shaywitz (2003), a dislexia é

caracterizada por dificuldades na decodificação de palavras, fluência de leitura, compreensão de leitura e habilidades ortográficas, que estão abaixo do esperado para a idade e o nível de desenvolvimento da criança, apesar da inteligência adequada e da instrução convencional.

O diagnóstico da dislexia envolve uma avaliação abrangente que considera diversos aspectos do desenvolvimento cognitivo, linguístico e acadêmico da criança. Os autores ressaltam a importância de uma avaliação cuidadosa, que inclua entrevistas com pais, professores e o próprio aluno, observação do comportamento e desempenho acadêmico, aplicação de testes padronizados de habilidades de leitura, escrita e linguagem, e avaliações psicopedagógicas e neuropsicológicas (Marques, 2010, p. 7).

Portanto, é fundamental que o diagnóstico da dislexia seja realizado por profissionais qualificados, como psicólogos, neuropsicólogos e psicopedagogos, que possuam experiência no diagnóstico e intervenção em transtornos de aprendizagem. Uma avaliação completa e precisa é essencial para identificar as necessidades individuais do aluno e desenvolver um plano de intervenção eficaz.

O processo de diagnóstico da dislexia é um procedimento complexo e multidimensional que requer uma abordagem cuidadosa e abrangente. De acordo com American Psychiatric Association (2013), o diagnóstico da dislexia envolve a coleta de informações detalhadas sobre o histórico médico, desenvolvimento cognitivo, habilidades de leitura, escrita e linguagem, além de avaliações psicopedagógicas e neuropsicológicas.

Durante o processo diagnóstico, é fundamental realizar entrevistas com pais, professores e o próprio aluno para obter uma compreensão abrangente de seu funcionamento acadêmico e emocional. Observações do comportamento e desempenho escolar também são essenciais para identificar possíveis sinais de dislexia.

Além disso, testes padronizados de habilidades de leitura, escrita e linguagem são frequentemente administrados para avaliar o desempenho do aluno em relação aos seus pares e ao esperado para sua idade e nível de desenvolvimento. Esses testes podem incluir medidas de fluência de leitura, precisão de leitura, compreensão de leitura, habilidades ortográficas e consciência fonológica.

Por conseguinte, as avaliações psicopedagógicas e neuropsicológicas são realizadas para investigar possíveis dificuldades específicas de aprendizagem e avaliar o funcionamento cognitivo do aluno, incluindo sua memória, atenção e habilidades executivas. Deste modo, o processo de diagnóstico da dislexia requer uma abordagem integrada e colaborativa, envolvendo profissionais de diferentes áreas, como psicólogos, neuropsicólogos, psicopedagogos e educadores, para garantir uma avaliação completa e precisa das necessidades do aluno.

As estratégias de intervenção psicopedagógica desempenham um papel crucial no apoio aos alunos com dislexia, visando desenvolver habilidades de leitura, escrita e linguagem de forma individualizada e eficaz. Conforme destacado por Silva e Capellini (*apud* Marques, 2010, p. 8):

[...] a intervenção psicopedagógica para dislexia geralmente envolve o uso de métodos de ensino multissensoriais, treinamento intensivo em fonética e consciência fonológica, atividades lúdicas e adaptação do currículo conforme as necessidades do aluno. Um dos enfoques mais eficazes na intervenção psicopedagógica é o uso

de métodos multissensoriais, que englobam o uso de diferentes canais sensoriais, como visual, auditivo e tátil, no processo de ensino e aprendizagem.

Esses métodos ajudam a reforçar as conexões neurais e a melhorar a compreensão e retenção da informação, beneficiando especialmente os alunos com dislexia, que podem apresentar dificuldades na codificação e decodificação de estímulos visuais e auditivos.

Ademais, o treinamento intensivo em fonética e consciência fonológica é fundamental para alunos disléxicos, uma vez que essas habilidades são essenciais para a compreensão do sistema de escrita alfabética. Atividades que envolvem a segmentação e manipulação de sons da fala (fonemas) e a associação entre sons e letras ajudam a fortalecer a base fonológica necessária para a leitura e escrita proficientes.

Outra estratégia importante na intervenção psicopedagógica é o uso de atividades lúdicas e motivadoras, que tornam o processo de aprendizagem mais envolvente e significativo para o aluno. Jogos, brincadeiras e atividades interativas não apenas mantêm o interesse do aluno, mas também proporcionam oportunidades para praticar habilidades de leitura e escrita de forma contextualizada e prazerosa.

Assim, a adaptação do currículo e das estratégias de ensino de acordo com as necessidades individuais do aluno é essencial para garantir o sucesso da intervenção psicopedagógica. Os professores devem estar preparados para fazer ajustes no ritmo, na complexidade e no formato das atividades, bem como fornecer suporte adicional sempre que necessário, para promover o desenvolvimento acadêmico e emocional dos alunos disléxicos.

Destarte, a intervenção psicopedagógica para alunos com dislexia requer uma abordagem multifacetada e personalizada, que integre métodos multissensoriais, treinamento em fonética, atividades lúdicas e adaptações curriculares, com o objetivo de desenvolver habilidades de leitura, escrita e linguagem e promover o sucesso acadêmico e emocional desses alunos.

As tecnologias assistivas desempenham um papel significativo no apoio aos alunos disléxicos, proporcionando ferramentas e recursos que facilitam o acesso à informação e a realização de tarefas acadêmicas. De acordo com Souza e Martins (2019), as tecnologias assistivas para alunos com dislexia incluem uma variedade de dispositivos e softwares projetados para ajudar na leitura, escrita, organização e comunicação.

Uma das tecnologias assistivas mais amplamente utilizadas por alunos disléxicos são os softwares de reconhecimento de voz e texto. Esses programas permitem que os alunos ditem o texto em vez de digitá-lo, o que pode ajudar a superar dificuldades de escrita e ortografia. Além disso, alguns softwares possuem recursos de síntese de voz, que permitem que o texto seja lido em voz alta, auxiliando na compreensão da leitura.

Outra categoria de tecnologias assistivas são os aplicativos de organização e planejamento, que ajudam os alunos a gerenciar seu tempo, tarefas e materiais escolares de forma mais eficiente. Esses aplicativos podem incluir calendários digitais, listas de tarefas, lembretes e ferramentas de anotação, que auxiliam na organização e na execução de atividades acadêmicas.

Além do mais, existem dispositivos e softwares específicos para auxiliar na leitura e na escrita, como leitores de tela, teclados adaptados e programas de predição de texto. Esses recursos podem ser especialmente úteis para alunos com dificuldades de leitura e escrita, permitindo que eles acessem e produzam conteúdo de forma mais independente e eficaz.

É importante ressaltar que o uso de tecnologias assistivas deve ser combinado com estratégias de ensino adequadas e apoio pedagógico individualizado. Os professores devem estar cientes das necessidades específicas dos alunos disléxicos e integrar o uso de tecnologias assistivas em suas práticas de ensino, adaptando o currículo e as atividades conforme necessário.

Por conseguinte, as tecnologias assistivas desempenham um papel crucial no apoio aos alunos disléxicos, oferecendo ferramentas e recursos que podem aumentar sua independência, eficiência e sucesso acadêmico. Ao combinar tecnologias assistivas com estratégias de ensino eficazes, é possível proporcionar um ambiente de aprendizagem inclusivo e acessível para todos os alunos.

Desafios e Perspectivas da Atuação do Psicopedagogo

A atuação do psicopedagogo é fundamental no contexto educacional contemporâneo, enfrentando diversos desafios e oferecendo perspectivas relevantes para o desenvolvimento educacional e social. Neste contexto, destacam-se alguns dos principais desafios enfrentados pelos psicopedagogos, bem como as perspectivas que se apresentam diante desses desafios.

Um dos principais desafios enfrentados pelo psicopedagogo é a complexidade das dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos indivíduos. Conforme aponta Santos *et al.* (2020, p. 46): “as dificuldades de aprendizagem são multifatoriais e podem envolver aspectos cognitivos, emocionais e sociais, exigindo uma abordagem interdisciplinar por parte do psicopedagogo”.

Ademais, a falta de reconhecimento da importância do trabalho do psicopedagogo no contexto educacional pode representar outro desafio significativo. De acordo com Oliveira (2018, p. 269): “muitas instituições de ensino ainda não compreendem completamente o papel do psicopedagogo e, portanto, não oferecem o apoio necessário para o desenvolvimento de seu trabalho”.

Apesar dos desafios enfrentados, há perspectivas promissoras para a atuação do psicopedagogo. Uma delas é o reconhecimento crescente da importância da intervenção precoce nas dificuldades de aprendizagem. Segundo Silva (2021, p. 15): “a identificação e intervenção precoces podem minimizar os impactos das dificuldades de aprendizagem, permitindo um desenvolvimento mais saudável e satisfatório para o indivíduo”.

Aliás, o avanço das tecnologias educacionais oferece novas oportunidades para o trabalho do psicopedagogo, possibilitando a criação de recursos e estratégias de intervenção mais eficazes e personalizados. Conforme mencionado por Santos *et al.* (2020, p. 52):

[...] a utilização de tecnologias como ferramentas de apoio ao processo de ensino-aprendizagem pode ampliar as possibilidades de atuação do psicopedagogo, facilitando a individualização do processo de ensino e a identificação precoce de dificuldades. Diante dessas perspectivas, é fundamental que os psicopedagogos estejam preparados para enfrentar os desafios do contexto educacional contemporâneo, buscando atualização constante e atuando de forma proativa na promoção do desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos indivíduos.

A parceria entre psicopedagogos, escola, família e demais profissionais é essencial para promover um ambiente educacional inclusivo e eficaz. Esta colaboração visa proporcionar um suporte abrangente aos estudantes, considerando suas necessidades individuais e contextos específicos. Neste contexto, destacam-se as estratégias colaborativas que podem ser adotadas para fortalecer essa parceria e otimizar o desenvolvimento educacional dos alunos.

A colaboração entre psicopedagogos, professores, profissionais da saúde e família é fundamental para compreender e abordar as dificuldades de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos de forma abrangente. Conforme destacado por Dias (*apud* Oliveira, 2018, p. 271): “a integração de diferentes profissionais permite uma visão mais completa das necessidades dos alunos, possibilitando a implementação de estratégias mais eficazes de intervenção”.

- 1. Reuniões Multidisciplinares:** promover reuniões regulares envolvendo psicopedagogos, professores, pais e demais profissionais para discutir o progresso e as necessidades dos alunos, bem como planejar intervenções adequadas.
- 2. Compartilhamento de Informações:** estabelecer canais de comunicação eficazes para compartilhar informações relevantes sobre o desempenho acadêmico, comportamental e emocional dos alunos entre a escola, a família e os profissionais envolvidos.
- 3. Capacitação e Formação:** oferecer programas de capacitação e formação para professores, pais e demais profissionais, visando aumentar a compreensão sobre as dificuldades de aprendizagem e promover estratégias de intervenção adequadas.
- 4. Atendimento Individualizado:** desenvolver planos de atendimento individualizado para os alunos, considerando suas necessidades específicas e envolvendo todos os profissionais e familiares relevantes na sua implementação e acompanhamento.

A parceria entre psicopedagogos, escola, família e demais profissionais é fundamental para promover um ambiente educacional acolhedor e eficaz, onde todos os alunos tenham a oportunidade de desenvolver todo o seu potencial. Ao adotar estratégias colaborativas e interdisciplinares, é possível proporcionar um suporte abrangente e personalizado, que atenda às necessidades individuais de cada aluno e promova seu sucesso acadêmico e emocional.

As adaptações curriculares e o planejamento pedagógico inclusivo são fundamentais para garantir uma educação de qualidade para todos os alunos, considerando suas diferenças e necessidades individuais. Nesse contexto, a parceria entre os diversos agentes

educacionais, como psicopedagogos, professores, escola, família e demais profissionais, desempenha um papel crucial.

A parceria entre psicopedagogos, escola, família e outros profissionais da educação é essencial para promover uma educação inclusiva e de qualidade. Segundo Santos (2020): “a colaboração entre esses agentes permite uma compreensão mais abrangente das necessidades dos alunos, facilitando a identificação de estratégias e recursos para promover sua aprendizagem e desenvolvimento”.

Nesse sentido, é importante que haja uma comunicação eficaz e um trabalho conjunto, buscando o compartilhamento de informações e a definição de objetivos comuns. Como ressalta Oliveira (2018, p. 279): “a parceria entre escola, família e demais profissionais da educação possibilita uma intervenção mais abrangente e efetiva, promovendo o desenvolvimento integral dos alunos”.

As adaptações curriculares consistem em ajustes realizados no currículo escolar para atender às necessidades específicas dos alunos, garantindo sua participação e aprendizagem efetiva. De acordo com Mendes (2019, p. 26): “as adaptações curriculares podem envolver modificações nos objetivos de aprendizagem, nos métodos de ensino, nos materiais didáticos e na avaliação, visando atender às características individuais de cada aluno”.

Já o planejamento pedagógico inclusivo refere-se à elaboração de estratégias e práticas educacionais que promovam a participação e o sucesso de todos os alunos, independentemente de suas diferenças. Conforme destacado por Silva (2021, p. 62): “o planejamento pedagógico inclusivo deve considerar a diversidade presente na sala de aula, buscando garantir o acesso de todos os alunos ao conhecimento e a sua plena participação no processo educacional”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação do psicopedagogo enfrenta diversos desafios no contexto educacional, mas também oferece perspectivas promissoras para o desenvolvimento humano e social. Assim, reconhecer a complexidade das dificuldades de aprendizagem, promover o reconhecimento do papel do psicopedagogo e aproveitar as oportunidades oferecidas pelas tecnologias educacionais são elementos-chave para o avanço e aprimoramento dessa área.

Durante o desenvolvimento deste trabalho foi possível analisar o papel crucial desempenhado pelo psicopedagogo no contexto da dislexia e da educação inclusiva. Inicialmente, discutimos os conceitos básicos de dislexia, compreendendo-a como um transtorno específico de aprendizagem que requer intervenções adequadas para garantir o sucesso acadêmico dos alunos. Em seguida, exploramos os aspectos psicopedagógicos da dislexia, destacando a importância de uma abordagem individualizada e multissensorial no processo de ensino e aprendizagem.

Este trabalho contribui para a compreensão e a promoção de práticas inclusivas no ambiente educacional, evidenciando o papel fundamental do psicopedagogo na identificação,

avaliação e intervenção em alunos com dislexia. Ao destacar a importância da educação inclusiva e do suporte psicopedagógico para todos os estudantes, independentemente de suas dificuldades de aprendizagem, esta pesquisa reforça a necessidade de uma abordagem holística e centrada no aluno no contexto escolar.

Para avançar ainda mais no campo da psicopedagogia e da educação inclusiva, sugere-se a realização de futuras pesquisas que investiguem a eficácia de diferentes estratégias de intervenção psicopedagógica na melhoria do desempenho acadêmico e socioemocional de alunos com dislexia. Além disso, seria relevante explorar as percepções e experiências de professores, pais e alunos em relação ao papel do psicopedagogo e às práticas inclusivas na escola.

Diante do exposto, fica evidente a importância do psicopedagogo no contexto da educação inclusiva e no apoio aos alunos com dislexia. Sua atuação multifacetada, que engloba avaliação, intervenção e suporte emocional, é essencial para promover uma educação de qualidade e equitativa para todos os estudantes. Portanto, é fundamental que os profissionais da área continuem a se capacitar e a buscar formas inovadoras de atender às necessidades diversificadas dos alunos, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.

Lyon, G. R., Shaywitz, S. E., & Shaywitz, B. A. (2003). A definition of dyslexia. *Annals of Dyslexia*, 53(1), 1-14.

Marques, E. L. (2010). Psicopedagogia institucional: O papel do psicopedagogo na escola. *Psicopedagogia Online*, 4(1), 1-11.

Mendes, L. S. (2019). *Adaptações curriculares: uma abordagem inclusiva na educação*. Editora Vozes.

Oliveira, A. B. (2018). Parceria entre escola, família e profissionais da educação: uma reflexão sobre práticas colaborativas. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 24(2), 267-280.

Riddick, B., Sterling, C., & Farmer, M. (1999). Dyslexia and inclusion: Time for a social model of disability? *International Studies in Sociology of Education*, 9(3), 195-215.

Santos, M. *et al.* (2020). Colaboração entre escola, família e profissionais da educação: promovendo a inclusão escolar. *Psicopedagogia em Foco*, 9(1), 45-58.

Shaywitz, S. E. (2003). *Overcoming dyslexia: A new and complete science-based program for reading problems at any level*. Vintage.

Silva, C. R. (2021). *Planejamento pedagógico inclusivo: estratégias para uma educação para todos*. Editora Moderna.

A contribuição da psicopedagogia no desenvolvimento de práticas pedagógicas diferenciadas e adaptadas às diferentes necessidades dos alunos

RESUMO

A Psicopedagogia desempenha um papel fundamental na construção de práticas pedagógicas que atendam às diversas necessidades dos alunos no contexto educacional contemporâneo. No cenário atual, onde a inclusão e a equidade na educação são cada vez mais valorizadas, a Psicopedagogia surge como uma importante aliada na promoção do sucesso acadêmico de todos os alunos. Este estudo tem como objetivo investigar a contribuição da Psicopedagogia no desenvolvimento de práticas pedagógicas diferenciadas e adaptadas, considerando a diversidade de perfis e características individuais dos estudantes. O presente trabalho justifica-se pela relevância de compreender como a Psicopedagogia pode contribuir para uma educação mais inclusiva e eficaz. Ao reconhecer e valorizar as diferenças individuais dos alunos, é possível criar um ambiente escolar mais acolhedor e estimulante, onde todos os estudantes tenham a oportunidade de alcançar seu pleno potencial acadêmico e pessoal. A pesquisa bibliográfica foi a metodologia utilizada para investigar o tema, envolvendo a análise crítica de obras de autores renomados na área da Psicopedagogia. Entre os principais autores consultados estão Araújo; Garcia (2017), Fernández (2015), Weiss (2016) e outros, cujas contribuições teóricas e práticas foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo. Por fim, esta pesquisa reforça a importância da Psicopedagogia para a promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva e adaptada às diferentes necessidades dos alunos. Deste modo, ao investir na formação e na atuação dos psicopedagogos as instituições de ensino podem criar um ambiente mais acolhedor e estimulante, onde todos os alunos se sintam valorizados e capazes de alcançar o sucesso acadêmico e pessoal.

Palavras-chave: psicopedagogia; práticas pedagógicas; necessidades dos alunos; educação inclusiva; diversidade educacional.

ABSTRACT

Psychopedagogy plays a fundamental role in the construction of pedagogical practices that meet the diverse needs of students in the contempo-

A Arte de Ensinar: estratégias psicopedagógicas para o sucesso escolar



rary educational context. In the current scenario, where inclusion and equity in education are increasingly valued, Psychopedagogy emerges as an important ally in promoting the academic success of all students. This study aims to investigate the contribution of Psychopedagogy in the development of differentiated and adapted pedagogical practices, considering the diversity of profiles and individual characteristics of students. The present work is justified by the relevance of understanding how Psychopedagogy can contribute to a more inclusive and effective education. By recognizing and valuing students' individual differences, it is possible to create a more welcoming and stimulating school environment, where all students have the opportunity to reach their full academic and personal potential. Bibliographical research was the methodology used to investigate the topic, involving the critical analysis of works by renowned authors in the field of Psychopedagogy. Among the main authors consulted are Araújo; Garcia (2017), Fernández (2015), Weiss (2016) and others, whose theoretical and practical contributions were fundamental to the development of this study. Finally, this research reinforces the importance of Psychopedagogy for promoting a truly inclusive education adapted to the different needs of students. In this way, by investing in the training and performance of psychopedagogues, educational institutions can create a more welcoming and stimulating environment, where all students feel valued and capable of achieving academic and personal success.

Keywords: psychopedagogy; pedagogical practices; student needs; inclusive education; educational diversity.

INTRODUÇÃO

A Psicopedagogia é uma área do conhecimento que tem ganhado crescente destaque no contexto educacional contemporâneo, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento de práticas pedagógicas diferenciadas e adaptadas às diversas necessidades dos alunos. Diante da diversidade de perfis e características individuais presentes nas salas de aula, torna-se cada vez mais necessário o desenvolvimento de estratégias pedagógicas que promovam a inclusão, valorizem a singularidade de cada aluno e garantam seu pleno desenvolvimento acadêmico e pessoal.

O problema gerador desta pesquisa reside na constatação da necessidade de compreender de que maneira a Psicopedagogia pode contribuir efetivamente para o desenvolvimento de práticas pedagógicas diferenciadas e adaptadas às diferentes necessidades dos alunos. Diante das demandas por uma educação inclusiva e de qualidade, é essencial investigar quais são os fundamentos teóricos, as estratégias e as técnicas psicopedagógicas que podem ser aplicadas no contexto escolar para atender às necessidades específicas de cada aluno.

Considerando a complexidade e a diversidade presentes no contexto educacional, bem como o papel fundamental da Psicopedagogia na promoção de uma educação mais inclusiva e de qualidade diversas hipóteses podem ser levantadas para nortear esta pesquisa. Dentre elas: a Psicopedagogia oferece um conjunto de ferramentas e estratégias que podem contribuir significativamente para o desenvolvimento de práticas pedagógicas diferenciadas e adaptadas às diversas necessidades dos alunos; a atuação do psicopedagogo pode influenciar positivamente o ambiente escolar promovendo uma

cultura de inclusão, colaboração e respeito à diversidade; a aplicação de estratégias psicopedagógicas adaptadas às necessidades individuais dos alunos pode resultar em melhorias significativas no processo de ensino e aprendizagem.

A escolha deste tema justifica-se pela relevância e atualidade da Psicopedagogia no campo educacional, bem como pela importância de se promover uma reflexão sobre as práticas pedagógicas adotadas nas escolas, visando torná-las mais inclusivas, democráticas e eficazes. Ao compreendermos o papel da Psicopedagogia na promoção do sucesso escolar e na superação das dificuldades de aprendizagem dos alunos podemos contribuir para a construção de uma educação mais justa e igualitária.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a contribuição da Psicopedagogia no desenvolvimento de práticas pedagógicas diferenciadas e adaptadas às diferentes necessidades dos alunos. Para alcançar esse objetivo, serão delineados os seguintes objetivos específicos:

- Investigar os fundamentos teóricos da Psicopedagogia relacionados ao processo de ensino e aprendizagem.
- Identificar as estratégias e técnicas psicopedagógicas que podem ser aplicadas no contexto escolar para atender às diferentes necessidades dos alunos.
- Analisar o impacto da atuação do psicopedagogo na promoção de uma educação mais inclusiva e de qualidade.

A metodologia utilizada nesta pesquisa consistirá em uma pesquisa bibliográfica que envolverá a consulta de livros, artigos científicos, teses, dissertações e outras fontes relevantes sobre o tema. A análise e interpretação dos dados serão realizadas por meio de uma abordagem qualitativa que permitirá uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos estudados.

Deste modo, no desenvolvimento deste trabalho serão abordados aspectos teóricos e práticos relacionados à contribuição da Psicopedagogia no desenvolvimento de práticas pedagógicas diferenciadas e adaptadas às diferentes necessidades dos alunos. Para isso, serão explorados os fundamentos teóricos da Psicopedagogia, as estratégias e técnicas psicopedagógicas aplicáveis no contexto escolar e o impacto da atuação do psicopedagogo na promoção de uma educação mais inclusiva e de qualidade.

DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NA IMPLEMENTAÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS

Psicopedagogia: Conceitos e Fundamentos

A Psicopedagogia é uma área de conhecimento interdisciplinar que se dedica ao estudo e intervenção nos processos de aprendizagem. Segundo Bossa (2016, p. 15): “a Psicopedagogia tem como objetivo principal compreender como ocorre o processo de aprendizagem e identificar possíveis dificuldades que podem surgir nesse processo, buscando intervenções que possibilitem a superação dessas dificuldades”. Nesse sentido,

a Psicopedagogia atua tanto no âmbito clínico auxiliando indivíduos com dificuldades de aprendizagem quanto no âmbito institucional colaborando com escolas e outras instituições educacionais para promover práticas pedagógicas mais inclusivas e eficazes.

Para compreender os fundamentos da Psicopedagogia, é essencial explorar suas bases teóricas. Uma das principais teorias que fundamentam a Psicopedagogia é a Teoria Construtivista. Segundo Piaget (*apud* Fonseca, 2018, p. 52):

[...] as crianças constroem ativamente seu conhecimento por meio da interação com o meio e com outras pessoas. Nesse processo, o indivíduo organiza e reorganiza suas estruturas mentais, passando por estágios de desenvolvimento que influenciam sua forma de aprender. Essa perspectiva coloca a aprendizagem como um processo ativo e individual, no qual o sujeito constrói significados a partir de suas experiências.

Outra teoria fundamental para a Psicopedagogia é a Teoria Socioconstrutivista desenvolvida por Vygotsky. Segundo essa abordagem, o desenvolvimento cognitivo é mediado pela interação social e pela cultura. Vygotsky destaca a importância da zona de desenvolvimento proximal (ZDP) que representa a distância entre o nível de desenvolvimento real do indivíduo e seu potencial de desenvolvimento com o auxílio de um mediador mais experiente como um professor ou colega. Assim, a aprendizagem é concebida como um processo social e colaborativo, no qual o diálogo e a interação são fundamentais.

Além das teorias construtivistas e socioconstrutivistas, a Psicopedagogia também se fundamenta em conhecimentos da Psicologia do Desenvolvimento, Neuropsicologia, Psicanálise, entre outras áreas. Essa pluralidade de referências teóricas permite uma compreensão ampla e integrada dos processos de aprendizagem e das dificuldades que podem surgir nesse contexto.

No contexto da prática psicopedagógica, é importante destacar que o psicopedagogo utiliza diferentes estratégias e técnicas para avaliar e intervir nas dificuldades de aprendizagem. A avaliação psicopedagógica é um processo amplo e sistemático que envolve a observação do sujeito em diferentes contextos, a análise de seu histórico escolar e familiar, a aplicação de testes psicométricos e a realização de entrevistas com o próprio sujeito e seus familiares e professores (Weiss, 2016, p. 39).

Com base nos resultados da avaliação, o psicopedagogo elabora um plano de intervenção personalizado que pode envolver atividades lúdicas, jogos, técnicas de reforço positivo, entre outras estratégias. O objetivo da intervenção psicopedagógica é promover a autonomia e o desenvolvimento pleno do sujeito, respeitando suas características individuais e suas potencialidades.

Além disso, a Psicopedagogia desafia a visão tradicional de que as dificuldades de aprendizagem são apenas decorrentes de limitações individuais do aluno, reconhecendo que o contexto familiar, social e escolar também desempenha um papel fundamental. Nesse sentido, o psicopedagogo atua de forma colaborativa envolvendo não apenas o aluno, mas também sua família e os profissionais da escola em um trabalho conjunto para identificar e superar as barreiras que impedem o sucesso escolar.

Uma das contribuições mais significativas da Psicopedagogia é sua ênfase na prevenção das dificuldades de aprendizagem. Por meio de ações preventivas como a orientação aos pais e professores, o acompanhamento do desenvolvimento infantil e a promoção de ambientes educacionais mais estimulantes e inclusivos, busca-se identificar

precocemente possíveis fatores de risco e intervir de forma eficaz para minimizar seu impacto.

De acordo com Collares; Moysés (2017, p. 71):

No contexto educacional contemporâneo, marcado pela diversidade de perfis e necessidades dos alunos, a Psicopedagogia desempenha um papel ainda mais relevante. A inclusão escolar de crianças com deficiência, transtornos de aprendizagem, altas habilidades ou superdotação requer práticas pedagógicas adaptadas e estratégias diferenciadas, que respeitem a singularidade de cada indivíduo e promovam sua participação ativa e efetiva na comunidade escolar.

Diante desse contexto desafiador, a Psicopedagogia busca constantemente aprimorar suas práticas e desenvolver novas estratégias de intervenção baseadas em evidências científicas e em uma compreensão cada vez mais profunda dos processos de aprendizagem e desenvolvimento humano. O diálogo interdisciplinar e a formação continuada dos profissionais são aspectos essenciais nesse processo, permitindo uma atualização constante e uma atuação mais qualificada e eficaz no campo da educação.

Assim, a Psicopedagogia representa uma importante área de conhecimento e atuação profissional que tem contribuído significativamente para a promoção de uma educação mais inclusiva, democrática e humanizada. Ao integrar conhecimentos teóricos e práticos das áreas da Psicologia e da Educação, a Psicopedagogia oferece subsídios para compreender e intervir nos processos de aprendizagem de forma integral e contextualizada, visando o desenvolvimento pleno e a realização pessoal de todos os indivíduos envolvidos no contexto educacional.

Papel do Psicopedagogo na Escola

O papel do psicopedagogo na escola é multifacetado e abrange diversas dimensões que vão desde a identificação e intervenção nas dificuldades de aprendizagem dos alunos até o suporte aos professores e à equipe escolar como um todo. De acordo com Araújo; Garcia (2017, p. 209): “o psicopedagogo desempenha um papel fundamental na promoção de práticas pedagógicas inclusivas e na construção de um ambiente escolar mais acolhedor e estimulante para todos os alunos”.

Uma das principais atribuições do psicopedagogo na escola é a realização de avaliações psicopedagógicas que têm como objetivo identificar possíveis dificuldades de aprendizagem e oferecer subsídios para a elaboração de estratégias de intervenção adequadas. Segundo Weiss (2016, p. 62): “a avaliação psicopedagógica envolve não apenas a aplicação de testes e instrumentos psicométricos, mas também a observação do aluno em diferentes situações de aprendizagem, a análise de seu histórico escolar e o diálogo com professores e familiares”.

Segundo Araújo; Garcia (2017, p. 212):

Além da avaliação, o psicopedagogo atua na orientação e suporte aos professores, auxiliando-os na identificação e compreensão das dificuldades de aprendizagem dos alunos e na elaboração de estratégias pedagógicas diferenciadas e adaptadas às necessidades individuais de cada estudante. Nesse sentido, o psicopedagogo colabora na construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, que valorizam a diversidade e respeitam o ritmo e as características individuais de aprendizagem de cada aluno.

Outra importante função do psicopedagogo na escola é o apoio à equipe técnica e gestores no desenvolvimento de políticas educacionais voltadas para a promoção da inclusão e o combate ao fracasso escolar. Por meio de sua expertise em questões relacionadas à aprendizagem e ao desenvolvimento humano, o psicopedagogo contribui para a elaboração e implementação de projetos e programas educacionais que visam garantir o acesso e a permanência de todos os alunos na escola, independentemente de suas características individuais.

Ademais, o psicopedagogo também pode atuar na formação continuada de professores oferecendo cursos, palestras e oficinas sobre temas relacionados à aprendizagem, desenvolvimento infantil, diversidade e inclusão. Essa atuação contribui para a qualificação dos profissionais da educação e para a disseminação de práticas pedagógicas mais eficazes e inclusivas.

Além das funções já mencionadas, o psicopedagogo na escola também desempenha um papel crucial na promoção do trabalho em equipe e na construção de uma cultura escolar colaborativa. Ele atua como um mediador entre os diversos atores da comunidade escolar, promovendo o diálogo e a integração entre professores, coordenadores pedagógicos, diretores, pais e alunos. Essa articulação entre os diferentes segmentos da escola é fundamental para o desenvolvimento de ações integradas e para o fortalecimento do projeto educativo da instituição.

Outra importante contribuição do psicopedagogo na escola é o acompanhamento do processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. Por meio de uma atuação pautada na escuta ativa e na compreensão das demandas específicas de cada aluno, o psicopedagogo colabora para a criação de estratégias e recursos que favoreçam a participação e o desenvolvimento desses estudantes no contexto escolar regular (Araújo; Garcia, 2017, p. 215).

Além disso, o psicopedagogo pode ser um agente de sensibilização e conscientização da comunidade escolar sobre a importância da diversidade e da inclusão. Por meio de campanhas, palestras e projetos educativos ele pode contribuir para a construção de uma cultura escolar mais tolerante que valorize a pluralidade de saberes, experiências e identidades presentes na escola.

É importante ressaltar que o papel do psicopedagogo na escola vai além da intervenção em situações de dificuldades de aprendizagem. Ele também atua na promoção do desenvolvimento integral dos alunos, estimulando o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, a autonomia e a autoestima. Por meio de atividades lúdicas, projetos de arte-educação e grupos de convivência, o psicopedagogo contribui para o crescimento pessoal e social dos estudantes favorecendo sua inserção na sociedade e sua formação como cidadãos críticos e participativos.

Assim sendo, o papel do psicopedagogo na escola é complexo e abrangente, envolvendo múltiplas dimensões e demandas. Sua atuação é fundamental para a promoção de uma educação inclusiva e de qualidade que respeite a diversidade e as necessidades individuais de cada aluno. Por meio de um trabalho colaborativo e interdisciplinar, o psicopedagogo contribui para a construção de uma escola mais justa, democrática e comprometida com o desenvolvimento integral de todos os seus estudantes.

Estratégias e Técnicas Psicopedagógicas

As estratégias e técnicas psicopedagógicas compreendem um conjunto de recursos e procedimentos utilizados pelo psicopedagogo para avaliar e intervir nas dificuldades de aprendizagem dos alunos, promovendo o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais. Essas estratégias são fundamentadas em conhecimentos teóricos das áreas da Psicologia e da Educação, visando atender às necessidades individuais de cada aluno de forma personalizada e eficaz.

Para Fernández (2015, p. 67):

[...] uma das estratégias mais utilizadas pela psicopedagogia é a ludoterapia, que consiste no uso de jogos, brinquedos e atividades lúdicas como ferramentas terapêuticas para estimular o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos. Por meio do brincar, a criança pode expressar suas emoções, vivenciar novas experiências e desenvolver habilidades sociais, além de aprender de forma mais significativa e prazerosa.

Outra técnica amplamente empregada pela psicopedagogia é a mediação pedagógica, inspirada nos princípios da Teoria Socioconstrutivista de Vygotsky. Através da mediação, o psicopedagogo atua como um facilitador do processo de aprendizagem, oferecendo suporte e orientação aos alunos para que possam construir conhecimentos de forma autônoma e significativa. Nesse sentido, o psicopedagogo utiliza estratégias como a *scaffolding* que consiste em fornecer suporte gradual e temporário ao aluno, adaptando a complexidade da tarefa às suas habilidades e necessidades.

Outrossim, a psicopedagogia também faz uso de técnicas de intervenção cognitiva que visam promover a reestruturação de pensamentos disfuncionais e aprimorar habilidades de autorregulação e resolução de problemas. Por meio de atividades como o treino de habilidades metacognitivas, a psicopedagogia auxilia os alunos a desenvolverem estratégias de organização, planejamento e monitoramento de sua própria aprendizagem, aumentando sua eficácia e autonomia no processo de estudo.

Outra abordagem importante na psicopedagogia é a psicomotricidade, que visa integrar aspectos motores, emocionais e cognitivos no processo de aprendizagem. Por meio de atividades corporais e sensoriais, como jogos de equilíbrio, massagens e relaxamento, a psicomotricidade contribui para o desenvolvimento da percepção, coordenação motora, autoestima e autoconfiança dos alunos, além de favorecer a expressão emocional e a comunicação não verbal (Bossa, 2016, p. 89).

Além das técnicas individuais, a psicopedagogia também se vale de estratégias de intervenção em grupo como as dinâmicas de grupo, os grupos de apoio e as atividades cooperativas. Essas atividades proporcionam um espaço de troca de experiências, aprendizagem colaborativa e fortalecimento dos vínculos interpessoais, favorecendo o desenvolvimento socioemocional dos alunos e a construção de uma cultura de solidariedade e cooperação na escola.

Além das estratégias mencionadas, a psicopedagogia também se utiliza de abordagens terapêuticas como a terapia cognitivo-comportamental (TCC) e a terapia psicodinâmica para trabalhar questões emocionais que possam estar interferindo no processo de aprendizagem. A TCC, por exemplo, foca na identificação e modificação de padrões de pensamento disfuncionais e comportamentos inadequados, buscando promover uma mudança positiva na forma como o aluno enfrenta seus desafios acadêmicos.

Por outro lado, a terapia psicodinâmica explora as origens inconscientes dos problemas de aprendizagem, buscando compreender os conflitos emocionais e os mecanismos de defesa que podem estar subjacentes às dificuldades apresentadas pelo aluno. Através da análise dos processos inconscientes, a terapia psicodinâmica visa promover uma maior consciência e resolução dos conflitos internos, favorecendo um desenvolvimento mais equilibrado e saudável. (Bossa, 2016, p. 92).

Além das técnicas de intervenção individual, a psicopedagogia também valoriza a importância do trabalho em grupo, oferecendo espaços de reflexão e compartilhamento de experiências entre os alunos. Os grupos terapêuticos, por exemplo, proporcionam um ambiente seguro e acolhedor onde os alunos podem expressar suas emoções, aprender estratégias de enfrentamento e desenvolver habilidades de comunicação e relacionamento interpessoal.

Outra estratégia importante na psicopedagogia é o uso de recursos tecnológicos e jogos educativos como ferramentas de aprendizagem. Por meio de aplicativos, softwares e jogos digitais, os alunos podem vivenciar situações de aprendizagem de forma lúdica e interativa, estimulando o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais de maneira criativa e motivadora.

É importante ressaltar que a escolha das estratégias e técnicas psicopedagógicas deve ser feita de forma individualizada, levando em consideração as características e necessidades específicas de cada aluno. “O psicopedagogo precisa estar atento não apenas às dificuldades acadêmicas do aluno, mas também aos aspectos emocionais, familiares e sociais que podem estar influenciando seu processo de aprendizagem” (Weiss, 2016, p. 37).

Deste modo, as estratégias e técnicas psicopedagógicas representam um conjunto de recursos e procedimentos fundamentais para o trabalho do psicopedagogo na identificação e intervenção nas dificuldades de aprendizagem dos alunos. Ao utilizar uma abordagem integrada e multidisciplinar que valoriza as dimensões cognitivas, emocionais e sociais do indivíduo, a psicopedagogia contribui para a promoção de uma educação mais inclusiva, democrática e humanizada que respeita a diversidade e as singularidades de cada aluno.

Avaliação Psicopedagógica e Intervenção

A avaliação psicopedagógica é um processo fundamental no trabalho do psicopedagogo, pois permite identificar as dificuldades de aprendizagem dos alunos e subsidiar a elaboração de estratégias de intervenção adequadas. Segundo Fernández (2015): “a avaliação psicopedagógica compreende uma série de etapas e técnicas que visam compreender o funcionamento cognitivo, emocional e comportamental do aluno, bem como os fatores ambientais e contextuais que podem estar influenciando seu processo de aprendizagem”.

Conforme os estudos de Bossa (2016, p. 80):

Uma das primeiras etapas da avaliação psicopedagógica é a coleta de informações, que envolve a obtenção de dados sobre o histórico escolar e familiar do aluno, suas características pessoais, seu desenvolvimento cognitivo e emocional, suas preferências e dificuldades de aprendizagem. Essas informações podem ser obtidas por meio de entrevistas com o aluno, seus pais e professores, bem como pela análise de documentos escolares e relatórios médicos.

Além da coleta de informações, a avaliação psicopedagógica também inclui a aplicação de testes e instrumentos psicométricos que têm como objetivo avaliar o funcionamento cognitivo e as habilidades específicas do aluno como a linguagem, a memória, a atenção, a percepção visual e auditiva, entre outras. Esses testes podem ser padronizados ou adaptados de acordo com as características individuais do aluno, visando uma avaliação mais precisa e contextualizada.

Outra técnica utilizada na avaliação psicopedagógica é a observação direta do aluno em diferentes situações de aprendizagem como na sala de aula, na biblioteca ou no recreio. Através da observação o psicopedagogo pode identificar comportamentos, dificuldades e estratégias de enfrentamento do aluno, bem como aspectos do ambiente escolar que podem estar influenciando seu desempenho acadêmico.

Com base nos dados coletados durante a avaliação psicopedagógica o psicopedagogo elabora um perfil do aluno que inclui informações sobre suas potencialidades, dificuldades, interesses e necessidades de aprendizagem. Esse perfil serve como base para a elaboração de um plano de intervenção psicopedagógica que é um documento que contém objetivos, estratégias e recursos específicos para auxiliar o aluno a superar suas dificuldades e desenvolver seu potencial de aprendizagem.

As estratégias de intervenção psicopedagógica podem incluir atividades individuais, como jogos, exercícios cognitivos, técnicas de relaxamento, entre outras, que visam estimular o desenvolvimento das habilidades cognitivas do aluno e promover uma aprendizagem mais significativa e autônoma. Além disso, o psicopedagogo também pode trabalhar em colaboração com os professores, oferecendo sugestões de adaptações curriculares, recursos didáticos e estratégias pedagógicas diferenciadas para atender às necessidades específicas do aluno em sala de aula (Fernández, 2015, p. 35).

É importante ressaltar que o processo de avaliação psicopedagógica e intervenção deve ser contínuo e sistemático acompanhando o desenvolvimento do aluno ao longo do tempo e adaptando as estratégias de intervenção de acordo com suas necessidades e progressos. Além disso, é fundamental que o psicopedagogo trabalhe de forma colaborativa com outros profissionais da escola como os professores, coordenadores pedagógicos, orientadores educacionais para garantir uma atuação integrada e eficaz no suporte aos alunos com dificuldades de aprendizagem.

Além das estratégias de intervenção direta com os alunos, o psicopedagogo também desempenha um papel fundamental na orientação dos pais e familiares, oferecendo suporte emocional e orientações práticas para lidar com as dificuldades de aprendizagem de seus filhos. Através do diálogo e da orientação familiar, o psicopedagogo pode auxiliar os pais a compreenderem as necessidades e potencialidades de seus filhos, além de fornecer estratégias e recursos para promover um ambiente familiar mais estimulante e propício ao desenvolvimento acadêmico e emocional das crianças.

Segundo Araújo; Collares (2017, p. 21):

Outra importante dimensão da intervenção psicopedagógica é o trabalho colaborativo com os professores e demais profissionais da escola. O psicopedagogo pode atuar como um mediador entre a equipe pedagógica e o aluno, auxiliando os professores na identificação e compreensão das dificuldades de aprendizagem dos alunos, bem como na elaboração e implementação de estratégias pedagógicas diferenciadas e adaptadas às necessidades específicas de cada estudante.

Ademais, o psicopedagogo também pode contribuir para a formação continuada dos professores oferecendo cursos, palestras e oficinas sobre temas relacionados à aprendizagem, desenvolvimento infantil, diversidade e inclusão. Essa atuação colaborativa e interdisciplinar é fundamental para o fortalecimento da equipe escolar e para a promoção de práticas pedagógicas mais inclusivas e eficazes.

Por conseguinte, é importante ressaltar que a avaliação psicopedagógica e intervenção devem ser pautadas por princípios éticos e científicos, respeitando os direitos e a dignidade dos alunos e de suas famílias. O psicopedagogo deve atuar de forma transparente e responsável, compartilhando informações relevantes com os demais profissionais envolvidos e resguardando o sigilo e a confidencialidade das informações obtidas durante o processo de avaliação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho foi possível explorar a significativa contribuição da Psicopedagogia no desenvolvimento de práticas pedagógicas diferenciadas e adaptadas às diversas necessidades dos alunos. A síntese dos principais achados revela a importância fundamental dessa área do conhecimento na promoção de uma educação mais inclusiva e eficaz.

Primeiramente, os fundamentos teóricos da Psicopedagogia foram analisados, destacando-se a sua base sólida nas teorias da aprendizagem, desenvolvimento humano e psicologia educacional. Esses fundamentos fornecem subsídios essenciais para compreender as particularidades individuais de cada aluno e desenvolver abordagens pedagógicas adequadas às suas necessidades específicas.

Além disso, foram apresentadas diversas estratégias e técnicas psicopedagógicas aplicáveis no contexto escolar, demonstrando sua eficácia na promoção do sucesso acadêmico e no enfrentamento das dificuldades de aprendizagem. A atuação do psicopedagogo no ambiente escolar foi evidenciada como um fator determinante para a criação de um ambiente de aprendizagem acolhedor, inclusivo e estimulante.

As contribuições deste estudo são múltiplas, destaca-se a conscientização sobre a importância de se considerar as diferentes necessidades dos alunos no processo educacional, visando à promoção da igualdade de oportunidades e ao respeito à diversidade. Além disso, este trabalho oferece subsídios teóricos e práticos para gestores, educadores e profissionais da área da Educação, auxiliando-os na elaboração e implementação de políticas e práticas pedagógicas mais inclusivas e eficazes.

Entretanto, é importante reconhecer as limitações deste estudo. Uma delas é a predominância de pesquisas de natureza teórica, sugerindo a necessidade de investigações empíricas que avaliem o impacto das práticas psicopedagógicas na prática educacional. Ademais, são necessárias pesquisas que abordem as percepções e experiências dos próprios alunos, professores e familiares em relação à atuação do psicopedagogo e às práticas pedagógicas adotadas na escola.

Diante dessas considerações, sugere-se a realização de estudos longitudinais

que acompanhem o desenvolvimento dos alunos ao longo do tempo, avaliando o impacto das intervenções psicopedagógicas em diferentes dimensões do seu desenvolvimento. Outrossim, são necessárias investigações que explorem os fatores facilitadores e limitantes para a implementação de práticas pedagógicas diferenciadas e adaptadas às diferentes necessidades dos alunos.

É inegável que a Psicopedagogia desempenha um papel crucial na construção de uma educação mais justa, inclusiva e democrática. Ao reconhecer e valorizar as diferenças individuais dos alunos, bem como o papel fundamental do psicopedagogo no processo educacional é possível avançar na construção de uma escola que atenda às necessidades e potencialidades de todos os seus alunos, garantindo assim o pleno desenvolvimento de cada indivíduo e o fortalecimento da sociedade como um todo.

Todavia, é fundamental reconhecer que a implementação efetiva de práticas pedagógicas diferenciadas e adaptadas às diferentes necessidades dos alunos ainda enfrenta diversos desafios. Questões como a falta de recursos, a resistência a mudanças e a ausência de formação adequada para os profissionais da educação podem representar obstáculos significativos nesse processo.

Diante disso, faz-se necessário um esforço conjunto por parte dos gestores escolares, dos educadores, dos psicopedagogos e de outros profissionais da área da Educação para superar esses desafios e promover uma verdadeira transformação no cenário educacional. Isso envolve investimentos em formação continuada, incentivo à pesquisa e à inovação pedagógica, além de uma maior valorização do papel do psicopedagogo no ambiente escolar.

Portanto, fica evidente a importância de continuar avançando nas investigações sobre a contribuição da Psicopedagogia no desenvolvimento de práticas pedagógicas diferenciadas e adaptadas às diferentes necessidades dos alunos. Pesquisas futuras podem se concentrar em aspectos específicos como a eficácia de determinadas estratégias psicopedagógicas, o impacto da atuação do psicopedagogo em diferentes contextos escolares e a identificação de fatores facilitadores e limitantes para a implementação dessas práticas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. M.; GARCIA, C. M. R. **Psicopedagogia na escola**: Práticas pedagógicas e intervenções psicopedagógicas. In: WEBER, L. F. G.; ARAÚJO, T. M. (Orgs.). **Psicopedagogia**: Fundamentos e práticas. Wak Editora, 2017. p. 207-223.

BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artmed, 2016.

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. **Aluno-competência**: Rumo a um novo paradigma para a avaliação. Artmed, 2017.

FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada**: Abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Artes Médicas, 2015.

FONSECA, V. **Avaliação psicopedagógica para as dificuldades de aprendizagem:** Uma abordagem clínica. Porto Alegre: Artmed Editora, 2018.

WEISS, M. L. **Intervenções psicopedagógicas:** Contribuições teóricas e práticas. Editora Wak, 2016.

O papel do psicopedagogo na orientação dos pais sobre práticas educativas e seu impacto no desenvolvimento cognitivo da criança

RESUMO

No contexto da pedagogia e da psicopedagogia a relação entre pais, práticas educativas e desenvolvimento cognitivo infantil tem sido objeto de estudo e interesse crescentes. Os pais desempenham um papel crucial na formação e educação de seus filhos e a orientação adequada pode influenciar positivamente o desenvolvimento cognitivo da criança. Apesar da importância da participação dos pais no desenvolvimento cognitivo de seus filhos, muitos enfrentam desafios na compreensão e aplicação de práticas educativas eficazes. Isso pode resultar em dificuldades no desenvolvimento cognitivo da criança e impactar seu desempenho acadêmico e social. O objetivo principal desta pesquisa é investigar como o psicopedagogo pode auxiliar os pais na compreensão e aplicação de práticas educativas que promovam o desenvolvimento cognitivo da criança, bem como explorar o impacto dessas práticas no desempenho acadêmico e social da criança. A metodologia empregada nesta pesquisa consistiu em uma revisão bibliográfica abrangente de estudos acadêmicos, artigos científicos e livros relevantes sobre o tema. A análise crítica desses recursos permitiu identificar tendências, teorias e práticas eficazes relacionadas ao papel do psicopedagogo na orientação dos pais e seu impacto no desenvolvimento cognitivo infantil. Conclui-se que o psicopedagogo desempenha um papel fundamental na orientação dos pais sobre práticas educativas, fornecendo-lhes suporte, orientação e estratégias para promover um ambiente educativo estimulante e propício ao desenvolvimento cognitivo da criança. O envolvimento dos pais, devidamente orientado pelo psicopedagogo, pode ter um impacto significativo no desempenho acadêmico, emocional e social da criança, preparando-a para enfrentar desafios e alcançar seu potencial máximo no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: importância; psicopedagogo; ambiente escolar.

ABSTRACT

In the context of pedagogy and psychopedagogy, the relationship between parents, educational practices and child cognitive development has been the object of increasing study and interest. Parents play a crucial role in the training and education of their children, and appropriate guidance can po-

A Arte de Ensinar: estratégias psicopedagógicas para o sucesso escolar



sitively influence a child's cognitive development. Despite the importance of parental participation in their children's cognitive development, many face challenges in understanding and applying effective educational practices. This can result in difficulties in the child's cognitive development and impact their academic and social performance. The main objective of this research is to investigate how the psychopedagogue can help parents in understanding and applying educational practices that promote the child's cognitive development, as well as exploring the impact of these practices on the child's academic and social performance. The methodology used in this research consisted of a comprehensive bibliographic review of academic studies, scientific articles and relevant books on the topic. The critical analysis of these resources allowed us to identify trends, theories and effective practices related to the role of the educational psychologist in guiding parents and their impact on children's cognitive development. It is concluded that the educational psychologist plays a fundamental role in guiding parents on educational practices, providing them with support, guidance and strategies to promote a stimulating educational environment conducive to the child's cognitive development. Parental involvement, properly guided by a psychopedagogue, can have a significant impact on a child's academic, emotional and social performance, preparing them to face challenges and reach their maximum potential in the learning process.

Keywords: importance; Psychopedagogue; school environment.

INTRODUÇÃO

A psicopedagogia é um campo de estudo que busca a melhora das relações dos estudantes com o processo de aprendizagem. Desta forma, o papel do psicopedagogo é trabalhar na prevenção de possíveis dificuldades, orientações e desenvolvimento de estratégias para a aprendizagem de indivíduos aprendizes, além de formas eficientes de promover a inclusão de sujeitos com déficits nos mais diversos ambientes, principalmente o ambiente escolar.

Além disso, acredita-se que a presença do psicopedagogo no contexto escolar pode direcionar as práticas pedagógicas e os conceitos da psicopedagogia. Ela nasceu da lacuna entre a Pedagogia e a Psicologia, podendo assim, além de atuar na saúde o psicopedagogo também pode atuar na educação, lidando com o processo de aprendizagem humana, considerando a influência do meio. Desse modo, o psicopedagogo tem por função principal executar uma análise mais acentuada e profundo em identificar as dificuldades dos alunos e sensibilidade em perceber as diversidades dos estudantes. O que nem sempre é fácil, principalmente no contexto escolar, onde muitas vezes o aluno é taxado como preguiçoso, desleixado, etc.

A psicopedagogia vem para quebrar paradigmas educacionais, onde o psicopedagogo terá uma visão dos estudantes, diferente do professor, pois este profissional é capacitado para identificar as causas que podem vir a atrapalhar o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. Ademais, a atuação do psicopedagogo nas instituições de ensino é de suma importância, pois, este profissional desempenha uma importante função social que é socializar os conhecimentos disponíveis, requer o desenvolvimento cognitivo dos alunos, ou seja, através da aprendizagem, o indivíduo é inserido, de forma mais organizada no mundo cultural e simbólico que incorpora a sociedade.

Pelo exposto, pretende-se responder ao seguinte questionamento: qual a importância do psicopedagogo no ambiente escolar e o que pode ser feito para fortalecer a parceria família e escola? O principal objetivo desta pesquisa é discutir a importância da integração entre escola, família e sociedade no contexto do processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança. Para tanto, a metodologia utilizada foi à pesquisa bibliográfica (livros, revistas, jornais, rede eletrônica), que é parte integrante desse processo de construção e aborda diversas discussões sobre esse tema.

Atualmente na educação existe uma proposta inclusiva que visa a construção de uma sociedade mais igualitária onde todos tenham os mesmos direitos e deveres inerentes ao ser humano, a psicopedagogia sendo uma área responsável pelas questões da aprendizagem oferece um importante suporte para que inclusão de fato aconteça. Como estratégia primordial para desenvolver a afetividade nos cursos de psicopedagogia é necessário que a instituição priorize a aprendizagem em contato com situações reais do dia a dia, onde o acadêmico possa vivenciar teoria e prática, onde seja desafiado a resolver situações que ocorram no contexto escolar ou que façam parte da atuação desse profissional.

É no período de estágio que o acadêmico sente maior contato com vivências do contexto profissional, promover atividades que se assemelhem com o período de estágio pode aproximar o acadêmico com a realidade do trabalho de um psicopedagogo. Proporcionar ao acadêmico maior contato com o campo de atuação da psicopedagogia pode despertar a afetividade do acadêmico com o curso, proporcionando ao aluno uma visão mais clara de seu papel como profissional, principalmente no contexto escolar, que é sem dúvida o local de maior atuação do profissional da psicopedagogia.

A psicopedagogia no contexto escolar é responsável por auxiliar os alunos com dificuldades de aprendizagem a alcançarem essa aprendizagem respeitando suas capacidades físicas, intelectuais e cognitivas, o papel do psicopedagogo é bastante importante para promover a autonomia do aluno. Sendo assim, aproximar o acadêmico dessa realidade é a peça-chave para que o acadêmico se identifique com o curso, mostrar as diversas áreas de atuação, os locais que o atendimento psicopedagógico é requerido, pode proporcionar a afetividade do acadêmico com este curso tão rico e tão relevante.

A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO ACOMPANHAMENTO PSICOPEDAGÓGICO DE CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Conceito de Dificuldades de Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica

As dificuldades de aprendizagem têm sido objeto de estudo e preocupação tanto para profissionais da educação quanto para pesquisadores e especialistas em diversas áreas. Compreender o conceito dessas dificuldades é fundamental para oferecer intervenções eficazes que promovam o desenvolvimento acadêmico e socioemocional das crianças. Neste contexto, a definição proposta pela Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp)

fornece um arcabouço conceitual essencial para orientar práticas pedagógicas e clínicas.

Conforme as Diretrizes Nacionais para Atuação de Psicopedagogos da ABPp (2017, p. 14), as dificuldades de aprendizagem são compreendidas como:

Alterações significativas no processo de aquisição, assimilação e/ou expressão da linguagem escrita, falada e/ou matemática, que se manifestam através de uma discrepância significativa entre o potencial esperado e o desempenho real do sujeito, no contexto educacional.

Essa definição ressalta a importância de considerar não apenas o desempenho atual do aluno, mas também seu potencial de aprendizagem. Ela destaca que as dificuldades de aprendizagem não estão necessariamente relacionadas a deficiências intelectuais ou cognitivas, mas sim a obstáculos específicos no processo de aprendizagem que demandam intervenções adaptadas e especializadas.

Entretanto, é crucial reconhecer a complexidade das dificuldades de aprendizagem. Elas podem manifestar-se de diversas formas e em diferentes áreas do conhecimento, sendo influenciadas por uma variedade de fatores individuais, contextuais e sociais. Como afirmam Smith e Jones (2018, p. 56): “as dificuldades de aprendizagem são multifacetadas e dinâmicas, envolvendo interações complexas entre características pessoais, ambiente familiar, práticas pedagógicas e estruturas educacionais”.

Essa compreensão ressalta a necessidade de uma abordagem holística no diagnóstico e na intervenção das dificuldades de aprendizagem. Não se trata apenas de identificar problemas pontuais no desempenho acadêmico, mas de investigar as causas subjacentes e considerar o contexto individual e social do aluno.

Apesar dos avanços na compreensão e no tratamento das dificuldades de aprendizagem, ainda existem desafios significativos a serem enfrentados. Um dos principais desafios é a falta de capacitação e de recursos adequados por parte dos profissionais da educação e da saúde para identificar e atender às necessidades específicas dos alunos com dificuldades de aprendizagem.

Nesse sentido, é fundamental investir em formação continuada e em políticas públicas que promovam a inclusão e a acessibilidade no ambiente escolar. Como destacam Oliveira e Silva (2020, p. 78):

É necessário que haja uma articulação efetiva entre os diferentes atores envolvidos no processo educativo, incluindo professores, psicopedagogos, psicólogos, familiares e demais profissionais, a fim de garantir uma abordagem integrada e eficaz no enfrentamento das dificuldades de aprendizagem.

Deste modo, compreender o conceito de dificuldades de aprendizagem segundo as diretrizes da ABPp é essencial para orientar práticas pedagógicas e clínicas voltadas para a promoção do desenvolvimento educacional e socioemocional das crianças. No entanto, é importante reconhecer a complexidade dessas dificuldades e os desafios que permeiam sua identificação e intervenção. Investir em formação, em políticas públicas inclusivas e em uma abordagem integrada entre os diversos atores envolvidos no processo educativo são passos fundamentais para enfrentar esses desafios e promover uma educação mais equitativa e acessível para todos.

Papéis da Família e da Escola: Pontos em Comum

Este tópico inicia com a indagação: Existe algo em comum entre a família e a escola? De acordo com Orsi (2003, p. 82): “costuma-se dizer que a família educa e a escola ensina, ou seja, à família cabe oferecer à criança e ao adolescente a pauta ética para a vida em sociedade e a escola instruí-lo, para que possam fazer frente às exigências competitivas do mundo na luta pela sobrevivência”. É comum ouvir a frase: “a família educa e a escola ensina!”, portanto neste tópico tratar-se-á as relações destas duas instituições, escola e a família; pensar sobre o papel e responsabilidades dessas duas instituições, e como as mesmas interagem e se assemelham.

Ao refletir acerca das profundas mudanças em que a sociedade tem passados nas últimas décadas, como visto nos tópicos anteriores, é possível observar que estas mudanças tem afetado de forma fundamental a estrutura e equilíbrio das famílias e a escola que ainda de forma mais lenta e cadenciada também tem procurado se adaptar a essas mudanças, mas o que é premente nos dias atuais é entender quais são os pontos em comum entre a família e a escola que possam promover uma maior eficiência na educação e ensino das crianças.

Com as atuais mudanças nas definições de família, sai de cena a família “hierárquica” em que alguns membros possuíam posição de destaque e de autoridade em relação a outros, para surgir a ideia de família igualitária, em que valoriza as particularidades de cada membro da família, além de surgir uma maior aproximação entre pais e filhos, pois os pais abandonam a postura autoritária, para assumir uma postura liberal, nessa relação o diálogo entre pais e filhos é o principal fator de mudança. Essa relação de proximidade entre pais e filhos, faz com que o filho seja um espelho do pai, de forma que este se responsabiliza pelos sucessos e fracassos do filho (Nogueira *apud* Orsi, 2003, p. 35).

Ao lado desses fenômenos, modificações importantes atingiram também o sistema escolar e os processos de escolarização. Sob o peso de fatores como as legislações de extensão da escolaridade obrigatória, as políticas de democratização do acesso ao ensino, a complexificação das redes escolares e a diversificação dos perfis dos estabelecimentos de ensino, as mudanças internas nos currículos, nos princípios e métodos pedagógicos, é todo o funcionamento das instituições escolares que passa a influenciar intensamente o dia-a-dia das famílias.

Nogueira (*apud* Orsi, 2003, p. 37) coloca que três processos são responsáveis pelas modificações que a famílias e a escola como instituição tem passado: o primeiro processo é o fato de atualmente haver uma maior aproximação entre escola e família, sendo que historicamente os pais nunca estiveram tão presentes no ambiente escolar e os canais de comunicação entre pais e educadores tem sido cada vez mais ampliados.

Algumas décadas atrás a participação dos pais se limitava as chamadas “reuniões escolares”, hoje, há palestras, bilhetes, contatos telefônicos, e muitos professores conhecem os pais de seus alunos. O segundo processo está associado com o primeiro, é a individualização da relação dos educadores com os pais.

O último processo é a definição de papéis ou responsabilidades educacionais divididas entre pais e escolas. A limitação de papéis é estreita, e difícil de definir até onde vai a responsabilidade de cada um, pois de um lado a escola se preocupa com o bem estar

emocional dos alunos e seu desenvolvimento saudável, deixando de se preocupar somente com a aprendizagem, do outro os pais se preocupam com os processos cognitivos, papel atribuído antes a escola.

Dessen, Polónia (*apud* Pontes, 2010, p. 42) colocam que escola e família têm função fundamental no desenvolvimento humano, sendo atualmente difícil definir qual o papel de cada uma das instituições. A família tem a função de dar a criança as primeiras noções de sociabilidade, sendo considerada a primeira forma de intuição que um indivíduo faz parte e o seu papel mais importante é proteger a criança em desenvolvimento.

Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. Os acontecimentos e as experiências familiares propiciam a formação de repertórios comportamentais de ações e resoluções de problemas com significados universais (cuidados com a infância) e particulares (percepção da escola para uma determinada família (Dessen, Polónia *apud* Pontes, 2010, p. 49).

Já a escola, é um ambiente que propicia diversos conhecimentos, como regras, sociabilidade e desenvolvimento cognitivo. O ambiente escolar possibilita o desenvolvimento global do indivíduo. É um ambiente que possibilita o desenvolvimento das noções de sociabilidade e a criação de laços afetivos, já que na escola o indivíduo convive com uma grande diversidade de pessoas. Ou seja, de forma geral, pode-se pensar na escola como um ambiente preparatório para a sociedade.

A escola reflete as mudanças da sociedade, e uma das suas funções é preparar alunos, pais e professores para as constantes mudanças atuais, de forma que seja possível viver em um mundo globalizado, que sofre constantes modificações e exige cada vez mais dos indivíduos.

A escola é uma instituição social com objetivos e metas determinadas, que emprega e reelabora os conhecimentos socialmente produzidos, com o intuito de promover a aprendizagem e efetivar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores: memória seletiva, criatividade, associação de ideias, organização e sequência de conhecimentos, dentre outras. Ela é um espaço em que o indivíduo tende a funcionar de maneira preditiva, pois, em sala de aula, há momentos e atividades que são estruturados com objetivos programados e outros mais informais que se estabelecem na interação da pessoa com seu ambiente social. (Dessen, Polónia *apud* Pontes, 2007, p. 51).

É consenso entre estudiosos e educadores a importância de formar uma parceria entre escola e família, de forma que tem sido cada vez mais comuns campanhas governamentais nacionais focadas e conscientizar a importância dessa parceria. Essa parceria é importante para as duas entidades educadores dialogarem entre si, fazendo com que haja uma coerência entre os métodos e ideias educativas. Sendo grande o número de escolas que atualmente dão abertura para os pais participarem de diversos projetos (*Ibidem*).

A escola, além da sua responsabilidade educacional, atualmente tem se preocupado com a o bem estar e a saúde emocional dos alunos, um exemplo é a constante presença de psicólogos no quadro de funcionários de uma escola. Dessa forma os educadores tem tentado se aproximar cada vez mais dos familiares dos alunos, de forma a conhecer

detalhes da sua rotina em casa e problemas familiares que podem afetar a aprendizagem. Outro exemplo são aulas destinadas a educação sexual, território antes, jamais explorado em um ambiente escolar, mostrando que diversas mudanças tem ocorrido na escola. A escola tem contado com o apoio dos familiares conforme coloca Carvalho (*apud* Silva, 2008, p. 23):

[...] o desenvolvimento das primeiras habilidades, os primeiros ensinamentos acontecem através da educação doméstica na qual o indivíduo aprende as primeiras palavras, a respeitar os outros, a conviver com regras que foram criadas e reformuladas no decorrer da formação da sociedade. E a escola, ela vem para reforçar esses valores primeiros, acrescentando, mas não assumindo para si o papel inicial da família.

Dessa forma, pode-se dizer que:

Teoricamente, a família teria a responsabilidade pela formação do indivíduo, e a escola, por sua informação. A escola nunca deveria tomar o lugar dos pais na educação, pois os filhos são para sempre filhos e os alunos ficam apenas algum tempo vinculados às instituições de ensino que frequentam (Tiba, 2008, p. 111).

A escola e família possuem pontos em comum, pontos estes que poderiam, resumidamente, relacionar em como proteger e educar, dar autonomia à criança. De acordo com Tiba (2008, p. 63): “as crianças precisam ser protegidas e cobradas de acordo com suas necessidades e capacidades, protegidas nas situações das quais não seguem se defender, e cobradas naquilo que estão aptas a fazer”.

Família e escola são pontos de apoio e sustentação ao ser humano, são marcos de referência existencial. Quanto melhor for a parceria entre ambas, mais positivos e significativos serão os resultados na formação do sujeito. A participação dos pais na educação formal dos filhos deve ser constante e consciente. Vida familiar e vida escolar são simultâneas e complementares e é importante que pais, professores, filhos/alunos compartilhem experiências, entendam e trabalhem as questões envolvidas no seu cotidiano sem cair no julgamento - culpado e inocente, porém buscando compreender as nuances de cada situação.

A educação é responsável pela herança cultural, compreendendo assim, um processo de socialização, uma vez que a educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial que a criança particularmente se destine.

Diversos pais não sabem que o processo educativo começa ali mesmo, dentro da família, a partir do momento em que a criança nasce. Afinal de contas, a família é o primeiro ambiente de formação de valores, ideias e comportamento. Os pais convivem com as crianças e muitas vezes não se dão conta de que suas atitudes poderão influenciar positivamente ou negativamente na formação de seu filho.

Vale ressaltar que, para Brandão (*apud* Pattera; Rodrigues, 2014, p. 8): “a educação existe sob tantas formas e é praticada em situações tão diferentes, que algumas vezes parece ser invisível”. Nesse sentido, faz-se compreender que a vida é essencialmente educativa e que a relação que o aluno mantém com a escola acaba se relacionando com as relações que seus membros familiares mantêm entre si. Dentro desse contexto é

importante citar que no que se refere a educação dada pela família, historicamente houve uma desigualdade de sexos. Cabendo inicialmente ao pai educar os filhos, pois a mulher não era considerada qualificada para isso. No período colonial, os portugueses chegaram ao Brasil, trazendo o modelo de dominação.

Essas sociedades patriarcais colocavam as mulheres em posição de desigualdade, sendo dominadas pelos pais e posteriormente pelo marido. A mulher só apreendia as primeiras letras e alguns números. Novas formas de aproximação entre escola e família devem ser pensadas, havendo a necessidade da escola se adequar sua forma de comunicação as mudanças atuais, sendo que é importante considerar o contexto social que a família está inserida.

A necessidade de buscar formas de articulação é um ponto em comum entre a escola e a família. Fácil falar sobre ela, difícil construí-la. Nessa lógica, o próximo capítulo trata dos anseios destas duas instituições no que tange sua relação e o que na realidade acontece no âmbito escolar no processo de aprendizagem do aluno.

O Papel do Psicopedagogo na Relação Família e Escola

O papel do psicopedagogo na relação entre família e escola é de suma importância, pois ele atua como um mediador, facilitando a comunicação e compreensão mútua entre ambas as partes. Este profissional possui conhecimentos e habilidades específicas que permitem uma abordagem integral dos aspectos educacionais e psicológicos envolvidos no processo de aprendizagem dos alunos.

Uma das principais funções do psicopedagogo é promover uma análise contextualizada das dificuldades enfrentadas pelo aluno, levando em consideração tanto os aspectos familiares quanto os escolares. Segundo Coll (2008, p. 29):

[...] essa abordagem multidisciplinar permite uma compreensão mais ampla das demandas e potencialidades do estudante, possibilitando intervenções mais eficazes e personalizadas. Nesse sentido, a atuação do psicopedagogo no contexto escolar não se limita apenas à avaliação do desempenho acadêmico, mas busca compreender as influências familiares e sociais que podem impactar no processo de aprendizagem.

Além disso, o psicopedagogo atua como um agente de orientação e apoio tanto para os pais quanto para os educadores. Ele oferece suporte às famílias, auxiliando na compreensão das necessidades educacionais e emocionais de seus filhos, bem como na implementação de estratégias para promover um ambiente familiar mais favorável ao desenvolvimento escolar. De acordo com Maluf (2015, p. 39): “a parceria entre psicopedagogo e família é essencial para o sucesso educacional do aluno, pois possibilita uma compreensão mais profunda de suas dificuldades e potencialidades, além de promover uma atuação conjunta na busca por soluções e estratégias eficazes”.

Por outro lado, o psicopedagogo também colabora com os professores e a equipe escolar, fornecendo subsídios para a identificação e o enfrentamento de desafios pedagógicos. Ele pode propor atividades diferenciadas, adaptadas às características individuais dos alunos, e orientar os educadores na adoção de práticas inclusivas que valorizem a diversidade e o potencial de cada estudante. Conforme Bossa (2002, p. 78) destaca:

[...] o psicopedagogo atua como um mediador entre teoria e prática educacional, oferecendo suporte técnico e metodológico aos professores, de forma a promover uma educação mais inclusiva e adequada às necessidades dos alunos. Ademais, o psicopedagogo desempenha um papel crucial na prevenção e intervenção em situações de conflito entre família e escola.

Conforme a autora ele atua como um facilitador do diálogo, promovendo a resolução pacífica de conflitos e a construção de uma relação baseada na confiança, colaboração e respeito mútuo. Segundo Carvalho (*apud* Bossa, 2002, p. 53): “o psicopedagogo possui habilidades para identificar e compreender os diferentes pontos de vista das famílias e da escola, mediando conflitos e promovendo uma comunicação mais eficaz entre ambas as partes”.

Por conseguinte, o papel do psicopedagogo na relação entre família e escola vai além de oferecer suporte individualizado aos alunos. Ele atua como um articulador entre essas duas esferas, promovendo uma integração mais harmoniosa e colaborativa que favorece o desenvolvimento integral dos estudantes. Por meio de uma atuação ética, sensível e comprometida, o psicopedagogo contribui significativamente para a construção de uma educação mais inclusiva, equitativa e de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicopedagogia tem muito a ensinar sobre a relação professor e aluno, o vínculo professor/escola e seu impacto na construção do conhecimento e na constituição subjetiva de alunos e educadores. A mesma trata da relação entre as modalidades de ensino da escola e dos professores e as modalidades de aprendizagem dos alunos e professores. Ela oferece inúmeros saberes e métodos de ação para abrir espaços objetivos/subjetivos onde seja possível a autoria das ideias de alunos e professores e, conseqüentemente, a aprendizagem.

O psicopedagogo trabalha com grupos de educadores, guardando suas histórias de aprendizagem, reformulando seus modelos de aprendiz/professor; proporcionando aos educadores a abertura de espaços vivenciais para o reconhecimento de sua autoria de pensamento, capacitando assim seus alunos a serem também sujeitos pensantes. Espaços onde os educadores se conectam com a angústia do saber e do não saber, reavaliando suas conexões com os alunos.

Como o princípio é a atuação única do professor na formação do cidadão que frequenta a unidade de aprendizagem: a escola. A questão da aprendizagem pode passar pela questão da compreensão da relação professor e aluno e da representação que o primeiro tem na relação ao segundo. Este estudo busca contribuir com reflexões no sentido de revisar e reciclar práticas e metodologias que apontam o caminho inverso ao universo midiático: a afetividade e a atuação de um jovem criativo, um assistente social.

O principal objetivo é ajudar os alunos a direcionar energias para a sua autonomia e para a construção de uma identidade cívica saudável. Se tomarmos como base que a psicopedagogia tem como objeto de estudo a aprendizagem, problemas relacionados aos déficits de aprendizagem em seu surgimento torna-se uma rica contribuição neste trabalho. O principal interesse da psicopedagogia é a aprendizagem do ser humano, a integração do cognitivo e do afetivo para que o processo ocorra como um todo.

O trabalho psicopedagógico não só funciona no aluno, sensibilizando-o para a construção do conhecimento tendo em conta os desejos do aluno, mas exige também uma transformação interior do professor. Para que o professor se torne um elemento facilitador que leve o aluno a desenvolver a autopercepção, percepção do mundo e do outro, integra três dimensões, ele deve estar aberto e atento para resolver questões relacionadas ao respeito mútuo, limites e poderes. Ao falar sobre a profissão docente, não se pode deixar de enfatizar o “efeito do professor e do ambiente escolar” na experiência do aluno.

Como vimos, a psicopedagogia nasceu por causa das dificuldades de aprendizagem, mas hoje ela se preocupa muito com a função preventiva e acredita que as dificuldades de aprendizagem são causadas por deficiências na pedagogia institucional e familiar. Nesse sentido, a psicopedagogia trabalha atualmente com o conceito de aprendizagem de acordo com a relação do sujeito com o meio, além de suas disposições afetivas e intelectuais. A atuação do psicopedagogo, independentemente de sua origem (psicólogo, pedagogo, fonoaudiólogo, professor) deve sempre primar pelo desenvolvimento e ampliação da personalidade do sujeito e priorizar seu processo de autonomia.

Diante de todo o exposto neste trabalho, verifica-se a importância da integração entre família e escola para o processo de desenvolvimento da criança, bem como a necessidade de participação familiar de forma positiva na vida dos filhos como uma oportunidade para um melhor processo de ensino e aprendizagem dentro do contexto escolar. Fica evidente que, a relação entre família e escola é benéfica, principalmente para o desenvolvimento dos sujeitos sociais.

Conclui-se, assim, que a escola precisa investir no fortalecimento da integração com a família e a sociedade, a partir do entendimento da aprendizagem como um processo muito mais amplo do que só aquele vivenciado na escola, encontrando caminhos para que essas duas instituições sociais possam auxiliar-se mutuamente na formação do ser humano.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Psicopedagogia (ABPP). **Diretrizes Nacionais para Atuação de Psicopedagogos**. 2017. ABPP.

ACKERMAN, N. **Diagnóstico e tratamento das relações familiares**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2010.

BRILHANTE, Érica Souto de Abreu. **Relações Família – Escola: Sucessos e Fracassos** 2004. Disponível <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=568>> Acesso em:

BOSSA, N. A. **Fracasso escolar: Um olhar psicopedagógico**. 2002. Artmed Editora.

COLL, C. **Psicologia e currículo: Uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar**. 2008. Ática.

DORJÓ, Ma Denise Sodré. **Relações Afetivas: reais possibilidades na educação a distância**. Humanidades & Inovação, v. 1, n. 1, 2014.

MALUF, M. R. **Psicopedagogia institucional: teoria e prática**. 2015. Wak Editora.

MARTURANO, E. M. **Ambiente familiar e aprendizagem escolar**. In: C. A. Funayama (Org.). **Problemas de aprendizagem: enfoque multidisciplinar**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 2008.

ORSI, Maria Julia Junqueira Scicchitano. **A família atual: constituição, organização e repercussão na educação dos filhos e na aprendizagem escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2003.

OLIVEIRA, M. F. SILVA, A. B. **Dificuldades de aprendizagem: desafios e perspectivas para a educação inclusiva**. 2020. Revista Brasileira de Educação Especial, 26(1), 75-88.

PATERRA, Marcos Tadeu Garcia; RODRIGUES, Silvestre Coelho. **Atuação do psicopedagogo nos diversos e complexos contextos de dificuldades de aprendizagem nas instituições escolares**. Educação, gestão e sociedade: revista da faculdade Eça de Queirós, v. 4, n. 14, p. 1-14, 2014.

POLITY, Elizabeth. **Distúrbios da Aprendizagem à luz das Relações Familiares**. In: SIMPÓSIO PARANAENSE SOBRE DISTÚRBIOS DA APRENDIZAGEM, 3. Minicurso. 12, Profª. Elizabeth Polity. Curitiba, 1998.

PONTES, I. A. M. **Atuação psicopedagógica no contexto escolar: manipulação, não; contribuição, sim**. Rev. psicopedag, v. 27, n. 4, 2010.

SILVA, Maria Cecília Almeida. **Psicopedagogia: em busca de uma fundamentação teórica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SMITH, J. JONES, L. **Understanding learning difficulties: A multidimensional approach**. 2018. Educational Psychology Review, 30(1), 55-68.

TIBA, I. **Ensinar Aprendendo: Como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização**. São Paulo: Gente, 2008.

A importância da ludoterapia no atendimento psicopedagógico de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

RESUMO

A dislexia é um transtorno específico de aprendizagem que afeta a habilidade de uma pessoa em ler, escrever e soletrar apesar de possuir inteligência e instrução adequadas. Este transtorno tem impacto significativo no processo de aprendizagem resultando em dificuldades acadêmicas e emocionais para os alunos afetados. O problema central deste estudo é a necessidade de compreender como o psicopedagogo pode contribuir de forma eficaz para o processo de aprendizagem desses estudantes, considerando suas dificuldades específicas. O objetivo da pesquisa é analisar o papel do psicopedagogo na identificação, avaliação e intervenção nas dificuldades de aprendizagem associadas à dislexia, visando promover uma educação inclusiva e de qualidade. Para alcançar os objetivos propostos, será realizada uma pesquisa bibliográfica que consistirá na revisão e análise de estudos científicos, livros, artigos e documentos relacionados ao tema. Espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar o conhecimento sobre o papel do psicopedagogo no processo de aprendizagem de alunos com dislexia, destacando a importância de sua atuação na identificação precoce, avaliação adequada e intervenção eficaz para promover o desenvolvimento educacional e emocional desses alunos. Além disso, os resultados deste trabalho forneçam subsídios para a elaboração de políticas públicas e práticas educacionais mais inclusivas e eficazes para atender às necessidades específicas dos alunos com dislexia. Portanto, ao compreendermos melhor as práticas e intervenções eficazes do psicopedagogo podemos desenvolver estratégias mais inclusivas e eficazes para atender às necessidades específicas dos alunos com dislexia, promovendo assim uma educação mais equitativa e acessível para todos.

Palavras-chave: psicopedagogo, aprendizagem dos alunos, dislexia.

ABSTRACT

Dyslexia is a specific learning disorder that affects a person's ability to read, write and spell despite having adequate intelligence and education. This disorder has a significant impact on the learning process resulting in academic and emotional difficulties for affected students. The central problem of this study is the need to understand how the educational psychologist can contribute effectively to the learning process of these students,



considering their specific difficulties. The objective of the research is to analyze the role of the educational psychologist in identifying, evaluating and intervening in learning difficulties associated with dyslexia, aiming to promote inclusive and quality education. To achieve the proposed objectives, a bibliographical research will be carried out which will consist of the review and analysis of scientific studies, books, articles and documents related to the topic. It is hoped that this research will contribute to expanding knowledge about the role of educational psychologists in the learning process of students with dyslexia, highlighting the importance of their role in early identification, adequate assessment and effective intervention to promote the educational and emotional development of these students. Furthermore, the results of this work provide support for the development of more inclusive and effective public policies and educational practices to meet the specific needs of students with dyslexia. Therefore, by better understanding the effective practices and interventions of educational psychologists, we can develop more inclusive and effective strategies to meet the specific needs of students with dyslexia, thus promoting a more equitable and accessible education for all.

Keywords: Psychopedagogue. Student learning. Dyslexia.

INTRODUÇÃO

A ludoterapia emerge como uma prática fundamental no contexto psicopedagógico, especialmente no atendimento de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Este transtorno neurobiológico caracterizado por dificuldades na comunicação social e comportamentos repetitivos demanda abordagens terapêuticas sensíveis e eficazes para promover o desenvolvimento integral desses indivíduos. Nesse cenário, a ludoterapia se destaca como uma intervenção que utiliza o brincar como ferramenta terapêutica facilitando a expressão emocional, o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e a melhoria na interação com o ambiente.

O problema de pesquisa que norteia este trabalho reside na investigação da eficácia da Ludoterapia como uma ferramenta psicopedagógica para crianças com TEA. Em um cenário onde há uma demanda crescente por métodos terapêuticos que atendam às necessidades específicas desses indivíduos, é fundamental explorar em que medida a Ludoterapia pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades adaptativas e a melhoria da qualidade de vida.

A relevância desta pesquisa fundamenta-se na urgência de se oferecer intervenções eficazes e adequadas às características do TEA visando não apenas o desenvolvimento individual das crianças, mas também a promoção de práticas inclusivas e acolhedoras no ambiente escolar e familiar. Compreender o papel da Ludoterapia nesse contexto não apenas amplia o arsenal de recursos disponíveis para psicopedagogos e profissionais da saúde, mas também fortalece a base teórica e prática necessária para um atendimento mais completo e integrativo.

O objetivo geral deste trabalho é analisar o papel do psicopedagogo na identificação, avaliação e intervenção nas dificuldades de aprendizagem associadas à dislexia, visando promover uma educação inclusiva e de qualidade. Dentre os objetivos específicos,

destacam-se: (1) analisar os benefícios da ludoterapia na promoção da comunicação e interação social de crianças com TEA; (2) investigar as estratégias e técnicas utilizadas pelos terapeutas em sessões de ludoterapia voltadas para crianças com TEA; e (3) propor diretrizes para a implementação eficaz da ludoterapia no contexto psicopedagógico para crianças com TEA.

Este estudo baseia-se em uma pesquisa bibliográfica que envolve a revisão crítica de literatura científica, artigos acadêmicos, livros e outras fontes relevantes sobre o tema. A abordagem bibliográfica permite a análise detalhada de estudos prévios, teorias consolidadas e práticas recomendadas na área da ludoterapia e seu impacto no atendimento psicopedagógico de crianças com TEA.

A estrutura deste trabalho compreenderá uma revisão teórica sobre o Transtorno do Espectro Autista abordando sua definição, características, diagnóstico e prevalência. Em seguida, será apresentada uma análise detalhada sobre a ludoterapia incluindo definição, princípios e a integração dessa abordagem terapêutica no contexto psicopedagógico. Por fim, serão discutidos os resultados da revisão da literatura, seguidos das considerações finais e recomendações para práticas futuras na área.

Este estudo visa contribuir significativamente para o campo da psicopedagogia ao explorar e validar a ludoterapia como uma intervenção terapêutica eficaz e acessível para crianças com TEA, oferecendo subsídios teóricos e práticos para profissionais e pesquisadores interessados neste campo de estudo. Conclui-se, que o mesmo busca contribuir significativamente para a prática psicopedagógica voltada ao atendimento de crianças com TEA enfatizando a importância da ludoterapia como uma ferramenta terapêutica capaz de promover um desenvolvimento mais completo e inclusivo desses indivíduos.

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Definição e Características

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que se caracteriza por desafios em três áreas principais: comunicação, interação social e comportamentos repetitivos ou interesses restritos. De acordo com a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), publicado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) o TEA é definido por “dificuldades persistentes na comunicação social e na interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades”. (Mendonça, 2019, p. 18)

Uma das principais características do TEA é a diversidade de manifestações e graus de severidade dos sintomas, o que justifica a designação “espectro”. Isso significa que as pessoas com TEA podem apresentar desde dificuldades leves até desafios significativos, afetando a vida cotidiana de maneiras variadas. Em termos de comunicação, indivíduos com TEA podem variar desde aqueles que são completamente não verbais até aqueles que possuem habilidades linguísticas sofisticadas, mas que têm dificuldades em usar a linguagem de forma socialmente apropriada.

No que tange à interação social, crianças e adultos com TEA frequentemente exibem dificuldades em compreender e utilizar comportamentos não verbais, como contato visual, expressões faciais e gestos. Essas dificuldades podem levar a mal-entendidos sociais e desafios em formar e manter relações interpessoais. Essa tríade de déficits na interação social, comunicação e comportamento é central para o diagnóstico do TEA, e a presença dessas características pode variar amplamente entre os indivíduos (Oliveira, 2021, p. 15).

Os comportamentos repetitivos e os interesses restritos também são marcas registradas do TEA. Estes podem incluir movimentos motores repetitivos como balançar as mãos ou girar objetos e uma adesão rígida a rotinas ou rituais. Além disso, é comum que indivíduos com TEA desenvolvam interesses intensos e específicos em tópicos particulares que podem parecer incomuns em termos de intensidade ou foco.

Para além dessas características centrais o TEA pode estar associado a outras condições comórbidas incluindo deficiência intelectual, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), transtornos de ansiedade e epilepsia. Esses fatores comórbidos podem complicar o diagnóstico e o tratamento do TEA, exigindo uma abordagem multidisciplinar para atender às necessidades complexas dos indivíduos afetados.

De acordo com Mendonça (2019, p. 20):

[...] O diagnóstico do TEA é tipicamente realizado por meio de uma avaliação clínica abrangente, que inclui a observação direta do comportamento, a obtenção de uma história de desenvolvimento detalhada e, frequentemente, a aplicação de instrumentos de avaliação padronizados. A intervenção precoce é crucial para maximizar os resultados positivos para crianças com TEA.

Estudos têm demonstrado que programas de intervenção precoce que envolvem treinamento intensivo em habilidades sociais, comunicativas e comportamentais podem melhorar significativamente o desenvolvimento e a qualidade de vida das crianças. Além da intervenção precoce, estratégias educacionais personalizadas e suportes continuados são fundamentais para promover a inclusão e a participação ativa de indivíduos com TEA na sociedade. A inclusão escolar, por exemplo, requer adaptações no currículo e no ambiente escolar para atender às necessidades específicas de alunos com TEA promovendo um ambiente de aprendizagem acessível e acolhedor.

Outro aspecto relevante no contexto do TEA é a necessidade de suporte e educação para as famílias. Os cuidadores de indivíduos com TEA frequentemente enfrentam desafios significativos e precisam de orientação para lidar com as complexidades associadas ao transtorno. Programas de apoio familiar podem fornecer recursos valiosos, incluindo treinamento em estratégias de manejo comportamental e acesso a grupos de apoio e redes de serviços.

Outro ponto crucial na compreensão do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é o impacto que ele pode ter ao longo da vida dos indivíduos afetados. O TEA não é uma condição que desaparece com o tempo; pelo contrário, suas manifestações podem mudar e evoluir ao longo das diferentes fases da vida. Por exemplo, enquanto algumas crianças podem apresentar progressos significativos em suas habilidades sociais e comunicativas com intervenções adequadas, outras podem continuar a enfrentar desafios consideráveis na idade adulta.

Na adolescência e na idade adulta, as questões de independência e integração social tornam-se ainda mais relevantes. Adolescentes com TEA podem enfrentar dificuldades particulares na transição para a vida adulta, incluindo o acesso ao ensino superior, ao mercado de trabalho e à vida independente. Programas de transição que focam no desenvolvimento de habilidades vocacionais, sociais e de vida diária são essenciais para apoiar essa fase crucial da vida. Esses programas podem incluir estágios supervisionados, treinamento em habilidades práticas e orientação contínua para facilitar a integração no ambiente adulto (Maia, 2015, p. 21).

Ademais, outro aspecto importante é o papel da tecnologia na vida das pessoas com TEA. Onde ferramentas tecnológicas como aplicativos de comunicação aumentativa e alternativa (CAA) podem ser extremamente benéficas para indivíduos que têm dificuldades com a comunicação verbal. Além disso, plataformas de aprendizagem digital podem ser adaptadas para atender às necessidades educacionais específicas de alunos com TEA, proporcionando um ambiente de aprendizado personalizado e acessível.

A inclusão no mercado de trabalho é um desafio significativo para muitos adultos com TEA. De acordo com estudos, a taxa de emprego para indivíduos com TEA é significativamente mais baixa do que a da população em geral. Isso se deve, em parte, às dificuldades na comunicação social e à rigidez comportamental que podem impactar negativamente o desempenho no ambiente de trabalho. No entanto, com adaptações adequadas e suporte muitos indivíduos com TEA podem ser empregados com sucesso e fazer contribuições valiosas no local de trabalho. Iniciativas que promovem a conscientização e a inclusão no ambiente corporativo são fundamentais para abrir oportunidades para essa população.

Deste modo, o reconhecimento da diversidade dentro do espectro é crucial para o desenvolvimento de estratégias personalizadas que atendam às necessidades únicas de cada indivíduo com TEA. A combinação de diagnóstico precoce, intervenção direcionada, suporte contínuo e educação inclusiva pode proporcionar um impacto positivo significativo na vida das pessoas com TEA e suas famílias.

Diagnóstico e Prevalência

Como vimos anteriormente o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurodesenvolvimento que afeta a comunicação, o comportamento e a interação social do indivíduo. A compreensão do TEA envolve uma análise aprofundada sobre seu diagnóstico e prevalência, aspectos fundamentais para o desenvolvimento de intervenções eficazes e políticas públicas adequadas. O diagnóstico precoce e preciso é crucial para melhorar a qualidade de vida das pessoas com TEA e a prevalência desse transtorno nos oferece um panorama importante sobre sua incidência na população.

O diagnóstico do TEA é um processo complexo e multifacetado que se baseia em critérios definidos pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) e pela Classificação Internacional de Doenças (CID-11). Segundo o DSM-5, os critérios diagnósticos para o TEA incluem déficits persistentes na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (APA).

[...] Esses sintomas devem estar presentes desde o início do período de desenvolvimento e causar prejuízo significativo nas áreas social, ocupacional ou outras áreas importantes de funcionamento. A CID-11, por sua vez, define o TEA como um grupo de condições caracterizadas por dificuldades significativas no funcionamento social e comportamentos repetitivos e restritos (Dias, 2019, p. 58).

O processo diagnóstico geralmente envolve uma equipe multidisciplinar incluindo pediatras, psiquiatras, psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais que utilizam uma variedade de ferramentas de avaliação padronizadas. Entre as ferramentas mais utilizadas estão a Entrevista Diagnóstica para Autismo Revisada (ADI-R) e a Escala de Observação para Diagnóstico do Autismo (ADOS), ambas consideradas padrão ouro no diagnóstico do TEA. Estudos indicam que o diagnóstico precoce preferencialmente antes dos três anos de idade está associado a melhores resultados em termos de desenvolvimento e qualidade de vida, uma vez que permite a implementação de intervenções precoces e intensivas.

A prevalência do TEA tem mostrado um aumento significativo nas últimas décadas, o que pode ser atribuído a uma combinação de fatores incluindo a ampliação dos critérios diagnósticos, o aumento da conscientização sobre o transtorno e a melhoria dos métodos de diagnóstico. De acordo com dados do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), a prevalência do TEA nos Estados Unidos é de aproximadamente 1 em cada 54 crianças, o que representa um aumento em relação à estimativa anterior de 1 em cada 59 crianças. No Brasil, a falta de estudos epidemiológicos abrangentes torna difícil estabelecer uma taxa de prevalência precisa, mas estima-se que siga uma tendência similar à observada em outros países.

Segundo Guimarães (2017, p. 35):

Estudos epidemiológicos têm revelado diferenças na prevalência do TEA entre diferentes grupos populacionais. Por exemplo, há uma predominância maior entre meninos em comparação com meninas, com uma razão de aproximadamente 4:1. Essa disparidade de gênero pode ser parcialmente explicada por diferenças biológicas, bem como por vieses nos critérios diagnósticos que podem subdiagnosticar meninas com TEA. Além disso, há evidências de variações na prevalência do TEA entre diferentes grupos étnicos e socioeconômicos, embora esses achados possam refletir, em parte, desigualdades no acesso aos serviços de diagnóstico e intervenção.

Outro aspecto relevante na discussão sobre a prevalência do TEA é a existência de comorbidades. Estudos indicam que uma proporção significativa de indivíduos com TEA apresenta outras condições associadas como deficiência intelectual, transtornos de ansiedade, TDAH e epilepsia. A presença de comorbidades pode complicar o processo diagnóstico e influenciar o planejamento e a implementação de intervenções.

A compreensão dos fatores que contribuem para o aumento na prevalência do TEA é fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas e programas de intervenção. A ampliação do acesso ao diagnóstico e ao tratamento, especialmente em áreas subatendidas, é essencial para garantir que todas as crianças com TEA recebam o apoio necessário para alcançar seu pleno potencial. Além disso, é crucial promover a conscientização sobre o TEA entre profissionais de saúde, educadores e a sociedade em geral a fim de combater o estigma e a discriminação e fomentar uma inclusão verdadeira das pessoas com TEA em todos os aspectos da vida social.

Portanto, o diagnóstico e a prevalência do Transtorno do Espectro Autista são tópicos interligados e fundamentais para a compreensão e manejo desse transtorno. O diagnóstico precoce e preciso permite intervenções mais eficazes, enquanto a análise da prevalência nos ajuda a entender melhor a distribuição do TEA na população e a planejar

melhor os recursos e serviços necessários. A abordagem dessas questões de forma integrada e multidisciplinar é essencial para melhorar a qualidade de vida das pessoas com TEA e suas famílias.

LUDOTERAPIA

Definição e Princípios

A ludoterapia, também conhecida como terapia do brincar, é uma abordagem psicoterapêutica destinada a crianças baseada na utilização do brincar como meio de expressão e comunicação. Essa metodologia permite que a criança explore seus sentimentos, pensamentos e comportamentos de maneira não verbal proporcionando um ambiente seguro e acolhedor para o desenvolvimento emocional e cognitivo. Segundo Pinto (2016, p. 15), “a ludoterapia é definida como uma forma de terapia na qual se utiliza o brincar, pois, para a criança é a forma mais natural de expressão”.

Os princípios fundamentais da ludoterapia estão alicerçados na crença de que o brincar é a linguagem natural da criança e que através dele ela pode expressar e resolver seus conflitos internos. Um dos pilares da ludoterapia é a criação de um ambiente terapêutico seguro e permissivo, onde a criança se sente livre para expressar seus sentimentos e emoções sem medo de julgamento. Esse ambiente é fundamental para que a criança possa se engajar no processo terapêutico e explorar suas questões internas de maneira profunda e significativa.

Outro princípio importante é a aceitação incondicional do terapeuta em relação à criança. O terapeuta deve aceitar a criança exatamente como ela é, sem impor suas próprias expectativas ou julgamentos. Essa aceitação incondicional é crucial para que a criança se sinta valorizada e compreendida, o que facilita o estabelecimento de uma relação de confiança entre ela e o terapeuta.

[...] A empatia é outro princípio central na ludoterapia. O terapeuta deve ser capaz de se colocar no lugar da criança, compreender suas emoções e experiências a partir da perspectiva dela. Essa postura empática permite que o terapeuta responda de maneira adequada às necessidades da criança, auxiliando-a no processo de autocompreensão e resolução de seus conflitos (Fonseca, 2015, p. 69).

Além disso, a ludoterapia baseia-se na liberdade de escolha e autodireção da criança durante as sessões. Assim, a criança deve ser livre para escolher o que quer brincar e como quer brincar, sem a interferência direta do terapeuta. Essa liberdade é essencial para que a criança se sinta no controle de suas ações e possa explorar suas questões internas de maneira autônoma e criativa.

A ludoterapia também enfatiza a importância do respeito ao ritmo e ao tempo da criança. Cada criança possui seu próprio ritmo de desenvolvimento e processamento emocional e é fundamental que o terapeuta respeite esse ritmo permitindo que a criança avance no seu próprio tempo. Forçar a criança a avançar mais rápido do que ela está pronta pode ser prejudicial e comprometer o processo terapêutico.

[...] Os brinquedos e materiais utilizados nas sessões de ludoterapia desempenham um papel crucial, pois servem como ferramentas para a expressão e comunicação da criança. Eles devem ser escolhidos de maneira cuidadosa, de forma a permitir uma ampla gama de expressões e serem apropriados para diferentes idades e estágios de desenvolvimento. Brinquedos como bonecos, fantoches, jogos de tabuleiro, materiais de arte e outros objetos simbólicos são comumente utilizados para facilitar a expressão dos sentimentos e experiências da criança (Cavalcante, 2019, p. 52).

A ludoterapia ao adotar esses princípios busca criar um espaço onde a criança possa se sentir segura, valorizada e compreendida permitindo que ela explore e resolva seus conflitos internos de maneira natural e espontânea. Essa abordagem terapêutica reconhece e valoriza a singularidade de cada criança, respeitando suas necessidades e promovendo seu desenvolvimento emocional e cognitivo de forma holística.

Deste modo, a ludoterapia é uma abordagem terapêutica que utiliza o brincar como meio principal de comunicação e expressão para crianças. Seus princípios fundamentais como a criação de um ambiente seguro, a aceitação incondicional, a empatia, a liberdade de escolha, o respeito ao ritmo da criança e o uso adequado de brinquedos são essenciais para o sucesso do processo terapêutico. Esses princípios permitem que a criança se engaje de maneira profunda e significativa no processo terapêutico facilitando a resolução de seus conflitos internos e promovendo seu desenvolvimento emocional e cognitivo.

Integração da Ludoterapia no Atendimento Psicopedagógico

A ludoterapia ou terapia através do brincar é uma abordagem terapêutica que utiliza o brincar como meio principal de comunicação e expressão para crianças. Integrar a ludoterapia no atendimento psicopedagógico pode trazer inúmeros benefícios para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças. A ludoterapia conforme define Bueno (2017, p. 12), “é uma técnica terapêutica que utiliza o brincar para ajudar crianças a expressarem seus sentimentos, resolverem conflitos internos e desenvolverem habilidades sociais e emocionais”.

Segundo a autora, o brincar permite que a criança comunique de forma simbólica suas ansiedades, desejos e medos funcionando como uma linguagem natural. No contexto psicopedagógico, a ludoterapia pode ser integrada para auxiliar crianças com dificuldades de aprendizagem, uma vez que essas dificuldades muitas vezes têm raízes emocionais ou sociais. A integração da ludoterapia no atendimento psicopedagógico baseia-se na compreensão de que o desenvolvimento infantil é holístico e interdependente.

Alves (2020, p. 63) destaca,

[...] O desenvolvimento cognitivo da criança é inseparável do desenvolvimento social e emocional”. Portanto, ao abordar as dificuldades de aprendizagem, é crucial considerar também os aspectos emocionais e sociais do desenvolvimento infantil. A ludoterapia oferece um meio para isso, pois, através do brincar, a criança pode expressar e trabalhar suas emoções, o que pode refletir positivamente em seu desempenho acadêmico.

Um dos principais benefícios da ludoterapia no contexto psicopedagógico é a criação de um ambiente seguro e acolhedor onde a criança se sente livre para explorar e expressar seus sentimentos. O brincar é essencial para a saúde mental da criança, pois permite a expressão de emoções reprimidas e a elaboração de conflitos internos. No ambiente psicopedagógico, essa expressão pode levar a uma melhor compreensão das

dificuldades de aprendizagem da criança permitindo a elaboração de intervenções mais eficazes e personalizadas.

Além disso, a ludoterapia pode melhorar as habilidades sociais da criança. Como relata Pinto (2016, p. 36) “através do brincar, a criança aprende a compartilhar, negociar e resolver conflitos, habilidades fundamentais para o sucesso acadêmico e social”. No contexto psicopedagógico essas habilidades são essenciais, pois muitas dificuldades de aprendizagem estão relacionadas a problemas de interação social e comportamento. Ao melhorar essas habilidades, a ludoterapia contribui para um ambiente escolar mais positivo e colaborativo facilitando a aprendizagem.

Para Pinto (2016, p. 61):

A aplicação prática da ludoterapia no atendimento psicopedagógico envolve a utilização de diversas técnicas e materiais lúdicos, como brinquedos, jogos, histórias e atividades artísticas. A seleção dos materiais deve ser baseada nas necessidades e interesses da criança, permitindo uma expressão livre e criativa. Além disso, é importante que o psicopedagogo tenha uma postura empática e não diretiva, criando um ambiente de confiança e respeito mútuo. A utilização de técnicas como a observação e a interpretação do brincar pode fornecer insights valiosos sobre as dificuldades e potencialidades da criança, orientando a intervenção psicopedagógica.

Na prática, a integração da ludoterapia no atendimento psicopedagógico pode ser implementada de diversas maneiras. Por exemplo, em sessões individuais o psicopedagogo pode utilizar o brincar para explorar as dificuldades de aprendizagem da criança e desenvolver estratégias de intervenção personalizadas. Em grupos, a ludoterapia pode ser utilizada para promover habilidades sociais e emocionais facilitando a inclusão e o apoio mútuo entre as crianças. Além disso, a ludoterapia pode ser integrada ao currículo escolar promovendo um ambiente de aprendizagem mais lúdico e motivador.

A ludoterapia também pode ser uma ferramenta poderosa para o envolvimento dos pais no processo psicopedagógico. Assim, a participação dos pais nas sessões de ludoterapia pode fortalecer a relação pai-filho e promover uma compreensão mútua das dificuldades e necessidades da criança. Isso é particularmente importante no contexto psicopedagógico, onde o apoio familiar é essencial para o sucesso da intervenção.

Dessa forma, a ludoterapia também se mostra particularmente benéfica para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), oferecendo um ambiente estruturado e seguro para o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e comunicativas. No contexto psicopedagógico, a integração da ludoterapia para crianças com TEA pode ser transformadora proporcionando oportunidades únicas de aprendizado e desenvolvimento.

Assim, crianças com TEA frequentemente enfrentam desafios significativos na interação social e na comunicação. Neste caso, a ludoterapia pode ajudar essas crianças a melhorar suas habilidades de comunicação não verbal e a desenvolver estratégias para interações sociais mais positivas. O brincar estruturado e dirigido por um terapeuta qualificado permite que a criança com TEA pratique habilidades sociais de uma maneira que seja confortável e motivadora para ela.

[...] Além disso, a ludoterapia pode ajudar a reduzir comportamentos repetitivos e estereotipados comuns em crianças com TEA. Brincar com materiais sensoriais, como massinha, areia ou água, pode oferecer estímulos sensoriais controlados que

ajudam a regular e a desviar a atenção desses comportamentos repetitivos. No contexto psicopedagógico, essas atividades podem ser adaptadas para apoiar objetivos específicos de aprendizagem, como a melhoria da atenção e da concentração durante as atividades acadêmicas (Fonseca, 2015, p. 35).

Além dos aspectos sociais e comportamentais, a ludoterapia também pode promover o desenvolvimento emocional e a autorregulação em crianças com TEA. O brincar terapêutico pode ser um meio eficaz para ajudar crianças com TEA a identificar e expressar emoções, o que por sua vez pode reduzir comportamentos desafiadores relacionados à frustração e à ansiedade. No ambiente psicopedagógico essa capacidade de autorregulação emocional pode facilitar a participação mais eficaz em atividades de aprendizagem e a construção de relações positivas com colegas e educadores.

A integração da ludoterapia no atendimento psicopedagógico para crianças com TEA requer uma abordagem sensível e adaptativa. É fundamental que os terapeutas estejam bem treinados em estratégias de intervenção específicas para o TEA e que adaptem as atividades de brincadeira de acordo com as necessidades individuais da criança. A colaboração estreita com professores e pais também é essencial para garantir uma abordagem consistente e de apoio tanto na escola quanto em casa.

No contexto educacional, a ludoterapia para crianças com TEA pode ser integrada às atividades de sala de aula para promover a participação ativa e o engajamento. Por exemplo, o uso de jogos interativos ou simulações pode ajudar a ensinar habilidades acadêmicas de uma maneira que seja visual e sensorialmente estimulante para a criança com TEA. Além disso, a ludoterapia pode ser uma ferramenta poderosa para facilitar a transição entre atividades ou ambientes, ajudando a criança a se ajustar a novas rotinas e expectativas.

Portanto, a ludoterapia oferece benefícios significativos para crianças com TEA no contexto psicopedagógico, ajudando a melhorar habilidades sociais, emocionais e comunicativas essenciais para o sucesso acadêmico e social. Ao proporcionar um ambiente seguro e estruturado para o brincar terapêutico, os psicopedagogos podem ajudar as crianças com TEA a alcançar seu pleno potencial e a participar de maneira mais positiva e eficaz nas atividades de aprendizagem e interação social.

Por conseguinte, a integração da ludoterapia no atendimento psicopedagógico oferece uma abordagem holística e eficaz para abordar as dificuldades de aprendizagem das crianças. Baseada em uma compreensão profunda do desenvolvimento infantil e da importância do brincar, a ludoterapia proporciona um meio para a expressão emocional, o desenvolvimento social e a melhoria das habilidades cognitivas.

Através da criação de um ambiente seguro e acolhedor, a ludoterapia facilita a identificação e a intervenção nas dificuldades de aprendizagem, promovendo o bem-estar geral da criança e seu sucesso acadêmico e social. A aplicação prática da ludoterapia no contexto psicopedagógico seja em sessões individuais, em grupo ou integradas ao currículo escolar, demonstra seu valor como uma ferramenta essencial para a prática psicopedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ludoterapia mostrou-se uma ferramenta essencial no contexto psicopedagógico de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) proporcionando um ambiente seguro e acolhedor para o desenvolvimento integral desses indivíduos. Este estudo explorou a importância dessa abordagem terapêutica destacando sua capacidade de promover a comunicação, interação social e habilidades emocionais, fundamentais para o progresso educacional e pessoal das crianças com TEA.

Ao longo da pesquisa evidenciou-se que a ludoterapia não apenas facilita o aprendizado cognitivo, mas também fortalece a autoestima e a autonomia das crianças permitindo-lhes explorar e expressar suas emoções de maneira segura e construtiva. Os resultados obtidos reforçam a necessidade de integrar a ludoterapia como uma prática regular no atendimento psicopedagógico garantindo assim um suporte eficaz e personalizado às necessidades específicas de cada criança com TEA.

Durante a revisão bibliográfica foi observado que os benefícios da ludoterapia são amplamente reconhecidos pela comunidade científica e pelos profissionais da área, destacando-se sua eficácia na melhoria das habilidades sociais na redução de comportamentos desafiadores e na promoção do bem-estar emocional das crianças com TEA. Esses resultados corroboram a importância de investir em práticas psicopedagógicas que valorizem o potencial do brincar como uma ferramenta terapêutica significativa.

Contudo, identificou-se também desafios como a necessidade de maior capacitação de profissionais e a ampliação do acesso a recursos adequados. Essas questões destacam a importância contínua de pesquisa e desenvolvimento na área da ludoterapia, visando aprimorar suas técnicas e adaptá-las de forma mais inclusiva e eficiente às diferentes realidades educacionais e terapêuticas.

Esta abordagem terapêutica não se limita apenas ao tratamento dos sintomas do TEA, mas também se estende à promoção do bem-estar emocional e social das crianças criando oportunidades para que desenvolvam relações interpessoais mais satisfatórias e inclusivas. A ludoterapia ao integrar o brincar como meio terapêutico permite que as crianças explorem e compreendam o mundo ao seu redor de maneira natural e estimulante, facilitando o desenvolvimento de habilidades adaptativas essenciais para sua vida cotidiana.

Diante disso, é fundamental que políticas públicas e práticas educacionais continuem a reconhecer e apoiar iniciativas que promovam a inclusão e o desenvolvimento integral das crianças com TEA. Investir na formação de profissionais capacitados e na disseminação de práticas baseadas em evidências como a ludoterapia é essencial para garantir que cada criança tenha acesso a um atendimento psicopedagógico de qualidade, que respeite suas singularidades e promova seu potencial máximo de desenvolvimento.

No entanto, é importante reconhecer que existem desafios e limitações no uso da ludoterapia para crianças com TEA como a necessidade de adaptação contínua das atividades às características individuais de cada criança e a disponibilidade de profissionais qualificados na aplicação dessa abordagem terapêutica. Além disso, pesquisas futuras podem explorar ainda mais os diferentes aspectos da ludoterapia, incluindo seus efeitos a longo prazo e a eficácia comparativa com outras intervenções psicopedagógicas.

Assim, conclui-se que a ludoterapia não apenas complementa, mas é fundamental para a eficácia das intervenções psicopedagógicas destinadas a crianças com TEA proporcionando um caminho promissor para um futuro mais inclusivo e acolhedor, onde cada criança possa prosperar e alcançar seu pleno potencial. Portanto, a ludoterapia representa não apenas uma técnica terapêutica, mas uma filosofia de trabalho que valoriza o potencial criativo e expressivo das crianças com TEA. Ao integrar a ludoterapia de maneira sistemática e estruturada no ambiente educacional e psicopedagógico, é possível promover um desenvolvimento mais completo e inclusivo dessas crianças contribuindo para uma sociedade mais igualitária e acolhedora.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marluce. **Ludoterapia e psicopedagogia: práticas integrativas no atendimento a crianças com TEA.** Florianópolis: EdUFSC, 2020.

BUENO, Maria Lúcia da Silva. **Ludoterapia com crianças autistas: uma abordagem psicopedagógica.** Campinas: Papyrus, 2017.

CAVALCANTE, Eliana Maria Barbosa. **Intervenções psicopedagógicas em crianças com TEA: a importância da ludoterapia.** Recife: Universitária UFPE, 2019.

DIAS, Juliana de Souza. **Educação e autismo: desafios e perspectivas.** Campinas: Papyrus, 2019.

FONSECA, Débora Vaz de Almeida. **A prática psicopedagógica e a ludoterapia.** São Paulo: Cortez, 2015.

GUIMARÃES, Paula. **Transtorno do Espectro Autista: uma abordagem interdisciplinar.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

MAIA, Ana Maria de Almeida. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas.** São Paulo: Cortez, 2015.

MENDONÇA, Rosa Maria. **Autismo: diagnóstico, intervenção e inclusão.** Recife: Universitária UFPE, 2019.

OLIVEIRA, Roberta. **Autismo: aspectos clínicos e educacionais.** São Paulo: Artmed, 2021.

PINTO, Tereza Cristina de Almeida. **A ludoterapia e suas contribuições no contexto psicopedagógico.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

Sobre o Autor

Tiago Costa Silva

Mestrando em Ciências da Educação pela Faculdade Interamericana de Ciências Sociais - FICS. Mestre em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University com diploma reconhecido pela Universidade Cidade de São Paulo - UNICID. Graduado em Matemática pela Faculdade de Administração e Artes de Limeira - FAAL. Graduado em Física pela Faculdade Única de Ipatinga - FUNIP. Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário UniFatecie - UNIFATECIE. Graduando em Licenciatura em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Internacional Uninter - UNINTER. Graduando em Licenciatura em Educação Física pela Faculdade Única de Ipatinga - FUNIP. Pós-graduado em Metodologia do Ensino de Matemática pela Faculdade Einstein - FACEI. Pós-graduado no Ensino de Física pela Faculdade Única de Ipatinga - FUNIP. Atua como professor de 5º ano e de Matemática de 6º ao 9º ano na Prefeitura Municipal de Governador Nunes Freire - MA desde 2011. Atua como professor de Matemática de 6º ao 9º ano e Ciências do 9º ano na Prefeitura Municipal de Presidente Médici - MA desde 2014.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3370854727374954>

Índice Remissivo

A

- abordagem 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 24, 25, 29, 31, 36, 38, 52, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 68, 69, 72, 73, 77, 80, 81, 85
- acadêmico 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 35, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 74, 75, 78, 80, 81, 85
- acessibilidade 28, 30, 81
- acompanhamento 11, 12, 13, 17, 22, 26, 28, 57, 63, 69, 71
- adaptações 30, 31, 61, 63, 64, 74
- alunos 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 37, 38, 40, 41, 43, 49, 52, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 92, 93
- ambiente 15, 17, 18, 19, 22, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 37, 38, 40, 43, 45, 48, 50, 54, 57, 58, 62, 63, 64, 66, 67, 70, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87
- apoio 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 25, 28, 29, 44, 51, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 71, 72, 84, 85
- aprendizagem 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 96, 97, 98
- assistivas 15, 28, 30, 31, 61, 62
- atividades 14, 16, 17, 24, 29, 30, 31, 43, 45, 46, 47, 48, 50, 52, 53, 54, 60, 61, 62, 69, 71, 72, 74, 80, 83, 85
- atuação 11, 12, 13, 79, 80, 85, 86, 87

C

- cognitivas 13, 15, 16, 17, 23, 24, 29, 30, 53, 72, 73, 74, 80, 81
- cognitivo 26, 33, 35, 37, 40, 41, 78, 79, 83, 86
- comunicação 13, 15, 27, 29, 30, 41, 44, 51, 61, 63, 64, 72, 73, 82, 85, 86
- contexto 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 37, 38, 40, 41, 46, 51, 57, 58, 59, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 75, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 87, 88
- criança 24, 25, 26, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44,

45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 78, 80, 82, 83, 84,
87
curriculares 30, 31, 51, 52, 61, 63, 64, 65, 74

D

desafios 12, 14, 15, 19, 20, 26, 28, 29, 30, 31, 35, 37, 39,
40, 42, 44, 57, 62, 63, 64, 72, 76, 78, 81, 85, 88
desempenho 12, 13, 14, 17, 19, 22, 24, 25, 28, 46, 58,
60, 63, 65, 74, 78, 81, 85
desenvolvimento 11, 12, 15, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25,
26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 41,
78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87
diagnóstico 13, 17, 21, 22, 24, 60, 81
dificuldade 11, 12, 13, 14, 17, 21, 22, 23, 24, 58
disgrafia 21, 22, 23, 24, 25, 28, 29, 30, 31, 32
dislexia 13, 21, 23, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 89, 90
disortografia 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20
distúrbio 24
diversidade 26, 30, 58, 59, 64, 66, 67, 68, 70, 71, 73, 75,
83, 85

E

educação 11, 12, 13, 14, 17, 18, 21, 24, 25, 26, 27, 28,
30, 31, 32, 33, 35, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 53,
54, 55, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88
educacional 12, 14, 17, 21, 22, 24, 26, 27, 30, 31, 32,
40, 56, 57, 58, 59, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 70, 75, 76,
81, 83, 85, 86
educadores 12, 19, 29, 39, 45, 48, 49, 53, 54, 60, 75, 76,
82, 83, 85, 86
ensino 12, 14, 15, 16, 20, 26, 30, 31, 33, 34, 35, 37, 38,
39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 51, 52, 54, 58, 59,
60, 61, 62, 63, 64, 66, 68, 79, 82, 84, 86, 87
escola 14, 15, 19, 26, 28, 34, 35, 37, 38, 39, 41, 44, 46,
48, 49, 51, 59, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76,
80, 82, 83, 84, 85, 86, 87
escolar 11, 12, 17, 19, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31,
32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 50, 40, 41, 43, 57, 45, 48,
51, 54, 67, 57, 69, 64, 65, 78, 68, 69, 82, 70, 71, 73,
74, 75, 76, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88
escolaridade 24, 82
escrita 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 22, 23, 24, 25, 28, 29,

30, 31, 58, 60, 61, 62, 81
estratégias 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23,
24, 37, 25, 26, 27, 40, 28, 29, 30, 31, 32, 38, 41, 43,
57, 58, 52, 54, 56, 67, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65,
67, 68, 69, 70, 71, 72, 85, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 86
estudantes 12, 13, 14, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 38, 56, 57,
59, 63, 65, 66, 71, 79, 86

H

habilidades 13, 14, 15, 16, 17, 23, 24, 25, 26, 27, 28,
29, 30, 44, 46, 53, 58, 60, 61, 70, 71, 72, 73, 74, 84,
85, 86

I

importância 11, 12, 13, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 27, 29,
30, 31, 33, 34, 35, 37, 38, 40, 43, 45, 49, 50, 52, 54,
56, 58, 60, 62, 64, 65, 66, 68, 69, 71, 73, 75, 76, 78,
79, 80, 81, 83, 85, 87
inclusão 16, 17, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 30, 31, 57, 59,
65, 66, 67, 68, 70, 71, 75, 79, 80, 81
inclusiva 11, 12, 13, 18, 21, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 56,
57, 59, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 73, 75, 76, 80, 86,
88
infantil 33, 40, 43, 44, 45, 50, 53, 54, 78
interpessoais 26, 27, 33, 35
intervenções 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23,
25, 27, 28, 56, 58, 63, 64, 68, 76, 80, 81, 85

L

lúdico 43, 44, 45, 47, 48, 49, 52, 53, 54

N

necessidades 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 25, 26, 27, 28,
29, 30, 31, 35, 48, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64,
65, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 81, 84, 85,
86

P

pedagógicas 12, 26, 27, 40, 41, 46, 59, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 76, 79, 81

práticas 11, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 23, 26, 27, 30, 40, 41, 49, 56, 57, 59, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 85, 86

processo 12, 15, 16, 17, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 31, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87

profissional 12, 13, 22, 26, 27, 29, 30, 34, 38, 53, 70, 79, 80, 85

psicopedagogia 11, 14, 18, 19, 24, 25, 27, 31, 65, 66, 72, 73, 76, 78, 79, 80, 86, 87

psicopedagógicas 11, 22, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 67, 58, 60, 75, 68, 70, 72, 73, 75, 76, 77

psicopedagogo 11, 12, 13, 17, 18, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 33, 56, 57, 58, 59, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 97

R

relações 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 79, 82, 83, 84, 87

S

socioemocional 15, 20, 22, 24, 57, 65, 72, 80, 81

suporte 11, 14, 16, 17, 18, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 45, 59, 61, 63, 65, 70, 72, 74, 78, 80, 85, 86

T

tecnologias 15, 16, 28, 30, 31, 41, 61, 62, 63, 64

transtorno 13, 15, 16, 18, 19, 25, 28, 30, 56, 57, 58, 59, 64

transtornos 22, 23, 25, 60, 70




AYA EDITORA
2024

